



Universidade Católica de Pernambuco
Pró-reitoria de pesquisa
Coordenação geral de pós-graduação
Programa de pós-graduação em ciências da religião
Mestrado em ciências da religião

Fúlvio Anderson Pereira Leite

O PROBLEMA DO MAL: Uma abordagem histórica e o discurso demonizante
iurdiano como resposta ao sofrimento humano

Recife
2019

Fúlvio Anderson Pereira Leite

O PROBLEMA DO MAL: Uma abordagem histórica e o discurso demonizante
iurdiano como resposta ao sofrimento humano

Dissertação apresentada à banca examinadora, como pré-requisito final da pesquisa do mestrado, objetivando cumprir as exigências necessárias do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP. Orientador Prof. Dr. Drance Elias da Silva.

Linha de Pesquisa: Campo religioso brasileiro, cultura e sociedade

Área de Concentração: Teologia, filosofia da religião e sociologia da religião

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva

Recife
2019

L533p Leite, Fulvio Anderson Pereira
O problema do mal: uma abordagem histórica e o discurso demonizante iurdiano como resposta ao sofrimento humano / Fulvio Anderson Pereira Leite, 2019.
112 f. : il.

Orientador: Drance Elias da Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2019.

1. Igreja Universal do Reino de Deus. 2. Sofrimento. 3. Demônio.
4. Pentecostalismo. I. Título.

CDU 284.57

Ficha catalográfica elaborada por Mércia Maria R. do Nascimento – CRB-4/788

FÚLVIO ANDERSON PEREIRA LEITE

O PROBLEMA DO MAL: Uma abordagem histórica e o discurso demonizante iurdiano como resposta ao sofrimento humano

Dissertação aprovada como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Data da defesa: 28 de fevereiro de 2019.

Banca examinadora

Prof. Dr. Drance Elias da Silva (Orientador) – UNICAP

Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza (Examinador interno) – UNICAP

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura (Examinador externo) - UPE

A minha esposa Leandra. Aos meus
filhos, João Pedro, Márcio e (Tiago).
Amores da minha vida.

Agradecimentos

Ao Pai bondoso e Eterno Deus-Trino, nosso louvor e gratidão por sua abundante e maravilhosa graça em minha vida.

A minha querida esposa Leandra Gueiros, mulher sábia, conselheira, amiga e grande incentivadora em todo tempo de estudo e formação. Aos nossos queridos filhos: João Pedro, o grandão de cinco anos, Marquinho, o caçula esperto de três anos e Tiaguinho que está na barriga da mamãe com 36 semanas de gestação, filhos da Aliança, presentes de Deus na nossa vida. Vocês são para mim uma cidade de refúgio, segurança e paz.

Aos meus queridos pais: Sr. José Chagas Leite (*in memoriam*) e D. Maria José Pereira Leite, aos meus irmãos Fábio Alexandre Pereira Leite (*in memoriam*) e Franklin Alberto Pereira Leite, os quais, amo e amarei até o fim.

Ao meu professor, orientador e amigo, Doutor Drance Elias da Silva, o meu respeito e profunda gratidão, pois, mesmo diante de tantos compromissos, aceitou o desafio de ser o meu orientador. Obrigado, professor Drance, pela caminhada dentro e fora da academia nesses dois anos de estudo, por suas aulas enriquecedoras e por sua paciência e disposição em me orientar nessa pesquisa.

Aos Professores da banca da qualificação e de defesa, Doutores José Tadeu Batista de Souza (UNICAP), Carlos André Silva de Moura (UPE), sou grato pelas ricas orientações recebidas ao longo da minha pesquisa e pelo privilégio de tê-los na minha banca final.

Aos amigos e colegas de docência no Seminário Presbiteriano do Norte, professor Dr. Stefano Alves dos Santos e professor Dr. José Roberto de Souza, vocês foram meus grandes incetivadores nesse mestrado. Muito obrigado por tudo.

Minha gratidão ao professor Dr. Roberto Mauro Cortez Motta (UFPE), que mesmo antes de eu ter sido aprovado na seleção do mestrado, foi solícito colocando-se à disposição com suas orientações, indicações de leituras e com ricas sugestões na montagem do pré-projeto. Depois de dois anos de caminhada, hoje posso também chamar de amigo.

A Igreja Presbiteriana Redenção, onde atualmente tenho o prazer de servir ao Senhor no ministério pastoral, pelo apoio ministerial durante esse tempo. Tempo de

desafios, mas acima de tudo de paz e amizade. Meus agradecimentos a todos os membros da família Redenção que tanto amo e sei que sou amado.

Ao Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), onde tive o prazer de estudar e me formar em 2006, e hoje tenho a grata satisfação de ser professor dessa Casa de Profetas (desde 2013).

Ao Colegiado da Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP. Aos amigos de sala, meu muito obrigado. Bom demais esse tempo de convivência com vocês. Emerson, André e João Paulo. Serei sempre grato a vocês.

Aos amigos de caminhada acadêmica, de encontros para cafés, boa conversa, apoio e muitas risadas: Rev. José Roberto, Rev. Edjaelson Pedro, Rev. Maurício Amazonas, Dr. Carlos André. Obrigado pelo tempo de você, pelas sugestões e indicações de leitura que me auxiliou na elaboração desse trabalho. “Em todo o tempo ama o amigo; e na angústia nasce o irmão”.

Registro meus agradecimentos, André Reinaux, Urbano Neto, tio Neto, Gabriela (Bebéia), Stela (minha sogra). Sou imensamente grato a Deus pela confiança, amizade, pelo apoio concedido em tempos difíceis, respeito e pela rica contribuição em todo esse processo de formação. Sem o qual seria quase impossível ter dado início a esse mestrado.

A todos, muitíssimo obrigado!!!

A melhor forma de expulsar o diabo, se ele não se render aos textos das Escrituras, é zombar dele e ridicularizá-lo, pois ele não suporta o desdém.

Martinho Lutero

Lista de imagens

1. O Diabo apresentando o livro dos vícios a Agostinho, Michael Pacher	31
2. Monge tentado pelo Diabo	44
3. Bispo Edir Macedo. Primeiro culto “O antigo galpão de uma funerária”.....	63
4. O Bispo, Uma biografia “autorizada”	64
5. Capa do livro “Nada a Perder” Vol 1 “Uma autobiografia”	67
6. O bispo Rogério Formigoni, uma “entrevista” com um suposto espírito maligno que teria possuído uma fiel da IURD.....	73
7. Capa do Livro, “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?”	87

Resumo

Esta dissertação tem por objetivo analisar o problema do mal na história e o discurso demonizador iurdiano. O discurso iurdiano são que demônios anseiam apossar-se do homem e, com isso, objetivar, desgraçar vida, causar miséria e dor no homem. O discurso e retórica de Macedo e seus pastores não tem por objetivo trazer respostas, alívio ao sofrimento humano, mas, legitimação, expansão no cenário religioso e ganhos economicos. Os casos em que não se obtém uma libertação do demônio, são explicados pela lógica da falta de fé, pela ausência de uma verdadeira entrega à igreja – a pessoa não se libertou de verdade das garras de satanás. A demonologia está presente no dia-a-dia, perpassando todos os níveis de discursos e práticas com uma grande fluidez. Está amplamente incorporada na vivência e no cotidiano de seus membros, obreiros e pastores. O discurso demonizante baliza a fala e a vivência de cada membro. Tudo que ocorre há uma força reguladora: o que se curou pela oração da fé do pastor; o que não se curou pela incredulidade do fiel. Todo sofrimento humano tem uma única explicação, uma origem apenas: o diabo. A origem de qualquer espécie de mal é sempre advinda dos demônios que se manifestam através da possessão demoníaca. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Também tem como um de seus focos de ação investir na disputa por territórios do campo religioso brasileiro, para analisar utilizamos o conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu e para analisar a retórica da IURD empregamos as etapas do discurso, tal como foram analisadas pela retórica clássica de Aristóteles: inventio, dispositio, elocutio, actio e memoria, que representam as quatro fases pelas quais passa aquele que compõe um discurso ou pelas quais acredita-se passar. Nossa metodologia para essa pesquisa foram alguns livros, jornais e pregações produzida pela IURD.

Palavras-chaves: O mal, desobstrução, sofrimento, discurso demonizante

Abstract

This dissertation aims to analyze the problem of evil in history and the demonizing discourse of Yurdians. The Yurdian discourse is that demons long to take possession of man and, with this, to objectify, disgrace life, cause misery and pain in man. The discourse and rhetoric of Macedo and his pastors is not intended to bring answers, relief to human suffering, but legitimization, expansion in the religious scene and economic gains. The cases in which liberation from the devil is not obtained are explained by the logic of lack of faith, by the absence of a true surrender to the church - the person has not truly freed himself from the clutches of Satan. Demonology is present in everyday life, crossing all levels of discourses and practices with great fluidity. It is widely incorporated in the daily life of its members, workers and pastors. The demonizing discourse marks the speech and experience of each member. Everything that occurs has a regulating force: that which has been healed by the pastor's prayer of faith; that which has not been healed by the faithful's incredulity. Every human suffering has only one explanation, only one origin: the devil. The origin of any kind of evil always comes from demons who manifest themselves through demonic possession. The Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), also has as one of its focuses of action to invest in the dispute for territories of the Brazilian religious field, to analyze the concept of religious field of Pierre Bourdieu and to analyze the rhetoric of the UCKG we use the stages of discourse, as were analyzed by the classical rhetoric of Aristotle: invention, dispositio, elocutio, actio and memory, which represent the four phases through which passes the one who composes a discourse or through which it is believed to pass. Our methodology for the research were some books, newspapers and preaching produced by the UCKG.

Keywords: Evil, unblocking, suffering, demonizing discourse

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1 - O mal na tradição cristã: O Diabo entra em cena	21
1.1. O mal no período Antigo e a demonologia em Agostinho	21
1.1.2. Desilusão Maniqueísta	24
1.1.3. A solução do problema do mal na interpretação de Agostinho	26
1.1.4. Demonologia em Agostinho	28
1.1.5. Os Demônios em Tomás de Aquino	38
1.2. O mal no período Medieval	36
1.3. O mal no período Moderno	44
Capítulo 2 - O mal no período Contemporâneo: O Diabo brasileiro	46
2.1. No Pentecostalismo brasileiro.....	49
2.1.2. Demonologia Pentecostal	54
2.1.3. Existe possessão demoníaca hoje?	55
2.2. No Neopentecostalismo iurdiano.....	57
2.2.1. Causas impulsionadoras do crescimento do neopentecostalismo	59
2.2.2. Edir Macedo e o surgimento da Igreja Universal do Reio de Deus	62
2.2.3. Demonologia Neopentecostal	67
Capítulo 3 - O discurso iurdiano sobre o mal	75
3.1. Retórica e persuasão	77
3.1.2. História das teorias e argumentação	79
3.1.3. Sobre o discurso retórico	80
3.1.4. A Retórica Aristotélica	81
3.2. Os vários discursos de manipulação e poder iurdiano	82
3.3. O discurso iurdiano nas etapas do discurso da retórica Aristotélica	96
Considerações finais	98
Referências	101

Introdução

Segundo Rubem Alves, “a Religião é um processo de alienação, ou seja, é a transferência de algo objetivo, externo de um ser para com o outro” (ALVES, 1999, p.74). Ressalta-se que a construção dos princípios divinos é advinda de fatos condizentes com o social do homem que é transformado em forças especiais pertinentes ao lugar de um ser superior. Assim, pode-se classificar a Religião como uma instituição, ou seja, dotada de poderes: social e econômico, tendo como a aplicação desses pertences no meio humano, através de ações sociais para com o cidadão, contribuindo assim para uma melhora na real situação de cada ser que aqui compõe o meio social.

Com o alto nível de globalização, o campo religioso brasileiro tende a se diversificar ocorrendo mudanças na configuração do referido campo, provocando, assim, ameaças quanto aos monopólios religiosos até o momento constituído. Assim campo religioso brasileiro é marcado por sua pluralidade religiosa. De acordo com os dados do último censo no Brasil (2010) no passado não tão distante, era possível perceber um país hegemonicamente Católico Romano. No Censo de 2000 e 2010, os percentuais mais expressivos, no que se refere às religiões no país, indicam a contínua queda do catolicismo, de 73,8% em 2000 para 64,6% em 2010, ao lado também do contínuo crescimento evangélico (várias denominação) de 15,4% para 22,2%, e por fim o crescimento, em menor ritmo, dos sem-religião, de 7,28% para 8% (TEIXEIRA, 2013, p.63).

O que chama atenção dentro desta tendência declinante é que, pela primeira vez, a queda percentual católica se dá de forma absoluta. A população do país cresceu e o número dos católicos diminuiu. A hegemonia católica vem caindo ao longo dos anos, de 99,7% em 1872 para 64,6% 2010. Apesar dessa diminuição, o catolicismo romano ainda é a denominação religiosa da maioria dos brasileiros.

Porém, os dados de interesse do Censo 2010 dizem respeito ao aumento do número de evangélicos no país no período de 10 anos (2000-2010). Tal crescimento é alavancado pelos pentecostais, que representam uma população de 13,3%, chegando ao percentual de 60% de todos os evangélicos do país. Destaca-se ainda o fato de terem crescido em todas as regiões do Brasil, com presença marcante nas periferias das grandes regiões metropolitanas e fronteiras agrícola e mineral do norte.

O censo (2010) destaca, surpreendentemente, um declínio no universo dos neopentecostais. Os indícios de acentuada redução do ritmo de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Essa diminuição significou uma queda de 2,1% (2000) para 1,9% (2010), ou seja, uma perda de 9,5% que em números absolutos representa 228 mil fiéis (TEIXEIRA, 2013, p.65).

Esta pesquisa delimita-se a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Propõe-se analisar a IURD por ser a maior denominação cristã neopentecostal do Brasil e por seu poder de alcançar as mais diversas camadas da sociedade. Tem-se como objetivo apresentar uma análise que possa visualizar primeiramente o discurso maniqueísta sobre o mal e sua influência na vida dos fiéis. Na experiência da IURD, não existe meio-termo: o mundo está dividido entre pessoas “libertas” e “não-libertas”, sendo que nestas há a constante atuação do diabo (OLIVA, 2007, p.68). Para IURD o diabo, é inimigo e o causador de todos os males da humanidade. A IURD se configura no cenário nacional como a instituição neopentecostal mais expressiva. Tal afirmativa se confirma a partir dos Livros, programas de televisão, programa de rádio, revistas, jornais e a ocupação territorial com uma grande quantidade de igrejas no Brasil, com mais de 7 mil templos.

Com este trabalho tem-se como objetivo apresentar uma abordagem sobre o mal na história e sua associação com a figura do diabo como explicação para a dor e aflição do homem. Bem como as implicações sobre o discurso do mal proposto pelo IURD, que aponta que o mal que aflinge a humanidade tem a cara do Diabo.

No cristianismo ocidental a imagem do diabo esteve sempre presente. Registra-se que o reformador Lutero conviveu com muitas assombrações em relação aos demônios, referindo-se a essas questões em suas cartas. Não só diz ele ter ouvido ali o demônio, no tremendo barulho que o parecia perseguir dia e noite, mas assegura tê-lo visto, sob a “sensível aparência de um cão preto, dentro do seu quarto” (LUTERO, 2017, p.3). Diante da realidade do sofrimento humano em certa medida inevitável, inerente à própria condição humana. Frente ao discurso neopentecostal iurdiano, que o mal é uma realidade que aflige todos os homens, buscamos analisar a construção do discurso demoníaco iurdiano como solução aos males da humanidade.

No Brasil, o pentecostalismo pode ser compreendido como a história das três ondas de implantação de igrejas. O sociólogo Paul Freston foi o primeiro a analisar o crescimento do pentecostalismo no Brasil e o classificou em “três ondas” de implantação. A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal

norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembléias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos (MATOS, 2006, p.38).

A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas voltadas, de modo especial, para a profecia e a cura divina (MATOS, 2006, p.38).

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas “neopentecostais”, com sua forte ênfase na teologia da prosperidade. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra. A ênfase da primeira onda foi o batismo com o Espírito Santo e o conseqüente falar em línguas. A da segunda onda foi a cura e a terceira onda com forte ênfase na teologia da prosperidade, a guerra contra ao diabo e exorcismo (MATOS, 2006, p.39).

Sobre as características que melhor definem o movimento neopentecostal, Mariano destaca três aspectos fundamentais:

1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos: 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade: 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, remitada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente. E não é só isso. Elas verdadeiramente agem como empresas e, pelo menos algumas delas, possuem fins lucrativos. Resulta destas características a ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais. Esta ruptura com sectarismo e o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma mudança muito grande nos rumos do movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo (MARIANO, 2005, 38).

O acontecimento mais marcante das últimas décadas no âmbito religioso do Brasil foi o surgimento do fenômeno neopentecostal, notadamente sua expressão mais espetacular, a Igreja Universal do Reino de Deus. Sendo o neopentecostalismo um fenômeno recente, essa manifestação religiosa ainda é objeto de uma identificação mais precisa, inclusive no aspecto terminológico. O fato é que essa manifestação representa, ao lado de alguma continuidade, profundas rupturas com o

pentecostalismo clássico e muito mais com o protestantismo histórico (MATOS, 2006, p.39).

Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a IURD tem mais de 6 mil templos, 12 mil pastores e 1,8 milhão de fiéis ao redor do país. São cerca de 8 milhões de seguidores e 15 mil pastores em 105 países, sendo mais popular em nações de língua portuguesa. É uma das maiores organizações religiosas do Brasil e a 29ª maior igreja em números de seguidores do mundo (CAMPOS, 2008, p.30-32).

Uma das palavras-chave que identificam a IURD é guerra contra o diabo. “Concentra-se num confronto direto com o Mal, personificado essencialmente pelo Diabo, que segundo sua doutrina é o centro e causa de todos os males que possam afetar a vida do fiel” (COSTA, 2017, p.12). A partir dessa doutrina são destrinchados todos os rituais voltados para a “libertação” desse Mal.

O neopentecostalismo tem ganhado espaço no tecido social brasileiro há algumas décadas. Ele tem avançado como força de representação política, gerando novas formas de enxergar a realidade. “Dos diversos temas que podem surgir da pesquisa no campo neopentecostal, é o dualismo, o mundo está dividido em duas forças sempre antagônicas: o bem (luz) e o mal (trevas) em permanente luta” (PEÑA-ALFARO, 2006, p.111). Essa doutrina recebe grande importância, afinal, ela molda e dá capilaridade a diversas práticas cômicas do movimento.

Na IURD, o problema do mal, sofrimento e o infortúnio humano está diretamente ligado à atuação “demoníaca”. No livro: orixás, caboclos e guias o bispo Macedo revela que seu desejo é a libertação de pessoas endemoniadas e conseqüentemente sua cura. A IURD tornou-se a maior representante da teologia do demonismo dos nossos dias. Macedo, o líder maior da IURD, se apresenta no cenário evangélico nacional como perito na luta contra os demônios. Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra o que ele denomina de toda obra do diabo (MACEDO, 2002, p.25).

Talvez o leitor já tenha perguntado: “São os demônios culpados por todas as desgraças do mundo?” O fato é que realmente tudo o que existe de ruim neste mundo tem sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o ser humano, direta ou indiretamente (MACEDO, 2002, p.67).

Diante do que foi apresentado sobre o mal associado ao discurso demonizante proliferado pela IURD que todo sofrimento humano é interpretado como possessão diabólica surge a problemática da nossa pesquisa. O que está por trás deste discurso

e que relação existe entre os males que afetam a humanidade e os demônios produzido pela IURD? Estão todos os que sofrem sob ação demoníaca? Qual é a verdadeira face por detrás do discurso demoníaco ensinado pela neopentecostalismo brasileiro?

O mal sempre constituiu um problema essencial para as religiões e afeta a todos. “Ninguém escapa dessa realidade em suas mais diversas formas, desde o mal físico até aquele que nos atinge o mais recôndito do coração” (LIBANIO, 2006, p.13). Coisas terríveis acontecem a pessoas boas e decentes. Os melhores entre nós adoecem, sofrem, morrem e crianças inocentes contraem doenças incuráveis. A experiência do mal está ligada à existência humana como a sombra à luz.

A IURD, coloca-se como promotora do alívio à dor e ao sofrimento do homem pós-moderno. A IURD promete mais do que o Estado e a medicina podem proporcionar. A cura milagrosa da AIDS, a cura do câncer sem sofrimento e a cura de outros males são respostas oferecidas à aflição do fiel diante da dor e da morte (OLIVA, 2007, p187). Outra característica que justifica a pesquisa é que a IURD apresenta o Diabo e seus demônios como realidade objetivada. Ela não só constrói o Diabo e seus demônios como também constrói a identidade e a história de vida de sujeitos endemoniados e “desdemoniados” (OLIVA, 2007, p137).

A importância detida pelo demônio na Igreja Universal não constitui uma situação excepcional. A crenças em demônios, anjos, milagres, duendes e etc, crenças estas que parecem reaparecer em todo o mundo independentemente das camadas sociais e do estatus detido por uma sociedade ou nação.

Segundo a Revista Veja, 44% dos brasileiros acreditam no inferno, do que se infere ser provavelmente percentagem semelhante dos que crêem na existência do demônio (Revista Veja, 1997).

Tal afirmação pode ser feita baseada em outra pesquisa, realizada em 2002 e 2003, junto a estudantes de instituições do ensino superior públicas e privadas de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Luis do Maranhão, onde constatou-se que o percentual dos que crêem no demônio é de 40,4%, sendo que a crença no inferno praticamente coincide com a de demônios, 39,4% (ORO, 2004, p. 75-79).

Este trabalho tem como referência para pesquisa algumas obras de Agostinho e Tomás de Aquino. Os escritos de Agostinho que utilizamos para uma compreensão inicial sobre o problemática do mal foram as *confissões*, *Cidade de Deus* e o *livre-*

arbítrio, e, os de Tomás Aquino, foram na *Suma Teológica volume I,II e Sobre o Mal*. Nessas obras os autores tem como ponto de partida o mal ontológico, moral e físico.

Uma outra fonte primordial para nossa pesquisa foi o livro de Leonildo campos, *Teatro, templo e mercado: A igreja universal do reino de deus e as mutações no campo religioso protestante*. O livro faz uma análise do fenômeno neopentecostal que tem sido o grande centro em torno do qual tem girado o estudo das Ciências da Religião no Brasil. Seu surgimento mais recente entre os grupos religiosos, sua abrangência na sociedade brasileira moderna, seus métodos inovadores de proselitismo e propagação de suas crenças e sua proposta política mais agressiva estão entre os temas que têm sido comumente mais tratados pelos estudiosos. O autor procura mostrar que o fenômeno neopentecostal não é só charlatanismo ou fanatismo. Tomando o caso a IURD como exemplo ele tenta mostrar que num mesmo espaço acontecem simultaneamente o teatro, o templo e o mercado.

Utilizamos o conceito de campo, de Pierre Bourdieu, como fundamentação teórica. Bourdieu entende que todo o campo é um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças (BOURDIEU, 2004, p. 22). Para ele, qualquer que seja o campo, é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições (BOURDIEU, 2004, p. 29).

Dentro dessa perspectiva, o conceito de campo nos ajuda a entender como foram construídas estrategicamente relações de poder pelos diversos agentes sociais na construção de um espaço social marcado por novas ideias políticas, religiosas e, principalmente, com relação ao futuro do protestantismo. Ainda nessa perspectiva, também será analisada a proposta sobre a compreensão da estrutura de legitimação e expansão do campo religioso de atuação da Igreja Universal do Reino de Deus.

Bourdieu também apresenta dois conceitos como indissociáveis para pensar as tensões presentes no campo religioso, pois se entende que o campo é o lugar de disputa pelo poder simbólico, marcado pela disputa do monopólio dos bens de salvação. (BOURDIEU, 2007, p.59). Dentro dessa perspectiva, o conceito de campo nos ajuda a entender como foi construída estrategicamente a ideia da IURD como detentora do capital simbólico de uma instituição que pode lutar contra o mal a partir de mecanismos cúlticos criados pela mesma.

A presente trabalho terá como método a técnica de pesquisa bibliográfica, a consulta se limita aos livros, jornais online e pregações, também utilizaremos teóricos que abordaram o assunto relacionado ao neopentecostalismo, a sociologia da religião e ao diabo como o mal presente de todas as coisas.

Dividimos o trabalho em três capítulos, o primeiro tem por finalidade apresentar as definições sobre o que é o mal e o pensamento demonológico em Santo Agostinho, Tomás de Aquino e dos reformadores Matinho Lutero e João Calvino. Isto implica numa análise filosófica quanto teológica do pensadores citados. A o pensamento agostiniano aborda a existência dos anjos bons e dos anjos maus, denominados por ele como demônios. Além disto, pretendeu-se verificar os seus escritos sobre o Mal em seus três níveis: o metafísico, o moral e o físico.

Tomás de Aquino frente ao problema do mal natural circunscreveu a origem do mal natural às coisas criadas, às causas segundas. Desse modo para Tomás, a existência de Deus não entra em contradição com a presença do mal no mundo, mas esta se torna uma evidência da bondade divina. Em seguida explora o aspecto sobre a natureza imaterial dos anjos, sobre o poder dos demônios, a limitação da atuação dos demônios sobre os homens.

Na reforma protestante, apresenta-se o pensamento de Lutero e Calvino. Observa-se nos escritos do monge agostiniano ser ele mais sensível à crença da figura do diabo e sua influência sobre o homem. Percebemos que diabólico não estava entre os temas centrais da teologia de Calvino, também não havia em nenhuma exacerbação no emprego dos termos “diabo”, “Satanás” ou “demoníaco” para explicar o cotidiano das pessoas.

No segundo capítulo, chega-se a era contemporânea e dá-se continuidade à abordagem histórica do desenvolvimento do problema do mal e a demonologia vigente dentro desse período. Os movimentos cristãos evangélicos em foco foram o pentecostalismo com sua ênfase no dualismo (Deus bom X Deus mal) e o neopentecostalismo, com uma atenção especial a Igreja Universal do Reino de Deus, que propõe uma ressignificação sobre o mal e a atuação do diabo na vida dos fiés.

Por fim, o terceiro capítulo teve como objetivo analisar os vários discursos de poder, domínio e legitimação da IURD, difundidos pelas mais variadas mídias: Tv, Internet, programa de rádio, livros e por seus pastores nas reuniões semanais nos seus templos espalhados por todo território nacional. Sendo esse um poderoso

instrumento de persuasão e controle de seus seguidores, ganhos econômicos e de supremacia sobre as outras religiões dentro da disputa no campo religioso brasileiro.

Capítulo 1 – O mal na tradição cristã: o diabo entra em cena

Apóstolo Tiago

“... resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”.

Tiago 4:7

Este capítulo propõe-se a apresentar o pensamento de Agostinho e Tomás de Aquino sobre as discussões em torno do mal e sua relação com o diabo. O objetivo deste capítulo não é fazer uma varredura investigando os pensamentos dos muitos importantes filósofos e teólogos da história antiga que labutaram sobre o tema do mal. Delimitamos nossa investigação tomando por referência os escritos dos dois principais expoentes da teologia e filosofia cristã da história; na patrística, Agostinho de Hipona; e na idade média, Tomás de Aquino. Nenhuma outra tentativa posterior de elaboração sobre o mal e suas implicações foi formulada sem levar em consideração o trabalho desenvolvido pelos maiores pensadores da patrística e da escolástica.

Agostinho foi quem iniciou os estudos angeológicos no cristianismo ocidental. Ele afirma que os demônios são capazes de interferir na esfera de ação humana, mas não tem poder para dominar, e sim tem astúcia para persuadir.

1.1. O mal no período antigo e a demonologia em Agostinho

Agostinho, conhecido universalmente como doutor da Igreja e filósofo, viveu entre 354 e 430 dc. Foi consagrado como grande pensador da condição humana, por meio da investigação de temas como conhecimento e amor; memória e presença; sabedoria; Deus e o destino do homem. Nasceu na cidade africana de Tascaste e teve dois filhos Patricius e Mônica. Sua conversão ao cristianismo ocorreu em agosto de 386 (BROWN, 2005, p.23). No ano seguinte foi batizado por Ambrósio. Isso situa sua conversão aos 32 anos de idade. No tocante ao problema do mal, Agostinho se deparou com essa questão cerca de 13 anos antes de sua conversão, ou seja, aos 19 anos de idade (OLSON, 2001, p.262).

Antes da sua conversão ao cristianismo, Agostinho concebia Deus como um ser sumamente bom que é incorruptível, inviolável e imutável. O problema do mal e de sua origem é sem dúvida uma de suas maiores inquietações e que, mais tarde, tornou-se uma questão de suma importância em seu pensamento filosófico-teológico,

especialmente após sua conversão ao Cristianismo. Ele foi um grande leitor e apreciador das obras de Cícero. Foi no momento da leitura de *Hortensius* que se deparou com o paradoxo ciceroniano com o qual “os homens desejam, por natureza a felicidade”, e a realidade dos males praticados pelo homem e os seus próprios males (COSTA, 2014, p.33).

O bispo de Hipona propôs uma forma de abordar o mal enfatizando largamente que o mau uso do livre-arbítrio humano é a causa e origem do mal (AGOSTINHO, 2004, p.26). No seu entender, o mal deve ser encarado como uma privação ou deformação do bem (AGOSTINHO, 2016, p.73), e que, portanto, ele é não substancial. Assim, o mal é um “*não ser*”, desta forma não poderia ter sido criado por Deus, uma vez que Ele é essencialmente bom, assim como, por consequência, sua criação (AGOSTINHO, 2016, p.73).

É no anseio de encontrar uma solução ante ao problema do mal que Agostinho percorreu e labutou contra esse problema por longos anos na ânsia de achar uma resposta satisfatória. O jovem Agostinho ainda não convertido ao cristianismo, primeiramente encontrou em sua busca desesperada, algum contento na resposta oferecida pela seita gnóstica maniqueísta sobre o mal.

Os maniqueus estavam preocupados em responder a uma simples pergunta: como é possível compatibilizar os males presentes no mundo: as injustiças, as desgraças, os ódios, as pestes, as calamidades, as misérias dos homens, os defeitos das sociedades, e muitas outras, com a bondade de Deus? Ou seja, Deus — o Bem, pode ser causa do mal? ou devemos admitir a um outro ser, tão poderoso quanto Ele, a causa do mal?

O maniqueísmo¹ é uma religião dualista de origem iraniana, fundada no século III d.C pelo Profeta Mani (c. 216-274 d.C.). Originado na Babilônia (uma província da Pérsia na época), o maniqueísmo uma vez floresceu no mundo antigo. No auge, a

¹**MANIQUEÍSMO** - Doutrina do sacerdote persa Mani (lat. *Manichaeus*), que viveu no séc. III e proclamou-se o Paraclete, aquele que devia conduzir a doutrina a perfeição, de elementos gnósticos, cristãos e orientais, sobre as bases do dualismo da religião de Zoroastro. Admite dois princípios: um princípio bem, ou princípio da luz, e outro do mal, no princípio das trevas. No homem, esses dois princípios são representados por duas almas: a corpórea, que é a do mal, e a luminosa, que é a do bem. Pode-se chegar ao predomínio da alma luminosa através de uma ascese particular, que consiste em três selos: abstenção de alimentar-se de carne e de manter conversas impuras (*signaculum oris*): abstenção da propriedade e do trabalho (*signaculum nianus*): abster-se do casamento e do concubinato (sig) *iaculum sinus*). O M. foi muito difundido no Oriente e no Ocidente: aqui durou até o séc. VII O grande adversário do M. foi S. Agostinho, que dedicou grande número de obras á sua refutação (SPONVILLE, André Comte. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.363).

religião reivindicava seguidores do norte da África para a China. O maniqueísmo é uma religião dualista que postula uma luta contínua entre as forças do bem e do mal no universo. É também uma religião eclética que tentou fornecer uma síntese dos ensinamentos religiosos anteriores. Seu fundador, Mani, afirmou ser o profeta final de todas as religiões.

A doutrina fundamental do maniqueísmo é a concepção dualista da estrutura do mundo. Em outras palavras, a característica predominante dessa doutrina é uma dualidade radical e oposição, como por exemplo, entre a Luz e a Escuridão e entre o Bem e o Mal. A luz reside no conhecimento, na revelação, na alma, nos céus, no repouso e na perseverança, isto é, no bem; enquanto a Escuridão reside na ignorância, na matéria, no corpo, no Mal. Os Maniqueus acreditavam que o Rei da Luz era todo bom (onibenevolente). No entanto, ele não era todo-poderoso (onipotente). Essa crença entra em conflito com a visão cristã clássica da Deidade, que é ao mesmo tempo Deus é bom e todo poderoso.

Por meio desse dualismo, o maniqueísmo centrava no homem a origem do mal, uma vez que o homem era encarado como um híbrido de matéria (corpo=mal) e alma (bem). Em suma: sendo a matéria a responsável pelo mal físico, o homem (através do corpo) é responsável pelos males, inclusive o mal moral (COSTA, 2002, p.67).

Para o maniqueísmo o mal é uma força real presente no universo, então é natural pensar que deve haver duas forças opostas que causam o bem e o mal. Não fazendo sentido pensar que o bem causaria o mal, pois o bem é contrário ao mal. Pensar que o bem causa o mal é semelhante a afirmar que o calor causa frieza ou a luz provoca a escuridão. É um pensamento contraditório. Desde que encontramos abundante bondade no universo, deve haver uma boa causa para isso: o mal também estar no mundo. Então, deve ter uma causa que seja distinta da causa do bem. Os maniqueus levaram a sério o problema do mal e adotaram o dualismo teísta para resolver o problema do bem e do mal, alegando que deve haver dois princípios eternos opostos.

Um dos pontos fundamentais no maniqueísmo é a maneira como enfrenta as questões morais, ou como procurava resolver o problema do mal moral no homem. Sendo este, inclusive, o principal que atraiu muita gente para a seita, dentre eles o jovem Agostinho (COSTA, 2003, p.88). No sistema maniqueísta, o problema do mal

moral no homem está relacionado a crença de que o homem não era livre, pois uma de suas partes, o corpo ou a material, era ontologicamente má, sendo o homem deterministicamente condenado a praticar o mal (COSTA, 2003, p.89). O mal moral, ou o pecado propriamente dito, não existe no maniqueísmo, já que não existe a responsabilidade ou culpa pessoal, mas só o mal físico ou cósmico. Mas não só no maniqueísmo, como em toda filosofia antiga (COSTA, 2003, p.91).

1.1.2. Desilusão Maniqueísta

O bispo de Hipona resolve então abandonar a seita dos maniqueus após quase nove anos associado. Seu afastamento definitivo se deu por não encontrar respostas satisfatórias mesmo depois do diálogo com Fausto, bispo dos maniqueístas, por não encontrar a verdade sobre algumas questões, cujas explicações não o convenciam e também por perceber que ele mesmo tinha mais conhecimento que o próprio bispo.

Agostinho relata a sua decepção com Fausto no livro das *Confissões*:

“Todavia, aborrecia-me o fato de não conseguir, entre a multidão de ouvintes, comunicar-lhe as dificuldades que me angustiavam, compartilhando-as familiarmente com ele, ouvindo respondendo a seus argumentos. Quando, finalmente e me foi possível, com alguns amigos, fazer que ele me escutasse num momento oportuno, então lhe apresentei algumas dificuldades que me perturbavam. Descobri logo que ele nada entendia das disciplinas liberais, com exceção da gramática, da qual conhecia apenas o corriqueiro. Tinha lido alguns discursos de Cícero, pouquíssimas obras de Sêneca, algumas obras de poetas, e umas poucas, de seus correligionários, escritas em latim mais cuidado (AGOSTINHO, 2016, p.104).

O envolvimento de Agostinho com os maniqueus deu-se em função de seus questionamentos com o problema do mal. Para os maniqueístas, o homem pratica o mal, pois tem uma natureza má. Essa natureza má o afasta do bem. Se o homem possui duas naturezas, conseqüentemente, não pode ser totalmente livre, pois possui uma inclinação para o mal.

Quando o mal se mistura com o bem, quando as duas naturezas se mesclam, o pecado pode acontecer. No entanto o bem não é responsável pelo mal. É natural no homem o mal, deste modo, ele não é culpado disso, pois ele não possui liberdade no que se refere ao mal (AGOSTINHO, 2014, p. 294).

O maniqueísmo aparentemente reunia os dois elementos que Agostinho tanto buscava. Primeiro, o apreço à sabedoria. Em segundo, o nome de Cristo, apresentando-se como uma religião cristã, ou melhor, o “verdadeiro” cristianismo

(COSTA, 2014, p.33). Agostinho nunca foi um maniqueu convicto, sempre se manteve desconfiado, e tal desconfiança só fazia aumentar a partir da leitura das ciências gregas onde encontrou pontos de embaraço com a doutrina maniqueísta. Algumas das dúvidas maniqueias que lhe consumiam eram: Qual a origem do mal? Deus era limitado por sua forma corpórea, tinha cabelo e unhas? “Mas levava ainda consigo alguns princípios metodológicos dos maniqueístas como o racionalismo, o materialismo e o dualismo (corpo e alma) (BRANDELLERO, 2011, p.1). Para os maniqueus Deus é luz, um ente corpóreo e as almas são partículas desta luz divina.

Os maniqueus erram ao considerar o mal como um ser, visto que é uma pura ausência de ser; é preciso ir mais longe e dizer que, sendo nada por definição, o mal sequer pode ser concebido fora de um bem. Para que haja um mal, é necessário que haja privação; portanto, é necessário que haja uma coisa privada. Ora, enquanto tal, essa coisa é boa e somente enquanto privada é má. “O que não é não tem defeitos. Assim, cada vez que falamos do mal, supomos implicitamente a presença de um bem que, não sendo tudo que deveria ser, é, por isso, mau”. (MORAES, 2016, p.6). O mal não é somente uma privação, é uma privação que reside num bem como em seu sujeito.

Agostinho não se contentou em afirmar essa tese geral, mas aplicou-a especificamente ao caso do mal voluntário, que é o pecado. Com efeito, o ato voluntário e livre pode ser assimilado por uma substância qualquer, que seja dotada de medida, de forma e de ordem. Uma vez colocados esses princípios, torna-se possível explicar a presença do mal no mundo. Ao manifestar sua natureza puramente privativa, eles liberam Deus da censura de tê-los criado, pois o que não é nada não pode ter sido criado; Deus ao criar, o mal seria inevitável, pois criar é tirar do nada e o que vem do nada é corruptível; enfim, eles permitem resolver este difícil problema: se a criação *ex nihilo*² implicasse necessariamente o mal, não seria melhor nada criar?

Após o término dos seus estudos, aos 21 anos, Agostinho volta à cidade de Cartago na África, onde cria um grupo de amigos, momento em que inicia sua rejeição ao maniqueísmo e solidificação do pensamento filosófico futuro. O bispo de

² O termo “*Ex-nihilo*” é em latim, quer dizer do nada. Significa criar quando nada existia. Portanto seu significado é que o mundo foi feito a partir do nada. Sem nenhum material pré-existente (teologia/criacionismo). A frase é atribuída ao filósofo grego Parmênides.

Hipona, mesmo inserido no contexto maniqueu, ainda conservava em seu âmago os ensinamentos católicos de sua mãe, e assim como a inquietação que serviu para que ele adentrasse ao maniqueísmo e se afastasse da fé católica (ou seja, a leitura de Hortensius, ao que levou a uma racionalização, e uma explicação mais racional que mística), fora o mesmo motivo para o fazer rejeitar todo o sistema maniqueu.

Agostinho, agora baseado em um contexto cético-racionalista, passa a desacreditar paulatinamente da seita. Aos poucos Agostinho mostra-se insatisfeito com a tentativa científico-racional do maniqueísmo para explicar áreas como astronomia, geometria e outras ciências. Após comparar os escritos gregos com os escritos de Mani, Agostinho percebe a então incompatibilidade da ciência com tal religião, criando uma desconfiança para com doutrina maniqueia (SILVA, 2015, p.8).

Agostinho, refletindo sobre a resposta proposta pelos maniqueus, dizia que essa resposta estava errada, não poderia haver um princípio do mal capaz de se opor ao do bem.

Os diversos e opostos princípios do bem e do mal não podem existir, porque a Onipotência de Deus seria destruída. A luta entre as trevas e Deus não está certa; uma das duas coisas: ou a escuridão que você pode fazer algum dano a Deus, e neste caso não seria incorruptível, ou você pode fazer absolutamente nada, e neste caso a luta é inútil (SÁNCHEZ, 2003, p.81).

Com esses pensamentos, Santo Agostinho percebeu o erro maniqueísta e o problema do mal passou a estar novamente em evidência. Acreditava que os maniqueus não faziam senão semear preocupações e confusões sobre este assunto. Eles destruíram a doutrina sobre a existência dos dois princípios, um bom e um mau, e não conseguiram determinar a questão sobre a origem do mal no homem.

1.1.3 A solução do problema do mal na interpretação de Agostinho

Convertido ao cristianismo, Agostinho procura refutar as falsas doutrinas maniqueias apresentando uma explicação que se tornou ponto de referência durante séculos. Para o bispo de Hipona, o mal não é um ser, não tem caráter ontológico, não tem nada de positivo, enfim ele é um não-ser. Ele diz: “O mal não tem natureza alguma, pois a perda do ser é que tomou o nome de mal”. Se todo o bem fosse retirado das coisas boas, nada sobraria, pois o mal não é uma substância como queria os maniqueístas, e assim sendo seria impossível que o mal tenha se originado de Deus, pois Deus é aquele que dá o ser às coisas.

Agostinho observou que o mal não poderia ser escolhido, pois ele não era algo a ser escolhido. Alguém pode apenas afastar-se do bem, isso é, de um grau maior para um grau menor (na hierarquia) desde que todas as coisas são boas. Pois, segundo ele, quando a vontade abandona o que está acima de si e se vira para o que está abaixo, ela se torna má – não porque é má a coisa para a qual ela se vira, mas porque o virar em si é mau. O mal, então, é o próprio ato de escolher um bem menor. Conclui-se para Agostinho que a fonte do mal está no mau uso do livre arbítrio das pessoas.

Agostinho aprofunda ainda mais a questão. Examina o problema do mal em três níveis.

Do ponto de vista metafísico-ontológico, não existe mal no cosmos mas apenas graus inferiores de ser, em relação a Deus, graus esses que dependem da finitude do ser criado e dos diferentes níveis dessa finitude. O Mal moral é o pecado. Esse depende da nossa má vontade. E a má vontade não tem “causa eficiente”, e sim muito mais, “causa deficiente”. O mal moral, portanto, é “*aversio a Deo*” e “*conversio ad creaturam*”. O fato de se ter recebido de Deus uma vontade livre é para nós grande bem. O mal é o mau uso desse grande bem. O mal físico, como as doenças, os sofrimentos e a morte, tem significado bem preciso para quem reflete na fé: é a consequência do pecado original, ou seja, é consequência do mal moral (AGOSTINHO, 2004, p.16).

Sobre a problemática do mal, Agostinho desenvolveu duas respostas: a primeira, a ideia de negação ontológica segundo a qual o mal é um não ser, ou como ele mesmo diz nas “Confissões” o mal não existe (AGOSTINHO, 2016, p.13); e anos mais tarde ele desenvolveu uma segunda resposta calcada na ideia do livre arbítrio (AGOSTINHO, 1995, p.2). Curiosamente, ambas as respostas oferecidas pelo bispo de Hipona foram desenvolvidas num contexto de combate a movimentos heréticos: num primeiro momento os maniqueus, e anos mais tarde os pelagianos (COSTA, 2014, p. 45).

A seguir serão apresentadas as duas teses elaborada pelo doutor da igreja como solução ao problema do mal: a ideia da negação ontológica e a ideia de que o livre-arbítrio é a origem do mal. Na obra *Solilóquios e a vida feliz*, ao exaltar a grandeza de Deus e seu relacionamento com a criação, Agostinho afirma: “Deus, que não fazes o mal e fazes que este não seja pior [...] Deus, que mostras aos poucos, que se aproximam do que é verdadeiro, que o mal é nada” (AGOSTINHO, 1998, p.1). Nesse trecho, Agostinho afirma pelo menos três questões importantes: Deus não é a causa do mal, Deus controla o mal, e o mal é nada. Mas, o que significa dizer que o

mal é nada? O argumento de Agostinho nesse sentido é da derivação (pela privação ou pelo uso incorreto do livre-arbítrio) como se verá mais adiante.

Nas *Confissões*, ao se questionar se Deus é o autor do mal, Agostinho arrazoia: “Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo bem, criou bens menores do que Ele; mas, enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois vem o mal?” (AGOSTINHO, 2016, p.5). Nesse trecho Agostinho exime Deus da autoria do mal. Então, qual é a sua resposta? O mal é uma deformidade ou uma privação. O mal é não substancial (AGOSTINHO, 1998, p.1). Os conceitos de deformidade e privação explicam o que Agostinho quis dizer quando se refere ao mal como “nada”.

Com o passar dos anos, as controvérsias nas quais esteve envolvido, e o amadurecimento de seu pensamento, conduziram Agostinho a oferecer uma segunda resposta às suas próprias indagações: a origem do mal está no descabido exercício do livre-arbítrio (GILSON, 2006, p.274) Ou seja, Agostinho postula a voluntariedade e a responsabilidade pessoal de cada pessoa. A não utilização devida do livre-arbítrio, torna possível a presença do mal no mundo. No final do primeiro livro da obra “Livre-arbítrio” a conclusão de Agostinho: “A definição da essência do pecado mostra que ele procede do livre-arbítrio” (GILSON, 2006, p.274).

No que concerne ao problema do mal para Agostinho, entende que o mal ontológico não existe, e que no universo criado e governado por Deus não há espaço para o mal físico, que este se manifesta no mundo não como ser, mas como não-ser, não substância. O mal, ao contrário, caracteriza-se por uma ausência do que deveria ser, ou, pelo que não é. Sobre a resposta definitiva agostiniana ao problema do mal, segundo Marcos Costa, o mal moral é a única forma propriamente dita do mal, cuja causa e origem encontra-se na má vontade do homem, que livremente, decide não se submeter à ordem estabelecida por Deus, amando mais a criação, inclusive a si próprio, do que a Deus (COSTA, 2014, p.38).

1.1.4 Demonologia em Agostinho

A demonologia agostiniana pode ser estudada em três das suas obras, *Contra os Acadêmicos* (2014), *A Doutrina Cristã* (2014) e *A Cidade de Deus* (2013). A obra *Contra os Acadêmicos* foi o primeiro livro escrito por Agostinho. Trata-se de um diálogo em que o filósofo inicia sua busca pela sabedoria, o que aliás é o próprio assunto da obra. Agostinho tinha acabado de se converter ao cristianismo.

A segunda obra, *A Doutrina Cristã*, é a carta magna de Agostinho sobre a maneira de entender e pregar a Sagrada Escritura. Nela podemos sentir o imenso amor e conhecimento profundo de Agostinho pela Bíblia.

A Cidade de Deus é sua obra principal. O livro é dedicado à história de Roma; nela, Agostinho busca defender os cristãos das acusações feitas pelos pagãos de que Roma era forte enquanto cultuava os deuses, e tornou-se fraca e acabou por ser saqueada em 410 d.C. por causa do fortalecimento do cristianismo. A todo momento ele atribui a denominação de “demônios” às divindades romanas, num evidente abuso de linguagem.

A proposta desta abordagem é classificar e analisar as definições demonológicas em Santo Agostinho. Isto implica uma análise tanto filosófica quanto teológica do pensamento agostiniano sobre a existência dos anjos bons e anjos maus, denominados por ele como demônios.

No livro *Contra os Acadêmicos*, Agostinho registra por meio de um estenógrafo, o debate entre dois de seus discípulos, Licêncio e Trigécio, ambos conterrâneos do filósofo. Numa relação entre discípulos e mestre, o diálogo transcorre sobre o modo de ser feliz na procura da verdade, sobre a definição de sabedoria e sobre o verdadeiro significado da ciência e das coisas humanas e divinas.

Moraes, comentando sobre significado da ciência e das coisas humanas e divinas em Agostinho, ele nos diz:

E é exatamente neste último aspecto que aparece a magia e a superstição como exemplos das coisas humanas, portanto, passíveis de erro por estarem presas à categoria do humano e vinculadas a seres intermediários entre o humano e o divino, ou seja, os demônios (MORAES, 2016. p.120).

O bispo de Hipona, na sua obra *Contra os Acadêmicos*, Livro VII, Cap. 20, compara os demônios aos animais desprezíveis. Diz ele: Não tem poder para dominar a razão, mas tem astúcia para persuadir.

Não que eu negue que as nobres artes liberais são de certo modo propriedade do nosso espírito. Mas declamar e recitar um verso alheio até os mais ignorantes são capazes de fazê-lo. Se tais coisas podem ocorrer à nossa memória, não é de admirar que possam ser percebidas por certos animais desprezíveis espalhados no ar, chamados demônios, que, concedo, podem superar-nos pela agudeza e sutileza dos sentidos, mas não pela razão. Ignoro de que modo misterioso e ocultíssimo aos nossos sentidos isso ocorre. Mas se admiramos a abelha que depois de depositar o mel, voa de cá para lá com uma habilidade pela qual supera o homem, nem por isso devemos antepô-la ao homem nem até apenas compará-la com ele. (AGOSTINHO, 2008, p.40).

A magia e a superstição então são colocadas sob a influência dos demônios e com forte apelo para os sentidos, ficando a razão à disposição dos homens para chegar às coisas divinas, que não estão submetidas ao erro (MORAES, 2016, p.175).



Imagem 1 - O Diabo apresentando o livro dos vícios ao Agostinho de Michael Pacher

A imagem acima representa o diabo reavivando os pecados da juventude. A luxúria não era estranha para Agostinho. No livro das Confissões lemos: Eu fui encarcerado não com o ferro de uma cadeia, mas com o ferro da minha própria vontade. O inimigo tomou conta da minha vontade, e disso ele fez uma cadeia e me prendeu. Como minha vontade era perversa, ela se transformou em luxúria, e a luxúria rendeu-se em hábito, e o hábito não demorou a tornar-se uma necessidade (COFISSÕES, 2016, p.49).

Para Agostinho, os demônios são capazes de interferir na esfera de ação humana usando os adivinhos para tal propósito, sendo cinco as formas mais comuns de adivinhação na Antiguidade, a saber, por meio das vísceras de animais sacrificados (*haruspicina*), na observação do voo dos pássaros (*auguratio*), no estudo das posições dos astros (*astrologia*), na interpretação dos sonhos (*oniromancia*) e no transe mediúnico (*vaticínio*). Todas estas práticas são vistas como mágicas e supersticiosas (MORAES, 2016, p.176-177).

Pereira³, no seu artigo: “Da irrealdade dos atos mágicos ao pacto satânico: magia, bruxaria e demonologia no pensamento eclesiástico” comentando sobre os fenômenos relacionados à magia, nos traz um recorte importante para esta pesquisa sobre o pensamento de Agostinho sobre a temática. Ela nos diz:

Uma primeira divergência diz respeito à realidade dos fenômenos relacionados à magia. Entre os escritores dos primeiros séculos do cristianismo é evidente uma generalizada crença nos atos mágicos.

³ Professora Titular de História Medieval da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Entretanto, já na Alta Idade Média, começa a transparecer, nos textos eclesiásticos, uma atitude de dúvida - tendendo para a negação - em relação à eficácia desses atos. Esta tendência ao ceticismo encontra-se já em Santo Agostinho. (PEREIRA, 2011, p.6).

Para o bispo de Hipona, não há que se crer nestas coisas falsas e extraordinárias, representações de imagens, transformações aparentes, ocorridas durante os sonhos sob influência direta do demônio. A partir de Agostinho, os teólogos vão desenvolver dois princípios essenciais, claramente refletidos nos cânones, penitenciais, concílios e decretais: um primeiro, o princípio da irrealidade dos atos mágicos, relega os poderes dos magos e o resultado de suas ações à categoria de miragens ou ilusões; o segundo, afirma a presença demoníaca nas ações dos magos. Os fenômenos mágicos não passariam de ilusões e prestígios diabólicos e Satã, onipotente e irresistível, na sua luta incessante contra o poder divino, figura como protagonista de toda magia. (PEREIRA, 2011, p.6).

Na obra *A Cidade de Deus*, Agostinho trata dos demônios em dois livros (VIII e IX). Segundo ele, os demônios são:

[...] espíritos perversos, possuídos da necessidade de prejudicar, para sempre desviados da justiça, inflados de orgulho, devorados pelo ciúme, sutis forjadores de engano. Habitam o ar, é certo, mas em castigo de inextinguível prevaricação é que, precipitados das altas regiões do céu, permanecem nesse elemento, como em prisão análoga à sua própria natureza. [...] Há, sem dúvida, homens indignos de participar da verdadeira religião, homens que, reduzidos a vergonhosa escravidão, estendem os punhos aos grilhões dos demônios. (*A Cidade de Deus*, VIII, Cap. 22).

Por não terem corpos mortais e serem habitantes dos ares, os demônios possuem uma experiência existencial maior que os homens e, por isso, através de alguns sinais ocultos aos seres humanos conseguem enxergar coisas futuras a estes, levando muitos ao engano (MOARES, 2016, p.179).

Portanto, em Agostinho, pode-se dizer que os demônios possuem um poder maior que os homens, que são mortais em essência e, devido a isto, são compelidos a reconhecer sua finitude no tempo de existência de suas vidas, e na busca de romper com esta finitude acachapante e limitadora, os homens procuram nos demônios um conhecimento que eles não possuem. Sabedores de tais desejos humanos, os demônios seduzem os homens mediante a prática de uma ciência (conhecimento) arrogante. Em *A Cidade de Deus*, IX, Cap. 20, lê-se:

Se consultarmos os Livros Sagrados, a própria origem do nome demônio apresenta particularidade digna de ser conhecida. Chamam-se *daimones* (demônios), por causa da ciência, pois a palavra é grega. Mas o Apóstolo, inspirado pelo Espírito Santo disse: A ciência infla e a caridade edifica. Quer dizer que a ciência não é útil senão quando acompanhada pela caridade e,

sem a caridade, a ciência infla o coração e o enche do vento da vanglória. Assim, os demônios têm a ciência sem a caridade; daí a ímpia soberba que os impele a usurpar ainda, quanto possível, junto de quem lhes é possível, as honras divinas e a homenagem de dependência devidas ao verdadeiro Deus. (AGOSTINHO, 2015, p. 20).

De uma forma ou de outra, ao tratar dos demônios, Agostinho tem que tocar na temática do mal, da personificação do mal e das consequências deste na vida dos seres humanos. Para Agostinho, o problema do mal aparece em três níveis: a) metafísico - ontológico; b) moral; c) físico. Mais tarde, Leibniz desenvolveu sua Teodicéia influenciado pelas análises agostinianas e pela estruturação do mal nos três níveis desenvolvidos por Santo Agostinho (MOARAES, 2016, p.180).

O mal no nível metafísico está relacionado aos graus inferiores do ser em relação a Deus, graus esses que dependem da finitude do ser criado e dos diferentes níveis dessa finitude. O mal, não tem ontologia em Agostinho. Mas se o mal não possui ontologia,, como explicá-lo na ordem da criação perfeita da divindade? Como explicar na história vivida por Agostinho, a queda do Império Romano e assim promover uma defesa eficaz do cristianismo contra os hereges que atribuíam essa desgraça ao afastamento dos romanos dos seus antigos deuses? Como explicar as terríveis consequências do mal no mundo se este não é nada? Visando dar uma resposta satisfatória aos seus inquiridores, Agostinho escreve sua obra máxima, A Cidade de Deus (MOARAES, 2016, p.180).

No texto intitulado: *Os demônios de santo agostinho*, encontramos uma importante contribuição para melhor entender sobre o mal e a demonologia em Agostinho. Mas quando o Mal entrou no Mundo? Moraes afirma que para Agostinho foi no começo da criação, pois pode-se ler no livro de Gênesis que Deus separou a Luz das Trevas, e isto não se refere somente a sucessão de dias e noites, mas também a separação dos anjos bons e dos anjos maus (MORAES, 2016, p.181).

Poder-se-ia pensar num mundo angelical que existiu antes da criação do Cosmos, já que Deus é atemporal, e onde se pode detectar o ponto de partida de todo pecado, pois ali, Satanás teria se reunido com os seus asseclas para promover uma rebelião contra o Altíssimo, mas seguindo está visão estaríamos mais propensos a aceitar uma visão literária de John Milton do que a explicação teológica de Agostinho. Segundo a explicação de Agostinho, quando Deus fez a Luz, foram criados todos os anjos, bons e perfeitos em essência, pois eles são como luz personificada, radiantes pela iluminação da verdade, mas alguma coisa aconteceu que fez com que os anjos caíssem e se afastassem dessa Luz (*aversi a luce*), tornando-se assim, por escolha livre, o oposto da luz, ou seja, a treva que se separou da luz. Ao criar a Luz, diz o texto bíblico, que Deus viu que ela era boa, mas não diz o mesmo sobre as trevas angélicas, pois segundo Agostinho, Deus permitiu a sua existência, mas não a aprovou como fizera com a Luz (MORAES, 2016, p.181).

Agostinho admite que a Bíblia não fornece informações a respeito da história anterior dos anjos. O Gênesis não os menciona nos sete dias da criação, e temos que nos voltar para os Salmos ou Jó para sabermos que os anjos são realmente criaturas de Deus. Se os enquadrarmos na história da origem, concluiremos que foram criados no primeiro dia: nesse dia Deus criou a luz e os anjos como os primeiros participantes da iluminação divina (DCD, XI. 9). No mesmo dia, a Bíblia nos informa, Deus separou a luz das trevas: e aqui Agostinho vê a atuação de providência divina. “Somente Ele podia prever, antes que acontecesse, que ocorreria a queda de alguns anjos e que estes seriam privados de luz da verdade e deixados para sempre nas trevas de seu orgulho” (DCD, XI. 19). (KENNY, 2008, p.27).

Sobre a queda de Satanás, Agostinho nos fala em dois momentos na sua obra *A Cidade de Deus*, XI, Cap. 15. Ele diz: [Satanás] não se manteve na verdade, esteve na verdade, porém não se manteve nela.

O diabo peca desde o princípio, devemos entendê-las assim: Não peca desde o princípio de sua criação, mas desde o princípio do pecado, que começou a ser pecado com sua soberba. E o que está escrito no livro de Jó quando fala do demônio: Este é o princípio da obra de Deus, feito para escárnio de seus anjos, com o que parece concordar o Salmo que diz: Este dragão que formaste para que o escarneçam, não deve ser entendido de maneira que pensemos haver sido criado desde o princípio para que os anjos o escarnecessem e sim que, depois do pecado, se lhe cominou semelhante pena. Seu princípio é ser criatura do Senhor. (AGOSTINHO, 2013, p.30).

Com o mesmo propósito explicativo, Agostinho continua sua exposição na sua obra, *A Cidade de Deus*, XI, Cap. 13.

Mas, dir-se-á, talvez, a palavra do Senhor no Evangelho: O diabo era homicida desde o princípio e não se manteve na verdade não deve limitar-lhe o crime ao começo do gênero humano, ao instante em que o homem criado se tornou vítima de seu engano; não, é ele que desde seu princípio, infiel à verdade, expulso da bem-aventurada sociedade dos santos anjos, obstinado em sua revolta contra o Criador, se mostra soberbo, orgulhoso do poder particular e próprio que o engana, sedutor desabusado, porque não poderia fugir à mão do Onipotente. E, como não quis permanecer, por piedosa submissão, o que na verdade é, aspira, na cegueira de seu orgulho, a passar pelo que não é. Assim se entenderiam também as palavras do Apóstolo São João. O diabo peca desde o princípio, quer dizer, desde que foi criado rejeitou a justiça, que não pode possuir sem vontade piedosa e submissa a Deus. (AGOSTINHO, 2013, p. 38).

O Demônio, também chamado de Lúcifer, a estrela da manhã, caiu, como informado pelo profeta Isaías (14.12). Ora, se caiu, isso significa que antes de sua

queda houve nele perfeição e, portanto, não é possível que tenha sido criado mau por natureza. O defeito de Satanás não poderia estar construído em sua natureza ou substância, ele pecou não desde o começo de sua existência como criatura de Deus, mas num determinado momento quando a soberba lhe envolveu (MOARAES, 2016, p.183).

As superstições, os enganos, as fórmulas mágicas, são bons exemplos das estratégias usadas pelos demônios, segundo Agostinho, para enganar os homens desesperados e afetados pelo mal físico. Em seu livro *A Doutrina Cristã* afirma que

A superstição é tudo o que os homens instituíram em vista da fabricação e do culto de ídolos. Compreende duas coisas: de um lado, tudo o que compreende o culto de qualquer criatura como se fosse o próprio Deus. Por outro lado, tudo o que leva a consultar e fazer pactos e aliança com os demônios, por meio de sinais combinados e adotados, tais como os encontrados em fórmulas mágicas. Essas alianças, os poetas, de fato, costumam mais evocar do que ensinar. A essa categoria pertencem os livros dos arúspices e agoureiros, cheios de desenfreada vacuidade. A tal categoria pertencem também todos os amuletos e pretensos remédios condenados pela ciência médica e que consistem seja em encantamentos, seja em tatuagens chamadas caracteres; seja na maneira de suspender alguns objetos, de os prender e até de os fazer saltar. (AGOSTINHO, 2014, p.74).

Agostinho entende que os seres humanos, ao serem atingidos pelo mal físico e não querendo ou não podendo buscar a verdade, ancoram-se no erro e nas superstições, tornando-se presas fáceis dos demônios, pois tentam curar toda sorte de males, desde dor de cabeça a soluços apelando para as artes mágicas e não contentes com isso, tentam driblar os maus presságios através de sinais ensinados pelos demônios aos seus ministros, os sacerdotes praticantes da magia. Como se pode perceber, Agostinho ao tratar da demonologia de uma forma geral, reforça a teologia cristã que vinha se desenvolvendo já há alguns séculos.

1.2 O mal no período medieval

Neste ponto da pesquisa apresenta-se o pensamento e as contribuições do escolasticismo medieval sobre a problemática do mal, para tal se examinará a contribuição de Tomás de Aquino no tocante a esta temática.

Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca em 1221 e faleceu em Fossanova no dia 07 de março de 1274 (REALLI, 1990, p.553). Durante sua vida, escreveu exaustivamente. Suas principais obras são: *Quaestiones disputatae de veritate*, *Summa Contra os Gentiles*, *Summa theologiae*, *Compendium de theologiae* (REALLI, 1990, p.553-554). Nelas, em alguns momentos Tomás tratará da questão do mal

sempre o abordando em termos de privação ontológica. Ou seja, seguindo a esteira deixada por Agostinho, ele lidará com o problema do mal em termos de “não ser” (AQUINO, 1977, p.1).

Godoi afirma que Tomás de Aquino também lidou com a questão de modo um tanto específico num escrito intitulado *Questões disputadas sobre o mal* (GODOI, 2013, p.3). No entanto, a presente pesquisa não se limita apenas a abordar a problemática do mal, mas de correlacioná-la com a doutrina da providência divina. Nesse sentido, após descrever o tratamento dispensado por Aquino ao problema do mal, também se discorrerá um pouco sobre o seu conceito de providência. Para tanto se recorrerá a sua obra *Quaestiones disputatae de veritate*, especificamente o volume que trata da providência.⁴

Na *Suma Teológica* Aquino discute na questão 49 a causa do mal. Aquino introduz a questão 49 nos seguintes termos:

Seguindo o plano traçado, agora é de tratar daquilo que se refere à causa do mal. Esta questão traça e exige resposta a três problemas: o bem pode ou não pode ser a causa do mal? O Sumo bem, Deus, é ou não é a causa do mal? Há ou não há algum sumo mal que seja a primeira causa de todos os males? (AQUINO, 2016, p.100).

Se na questão anterior, de número 48, Aquino havia discutido a natureza constitutiva do mal, sua presença (ou não) nas coisas, e se o mal pode ou não corromper o bem em definitivo, agora ele se volta para o problema da causalidade. Talvez sua reflexão possa ser parafraseada nos seguintes termos: o mal é parte da criação como as demais coisas? Ou: Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, seria Ele mesmo a causa do mal? Respondendo a primeira indagação, a resposta tomista é: não (AQUINO, 1977, p.1). O mesmo se pode afirmar em relação à segunda indagação. Tratando da segunda indagação Aquino escreveu:

Em Deus não há nenhum defeito, sendo que Ele é a suma perfeição como foi demonstrado anteriormente. Por isso, o mal que consiste num defeito da ação, é causado pelo defeito do agente, e não, portanto, não deduz que Deus seja sua causa (AQUINO, 2016, p. 75).

Nota-se claramente que a intenção de Aquino é isentar Deus de qualquer culpa no tocante a origem do mal. Em vários escritos ele procede desse modo. E o faz exatamente por entender que sendo Deus o bem supremo e perfeito, dele não poderia provir o mal já que isto o comprometeria (GILSON, 2001, p.665).

⁴ No Brasil, a obra é publicada pela EDIPRO sob o título “A providência”. Maiores detalhes sobre a obra ver in: AQUINO, Tomás de. *A providência. Quaestiones disputatae de veritate*. São Paulo: EDIPRO, 2016.

Em linguagem objetiva, Aquino expõe a concepção de que o mal é “não substancial”.⁵ Entretanto, é preciso observar que mesmo não sendo substancial, “o mal pressupõe um substrato positivo” como bem observam Philotheus e Gilson ao comentar esse aspecto do pensamento tomista (PHILOTHEUS e GILSON, 1982, p.466). Em outras palavras, o mal é uma negação inerente de alguma substância. No Compêndio de Teologia, Aquino fala de tal negação nos seguintes termos:

Se alguém quiser objetar, contra as razões acima expostas, dizendo que o bem não pode ser sujeito do mal, porque, nas oposições, uma das coisas opostas não pode ser sujeito da outra, e porque em todas as oposições as coisas opostas não podem coexistir, deve-se responder a essa objeção dizendo que nas outras oposições as coisas contrárias estão sempre em um gênero determinado, ao passo que o bem e o mal são comuns ao ser em geral. [...] Mas o mal está no bem, como a cegueira está no sujeito da visão somente enquanto o sujeito da visão não é chamado de vidente, porque a ação de ver não é comum ao ser como tal (AQUINO, 1977, p.72).

Sendo assim, o bem por consistir de natureza substancial, é por natureza sujeito e substrato do mal. Na verdade, ele é o verdadeiro substrato do mal, uma vez que o mal depende do mesmo. Daí que ele é incapaz de eliminar o bem, uma vez que sem esse, sua realidade seria impossível. Nas palavras de Aquino: “Em última análise, o bem é a causa do mal; pois sendo uma privação na substância, é necessário indigitar-lhe uma causa. Mas só um ser, e, portanto um bem, pode ser causa” (AQUINO, 1990, p.155).

1.2.2 Os Demônios em Tomás de Aquino

Tomás de Aquino, no segundo volume da *Suma Teológica*, aborda o tratado da criação consagrado aos seres invisíveis que chama de anjos. Afirmar a existência de criaturas invisíveis, pessoais, inteligentes e livres. Diz que algumas se tornaram más ao pecar e se esforçaram para contrapor-se ao desígnio de amor de Deus conduzindo o homem ao pecado. Pode-se considerar como sendo um tratado sobre os demônios nas questões 50 a 64 e nas questões 107 a 114 da Primeira Parte da *Suma Teológica*. Aquino tem como fundamentação primária seus estudos sobre os demônios na Escritura. Ele, também toma com fonte os ensinamentos da tradição patrística e de pensadores que o antecederam, Agostinho, Gregório Magno e do pseudo-Dionísio.

⁵ Tomistas contemporâneos como Norman Geisler fazem a mesma afirmação. Ou seja, do mal como sendo não substancial. Ver in: GEISLER, Norman. Enciclopédia de Apologética. Respostas aos críticos da fé cristã. (GEISLER, 2002, p.535).

Para Costa⁶ a presença dos demônios no meio da criação constitui um mal é colocar-se contra o princípio metafísico, sustentado por Tomás de Aquino e por Aristóteles, de que o ente e o bem se convertem, que todo ente é bom e que todo bem é ente. Dizer que os demônios sejam um mal parece caluniar o Criador, de cuja vontade onipotente e perfeitíssima se originaram os demônios como seres criados. A Sagrada Escritura que nos informa que, concluída toda a obra da criação, “Deus viu que tudo era muito bom”, Gênesis, 1.31 (COSTA, 2006, p.24).

O demônio, se existe, e enquanto existe, existe porque Deus o quer; e o sustenta no existir; é uma criatura de Deus e veio da sabedoria onipotente de Deus. Assim, Argumenta Tomás:

Ora, sendo Deus o ser por essência, é necessário que o ser criado seja seu efeito próprio, como queimar é efeito próprio do fogo. Este efeito, Deus o causa nas coisas não apenas quando começam a existir, mas também enquanto são mantidas na existência, como a luz é causada no ar pelo sol enquanto o ar permanece luminoso. Portanto, enquanto uma coisa possui o ser, é necessário que Deus esteja presente nela, segundo o modo pelo qual possui o ser. Ora, o ser é o que há de mais íntimo e de mais profundo em todas as coisas, pois é o princípio formal de tudo o que nelas existe, como já se explicou. É necessário, então, que Deus esteja em todas as coisas, e intimamente (AQUINO, 2016, p.220).

A expressão “Esse” em Tomás de Aquino corresponde ao nosso verbo “Existir”, e não a “ser”, expressão que pode ser entendida ora como ação de ser, ora como sujeito de ser, ora como totalidade de ser. “... *quando esse incipiunt – e – quandiu in esse conservantur*” não quer significar conservar em ser, mas conservar em existir, em tendo existência. Quando *res habet esse* não significa “quando a coisa tem o ser” – que ser? – mas “quando a coisa tem que existir” (COSTA, 2018, p.45).

Na *Quaestio disputata de Malo*⁷, questão. 3, art. 4/58, Tomás explica dois modos pelos quais o diabo tenta induzir o homem a pecar. O diabo pode induzir o homem a pecar persuadindo-o internamente. O diabo move a vontade do homem como alguém que persuade [...]. O diabo engana [...] movendo os espíritos animais e humores internos do corpo, cujo movimento origina aquelas representações. É capaz de impedir o uso da razão, como nas possessões. [...] O demônio é chamado de tentador porque sonda os homens a fim de saber por quais representações eles são mais subjugados. [...] Deve-se dizer que, como afirmado acima, o diabo não pode ser

⁶ Doutor em Direito pela UFPE e presidente do Instituto de Pesquisas Filosóficas Santo Tomás de Aquino-PE.

⁷ *La Quaestio disputata de Malo* (publicado em tradução italiana também sob o título *Il male*) é uma obra de Tommaso d'Aquino dedicada ao tema do mal.

a causa do pecado do homem como alguém que mova diretamente a vontade, mas apenas como alguém que persuade. Ora, ele persuade o homem a fazer algo de duas maneiras: de maneira visível e de maneira invisível” (GUERCIO, 2017, p.1).

Conforme o argumento de Aquino, o diabo não é a causa direta do pecado do homem. Ele é aquele que persuade. O diabo fala ao homem tentando persuadi-lo internamente a pecar. Foi assim, com o primeiro casal no paraíso como é narrado, em forma imagética, no relato da queda do homem sob a forma de serpente (Gn 3). Ele age invisivelmente, mediante a persuasão interna descrita na passagem citada acima. O diabo pode ser a causa do mal como aquele que convence internamente e externamente um homem, mas não pode ser uma causa direta.

Concluí-se a partir dos escritos de Tomás de Aquino na *Suma Teológica* que o combate em si mesmo procede da maldade dos demônios, que por inveja se esforçam para impedir o progresso dos homens e por soberba usurpam a semelhança do poder divino, delegando determinados ministros para combater os homens, assim como os anjos servem a Deus em determinadas funções em prol da salvação dos homens.

Ainda segundo Tomás de Aquino, os demônios são anjos caídos e podem influenciar os humanos como os anjos. Ele diz que os demônios podem tentar levar as pessoas a pecar, embora as pessoas também possam pecar por vontade própria. Em contraste, todas as nossas boas ações são feitas através da assistência divina, mediada por anjos. Os demônios podem surpreender as pessoas com truques que parecem milagres, mas não podem realizar milagres reais.

Portanto, deve-se dizer que: Os anjos maus combatem os homens de duas maneiras. Primeiro instigando-os ao pecado. Neste caso, não são enviados por Deus, pois têm às vezes sua permissão para combater, segundo os justos juízos de Deus. Segundo, combatendo-os para puni-los. Neste caso, são enviados por Deus; por exemplo, quando foi enviado um espírito de mentira para punir Acab, rei de Israel, conforme está no terceiro livro dos Reis. O castigo provém de Deus como de seu primeiro autor. Entretanto, os demônios enviados para punir punem com intenção distinta daquela pela qual são enviados, pois punem por ódio e inveja, enquanto Deus os envia por causa de sua justiça.

Para que a condição da luta não seja desigual, o homem recebe em compensação principalmente o auxílio da graça divina, e em segundo lugar a guarda dos anjos. Por isso Eliseu disse a seu ajudante: “Não tenhas medo! Os que estão

conosco são mais numerosos do que os que estão com eles”, como está no segundo livro dos Reis.

Para a fraqueza humana bastaria, como exercício, o combate da carne e o mundo. Ora, isso não é o bastante para a maldade dos demônios, que aliás se servem de ambos para combater o homem. Todavia, por ordem divina, isso redundará em glória dos eleitos.

Conforme Tomás de Aquino, deve-se admitir que o diabo é a causa de todos os nossos pecados; porque foi ele quem instigou o primeiro homem a pecar, de cujo pecado resultou uma propensão ao pecado em toda a raça humana; e, nesse sentido, deve-se tomar as palavras de Damasco e Dionísio. Mas uma coisa é dita como sendo a causa direta de algo, quando sua ação tende diretamente a isso. E assim o diabo não é a causa de todo pecado: pois todos os pecados não são cometidos por instigação do diabo, mas alguns são devidos ao livre arbítrio e à corrupção da carne. Pois, como diz Orígenes, mesmo que não houvesse demônio, os homens teriam o desejo de comida, amor e prazeres semelhantes; em relação à qual muitas desordens podem surgir a menos que esses desejos sejam controlados pela razão, especialmente se pressupuser-se a corrupção da natureza humana. Agora está no poder do livre-arbítrio refrear esse apetite e mantê-lo em ordem. Consequentemente, não há necessidade de todos os pecados serem devidos à instigação do diabo. Mas esses pecados que são devidos ao homem perpetram “por serem enganados pelos mesmos prazeres que nossos primeiros pais”.

O problema do mal permeiou toda a era patrística, mas, teve seu ápice nos escritos daquele que foi o seu principal expoente, Agostinho. Ele foi teólogo, bispo, filósofo. Seus estudos inicialmente sobre a solução da problemática do mal estiveram voltados para a luta do bem e do mal (maniqueísmo), e posteriormente para o neoplatonismo. Em sua principal obra contra o maniqueísmo, *Da natureza do bem* (c. 405), Agostinho argumentou que não é preciso admitir duas forças iguais e opostas no universo (dualismo) para explicar o mal. Este não é uma natureza ou substância, mas a corrupção da natureza boa criada por Deus ou uma privação do bem (ausência do bem).

Tomás de Aquino dirá que o bem é causa do mal, mas não por si, e sim por acidente (*per accidens*). Tomás, seguirá os passos de Agostinho na proposição de que o mal não é substância, é “não-ser”. Ao apresentar a solução acerca do problema

do mal natural, Aquino circunscreveu a origem do mal natural às coisas criadas, às causas segundas, e coordenou tal solução com as doutrinas teológicas da providência, da criação e da bondade divina. Desse modo, a existência de Deus não entra em contradição com a presença do mal no mundo, mas esta se torna uma evidência da bondade divina.

Agostinho e Tomás Aquino opuseram-se a teoria da existência de dois deuses: um Bom e outro Mau. Para eles, tudo o que foi criado está sob o domínio de um único Deus. Agostinho e Tomás sustentam a doutrina baseada na Bíblia e no ensinamento da Igreja – que Deus criou todo o universo, tanto aquilo que é espiritual (os anjos), como aquilo que é material (entre eles, o mundo e os homens). No princípio tudo era bom, pois nenhum mal jamais pode vir de Deus. O diabo, que era um anjo repleto de dons e beleza, mais tarde encheu-se de arrogância e de rebeldia e voltou-se contra Deus.

Nos escritos de Agostinho e Aquino, as ações e estratégias do diabo por muitas vezes também está relacionado com o mal. É pensamento concordante entre os dois pensadores que as suas influências do diabo no homem é uma realidade para o cristianismo antigo. para Agostinho: Os demônios não tem poder para dominar a razão, mas tem astúcia para persuadir (AGOSTINHO, 2013, p.98). já para Tomás, bastariam para a fraqueza humana, os ataques da carne e do mundo, como exercitação; mas não bastam, para malícia dos demônios, que usam de ambos para atacar os homens.

A demonologia medieval pode ser associada ao pensamento de São Tomas de Aquino que, no século XIII, potencializa a figura demoníaca a partir da iconografia pagã que se utiliza da junção física de homem-animal para representar suas divindades. Neste caso, o bode, animal tido como símbolo de fertilidade, cede patas e cornos para a arte medieval representá-lo como personificação do mal. Neste momento, a figura de Satã é delineada claramente como o Anti-Cristo.

Assim, estabelece-se uma espécie de hierarquia demoníaca e uma classificação que é definida por "funções e poderes" de cada criatura. Encontra-se, por exemplo, referências aos Súcubos e aos Íncubos, que seriam, respectivamente, demônios de natureza feminina e masculina capazes de transmutar sua "aparência física" com o objetivo de manter relações sexuais com seres humanos durante o sono.

Imagem 2 – um antigo texto medieval que mostra o monge tentado pelo diabo

Na *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino, os demônios eram anjos, mas separaram-se de Deus e tornaram-se maus. A imagem acima retrata que o demônio atormenta o lado fraco das pessoas, suas inclinações e seus apegos.

1.3 O mal no período moderno

É justamente, portanto, no início dos tempos modernos que o Diabo vai passar por profundas e interessantes modificações:

“Até o século XV, o demônio servia ao ser humano, podendo variar o seu grau de sujeição. Neste sentido, a prepotência de Lázaro Aranha, que trata os diabos de cães, é ainda medieval” (OLIVA, 2007, p.113). A partir do século XV, a situação muda radicalmente: "o Demônio passa de servidor a amo". Assim sendo, e apesar de, numa primeira leitura, poder parecer o contrário, as atitudes de sujeição ao Diabo são modernas.

Na idade moderna a diabo assumi um papel muito mais ativo, oscilando entre aquele que tomava a iniciativa de procurar os seres humanos para pactuar e o que passa a invadir seus corpos.

Nogueira afirmou ter sido somente nos tempos modernos que o Inimigo de Deus pôde triunfar na imaginação das pessoas no mundo ocidental, sobretudo quando a imprensa permite difundir, com mais rapidez e detalhes tratados, opiniões, imagens etc. (NOGEIRA, 2002, p.71) "foi, portanto, no início da Época Moderna, que o inferno e seus habitantes tomaram conta da imaginação dos homens do Ocidente" (STANFORD, 2003, p.204).

O historiador da cultura Robert Muchembled afirma que visão sobre o Diabo passaria por transformações na idade moderna: “Até a Reforma, o demônio que se dirigia aos seres humanos era, na maior parte das vezes, enganado por eles” (MUCHEMBLED, 2001, p.151). Este quadro começaria a muda a partir da idade moderna: “Ora as coisas tomaram um rumo muito diferente no decorrer do século XVI. Por um lado, tanto luteranos quanto católicos afirmavam que o demônio não tinha necessidade de pacto para tomar posse de uma alma (MUCHEMBLED, 2001, p.152).

O mesmo autor deixa ainda mais evidente o contraste entre as concepções e as práticas acerca do Diabo na idade média e a idade moderna:

Pode-se observar, como Keith L. Roos, que o período que vai da Reforma ao Século das Luzes foi o único período da história do Ocidente a apresentar um pacto com o Diabo do qual este saía vencedor. A Idade Média preferia os demônios ludibriados, e a idéia do fracasso final de Satã retomou todos os seus direitos no folclore do século XVIII (MUCHEMBLED, 2001, p.153).

As transformações no modo como se compreende a ação diabólica, não mais como o servo humano que pode ser passado para trás, mas como um invasor de corpos, seriam acompanhadas de uma onda de difusão do exorcismo.

O exorcismo vai assumir contornos específicos na modernidade:

Em suas análises sobre a possessão na França e na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII, Daniel Pickering Walker notou que os exorcismos assumiram funções diferentes ao longo de toda a história do cristianismo. No primeiro século de existência, a Igreja usou os exorcismos como arma contra o paganismo... Na Idade Média, além de seu papel mais trivial eles tinham como principal finalidade a demonstração da santidade do exorcista ... A Reforma aprofundou ainda mais o papel dos exorcismos. Com ela, abriu-se a possibilidade de se utilizá-los como propaganda de um grupo cristão contra outro, ou seja, foram usados para converter os protestantes e para confirmar a fé e a prática devocional da Igreja católica (RIBEIRO, 2013, p67.).

Embora a Igreja não tenha abandonado o estudo demonológico durante a Idade Média, nem suas aplicações práticas, foi na Reforma Protestante que a centralidade bíblica voltou ao seu lugar de destaque. “O reformador acreditava que Deus pode curar, e algumas vezes associou a enfermidade ao diabo. Ele diz: doença podem ser proveniente de Satanás” (MAGALHÃES, 2016, p. 143).

Leonildo diz, não se pode deixar de mencionar as percepções da ação demoníaca no discurso de Martinho Lutero a respeito do diabo. “Lutero não somente escrevia sobre o diabólico, como também tinha percepção da presença física dos demônios, e sobre eles chegava até a jogar objetos, quando da presumida “visita” dos

emissários de Satã ao seu escritório” (CAMPOS, 2007, p.75).

Lutero escrevia cartas sobre sua experiência com o diabo.

O diabo está solto aqui (...) orai e mandai orar contra o insuportável Satanás, que nos visita não apenas na alma e no corpo, mas também em nossos bens e honra de forma ameaçadora. Queira Cristo, nosso Senhor, descer do céu e fazer um foguinho contra o diabo e seus comparsas, e que estes não mais consigam apagá-lo. Amém (OLIVA, 2007, p.68).

Dois pontos sobressaem na vida Lutero quando de sua permanência no castelo de Wartburgo: a sua idéia com relação ao demônio e as grandes tentações de que foi acometido.

Em suas cartas a cada passo refere-se às suas relações com o diabo, enquanto ali esteve. Não só diz ele ter ouvido ali o demônio, no tremendo barulho que o parecia perseguir dia e noite, mas assevera tê-lo visto, sob a sensível aparência de um cão preto, dentro do seu quarto.

Deste espetáculo terrível Lutero nos dará uma idéia, mais tarde, em suas conversas de taberna:

"Quando estava em meu Patmos", diz ele, "tinha fechado, dentro dum armário, um saco de nozes de avelãs. Certa noite, apenas me deitara, começou um barulho infernal nestas nozes que, uma por uma, foram lançadas com força, contra as vigas do forro. Senti sacudirem-me a cama, e ouvi nas escadas um ruído, como se lançassem para baixo uma grande quantidade de vasos. Entretanto, a escada havia sido retirada, para ninguém poder subir ao meu quarto, estando presa à parede com uma corrente de ferro"(MARIA, 1990, p.36).

Para Lutero, as doença, incêndios nas florestas ao redor, como problemas sociais graves ou conflitos eclesiásticos, tudo era atribuído à presença do inimigo de Deus (CAMPOS, 2007, p.75).

Sobre os camponeses revoltados, Leonildo escreve que Lutero escreveu um texto agressivo (1525) com o título "Contra as hordas ladras e assassinas dos camponeses" (CAMPOS, 2007, p.76). Nele, os camponeses revoltados são chamados de "cachorros loucos" e o que faziam eram "coisas do diabo".

Na cidade em que eles se concentravam, estava o "diabo-chefe que não promove outra coisa além de assalto, assassinato e derramamento de sangue". Aos príncipes e senhores, Lutero foi bem claro: "Aqui é hora da espada e da ira, e não hora de misericórdia" (CAMPOS, 2007, p.77).

O Reformador acreditava que os revoltosos estavam a serviço do diabo, não havendo então outra saída para os príncipes governantes senão a repressão

sangrenta. Mas o que desejavam os camponeses? Simplesmente o fim das condições sociais negativas surgidas durante o feudalismo.

Martinho Lutero, tinha certa fixação com a questão do Diabo, jogando gás de tinta, ejetando para afastá-lo, e sempre lutou para descarregar sua obsessão com o Diabo de acordo com a demonização dos católicos. Significativamente, até mesmo “Lutero reconheceu que a passagem sobre uma “guerra nos céus” mencionado em Apocalipse 12, não se referia a qualquer coisa que aconteceu no Éden, mas era uma descrição da perseguição aos cristãos parte de seus inimigos” (HEASTER, 2012. p. 80).

Para o reformador João Calvino (1509-1564), no texto *Instituição da Religião Cristã* (1986), foi extremamente econômico em seus comentários a respeito do demoníaco, inclusive ao estudar a “corrupção total” do ser humano. “Nesse texto, além de pouco afirmar a respeito do diabo e do demoníaco, Calvino condenava o excesso de curiosidade daqueles que desejavam avançar no conhecimento de temas sobre os quais a Bíblia, segundo ele, pouco informava” CAMPOS, 2007, p.78).

Para Calvino a escatologia, a questão do mal e do demoníaco faziam parte desse território desaconselhado. Para isso, Calvino empregava o argumento: se “O Senhor fechou sua boca sagrada, deixou-o [o curioso] também e não levou adiante sua curiosidade fazendo novas perguntas”(CAMPOS, 2007, p.79).

Mesmo assim há, em várias partes da Instituta, referências ao demoníaco e a intenção de Satanás de destruir a Igreja de Cristo e de impedir a descoberta de suas “verdadeiras marcas”.

Para Calvino, a corrupção do homem teve repercussões cósmicas; o homem foi privado de parte de seu domínio sobre a natureza; a produção econômica se tornou caótica; e a sociedade se perverteu. (BIÉLER, 1990, p.318).

Biéler relaciona a teologia de Calvino com a ação cósmica do demoníaco, que trouxe consequências em todas as dimensões da ordem cósmica. Ele diz:

Por causa de ter sido a “ordem natural destruída”, outros aspectos da vida como “a vida conjugal, a vida familiar e a vida social” foram perturbados pela presença do mal. Nesse aspecto, o demoníaco usurpou o que é de Deus – a natureza e todas as coisas criadas. E o homem, ao se tornar “desviado” de Deus, foi entregue à própria autodestruição. Porém, Deus pode tirar do mal o bem, providenciando a recuperação dos estragos infligidos por Satanás (BIÉLER, 1990, p.324-326).

Calvino e Lutero, embora raciocinassem a partir do substrato medieval a respeito da ação demoníaca, se diferem no fato de Calvino ser mais racional e se preocupar com o vínculo entre verdade religiosa e organização da sociedade. Em

outras palavras, o eixo calvinista da classificação das pessoas era a lealdade ou não às Escrituras, especialmente no que ela considerava ser o plano de Deus para eliminar o irracional ou o demoníaco.

No calvinismo, o diabo não passa de um instrumento nas mãos daquele que é realmente o responsável por aqueles atos, pois Satanás não faz nada que Deus já não tivesse predestinado de antemão que ele deveria fazer. Sendo assim, se há algo de mal no diabo ou em suas atitudes, é muito mais porque Deus determinou que seria assim do que por qualquer ato livre do diabo, visto que nem mesmo o diabo é livre.

Em face do exposto sobre o mal e o diabo na antiguidade, daremos um salto na história mas sem abandonar os fundamentos teológicos, filosóficos e históricos já lançados sobre o tema em estudo. No próximo capítulo abordaremos o mal no período contemporâneo. Foi nesse século que o diabo passou a ser compreendido como algo sem grande importância, mas foi ao longo do século XX que o diabo triunfou no cristianismo Pentecostal e posteriormente mais maciçamente no movimento Neopentecostal. Tomamos, neste trabalho, a Igreja Universal do Reino de Deus como a maior representante do neopentecostalismo no campo religiosobrasileiro.

Capítulo 2 - O mal no período contemporâneo: O Diabo brasileiro

Ensino do apóstolo Paulo

“Revesti-vos de toda armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo” (Efésios 6.11).

O objetivo deste capítulo é analisar o debate em torno do mal, sua correlação com o discurso acerca da ação do diabo que age, domina e torna-se a causa do infortúnio de pessoas. Para isso, a pesquisa foi restrita aos movimentos pentecostal e muito mais no neopentecostal, mais comumente denominado neopentecostal no Brasil, que há muito atualiza esse discurso aproximando-o da vida cotidiana do fiel.

Durante o texto, observa-se o surgimento e implantação no Brasil do pentecostalismo e neopentecostalismo e sua teologia acerca do mal e sua relação com os demônios como causa primária do sofrimento humano. Tendo como objeto maior de estudo o neopentecostalismo, apresenta-se os principais pontos de sua prática e discurso demonológico e o poder de influência sobre a vida dos fiéis.

O papel do diabo é bastante importante, ele é uma figura que se interpõe entre o fiel e Deus: nessa relação há o fiel iurdiano, o diabo e Deus, sendo que muitas vezes o poder de Satanás parece igualar-se ao de Deus, dada a ênfase em suas obras. E como se as palavras de Lutero no século XVI fossem transpostas para o XX: “Somos corpos submetidos ao diabo”.

Exorcismo é um dos elementos principais na IURD, é a possessão seguida do necessário exorcismo. Considerando as narrativas míticas acerca do caos gerado no mundo pela interferência do demônio, é visível que ele se mantém nos rituais e experiências da IURD.

Assim, como a teologia da “guerra” ou “batalha espiritual” advoga que evangelizar, pregar a mensagem cristã é lutar contra o demônio, que estaria presente em qualquer mal que se faz, em qualquer mal que se sofre e, ainda, na prática de religiões não cristãs. Apesar de a literatura sobre guerra espiritual no Brasil se concentrar na análise das igrejas neopentecostais com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus, a crença de que as religiões demoníacas atingem também as religiões espíritas e afro-brasileiras, além de ser geral no universo evangélico brasileiro, está também presente no catolicismo, especialmente entre os grupos carismáticos.

2.1. No Pentecostalismo brasileiro

Considerando o movimento pentecostal brasileiro no tempo, basicamente, há três teorias⁸ mais utilizadas para explicar o sequenciamento do movimento pentecostal brasileiro. A mais conhecida é a “teoria das ondas”, formulada pelo historiador norte-americano David Martin e adaptada no Brasil pelo sociólogo Paul Freston. Segundo esta teoria, o pentecostalismo nacional deve ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas (MORAES, 2016, 13).

A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembléias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos, com ênfase no batismo com o Espírito Santo. A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas voltadas de modo especial para a profecia e a cura divina.

⁸ Implementação do pentecostalismo no Brasil. - Outra ordenação segue a “teoria dos surtos”, formulada pelo sociólogo Antônio Gouveia de Mendonça. Segundo essa teoria, de tempo em tempo, apareceram repentinamente e irromperam ensinamentos tidos como pentecostais. Assim sendo, o primeiro surto do pentecostalismo brasileiro aconteceu entre 1910 e 1911, trazendo consigo as características do pentecostalismo do batismo no Espírito Santo. O segundo surto se deu nos anos 50 e se caracterizou pela cura divina e não mais pelo batismo no Espírito Santo. Em seguida, houve o terceiro e último surto. Trata-se do surto do chamado neopentecostalismo, que trouxe as marcas do dualismo (concepção teológica: Deus - o Bem, Satanás - o Mal, duas forças antagônicas lutando entre si, sendo Satanás o rival de Deus) e se caracterizando pela expulsão de demônios (libertação) e a Teologia da Prosperidade.

A terceira teoria, que pode ser formulada mediante a verificação e a análise interna do transcorrer histórico do pentecostalismo brasileiro, é a das ênfases. Mediante essa teoria, significa dizer que, ao longo do tempo, pastores, pregadores, ensinadores dentro das denominações tradicionais (metodista, batistas, presbiterianos, etc.) adotaram um ou dois temas e deram ou dão grande ênfase a eles, acentuando-os dentre os demais assuntos adotados e/ou ensinados em suas igrejas. Então, a primeira grande ênfase foi em torno do batismo no Espírito Santo com o falar em línguas. A segunda ênfase foi constituída da cura divina, dos milagres e da escatologia. E a última grande ênfase tem sido dada à libertação e à Teologia da Prosperidade. Assim, outros temas têm ganhado ênfase secundária: dons espirituais, santificação, evangelismo, missões, dispensações e escatologia. E a última grande ênfase tem sido dada à libertação e à Teologia da Prosperidade. Assim, outros temas têm ganhado ênfase secundária: dons espirituais, santificação, evangelismo, missões, dispensações e escatologia.

Moraes (2016) comenta que Leonildo Campos salienta a disseminação dinâmica do pentecostalismo inerente às explosões originais que movimentaram e continuam movimentando o cenário religioso nos mais diversos países. Ele menciona o intenso processo de fragmentação e de adaptação da prática religiosa pentecostal.

Este processo ocorre de forma fluída, inserindo-se nas frestas interinstitucionais e interculturais como uma mentalidade que se liquidifica, apresentando-se na forma de um conjunto de práticas, formando uma espécie de 'nebulosa pentecostal'. Como resultado de seu processo de expansão, o pentecostalismo se disseminou tanto na forma de movimento, denominação, seitas ou igrejas, como também de mentalidade. Desta maneira é que temos uma história do movimento pentecostal brasileiro, porém, sujeita a novos acréscimos devido à natureza plástica e expansiva do pentecostalismo, além de poder ser contada por meio de outras construções de narrativas históricas (MORAES, 2016, 14).

O movimento pentecostal surgiu no ambiente religioso altamente dinâmico e volátil dos Estados Unidos no século XIX. Estudiosos têm adotado diferentes abordagens na busca de compreender a gênese do pentecostalismo. Matos, citando o professor Leonildo Campos, aponta que este privilegia o enfoque sociológico, destacando como as peculiaridades culturais e as transformações sociais e econômicas dos Estados Unidos no século XIX contribuíram para a ocorrência do fenômeno. Outros autores têm dado maior ênfase às matrizes teológicas do movimento, acentuando que, apesar de toda a sua especificidade, o pentecostalismo é fruto de desdobramentos doutrinários ocorridos durante quase um século no cenário protestante norte-americano (MATOS, 2006, p.26).

A grande contribuição para o surgimento do pentecostalismo veio, mais especificamente, do movimento metodista, fundado no século XVIII, na Inglaterra, por João Wesley (1703-1791). Seu fundador foi influenciado pelo grupo pietista alemão denominado morávios, que pregavam a necessidade do novo nascimento e da conversão (ROMEIRO, 2005, p.30).

Sobre as origens básicas teológicas do movimento pentecostal muitos estudiosos localizam na tradição metodista⁹ liderado pelo avivalista John Wesley,

⁹ **Metodismo** - foi um movimento e hoje em dia é uma Igreja - surgiu na Inglaterra do século 18 como fruto da reflexão de um grupo de jovens estudantes. Inconformados com a situação de exclusão sócio-econômica de seu país e com os rumos da espiritualidade da Igreja oficial (Anglicana Episcopal) - ostentação e desleixo espiritual - o grupo de amigos, religiosos e bem instruídos, alunos da Universidade de Oxford, começou a questionar a hierarquia eclesiástica na sua atitude de viver voltada para si mesma, sem a capacidade de observar as necessidades dos seres humanos. Em 1730, surgiu oficialmente o chamado "Clube Santo" John Wesley, seu irmão Carlos, William Morgan e Bob Kirkham começaram a reunir-se em Oxford para estudar juntos, organizando uma pequena sociedade. Esforçavam-se por levar uma vida de estudos e de espiritualidade disciplinada e regularmente se

com sua pregação às massas não alcançadas pela igreja estatal inglesa. Wesley insistiu na importância da decisão pessoal por Cristo, negou o calvinismo¹⁰ clássico, afirmando que a salvação depende em última análise da escolha humana em resposta ao evangelho. Wesley afirma que Deus elege aqueles que ele sabe que irão crer e perseverar até o fim, que a graça divina é resistível e a salvação pode ser perdida, dependendo em todo o processo da indispensável ação humana. Além disso, Wesley ensinou a doutrina da inteira santificação ou perfeição cristã, considerando-a uma experiência distinta da conversão (MATOS, 2008, p.228).

John Wesley naquela época se encontrava um tanto quanto debilitado quanto a seu estado físico e julgou que não viveria muito tempo mais e estava buscando alguém que pudesse ocupar seu posto se ele chegasse a faltar (BARBIERI, 1999, p.01). Fletcher¹¹ foi escolhido por Wesley como seu sucessor. Foi Fletcher quem começou a descrever o movimento metodista com experiência em termos do batismo do Espírito Santo associado ao Pentecostes do Novo Testamento e faz a transição da ênfase cristocêntrica¹² de Wesley para uma ênfase pneumatocêntrica¹³ no contexto norte-americano (MATOS, 2008, p.228).

Históricamente podemos apontar um outro acontecimento que impulsionou a implantação do pentecostalismo moderno, foi o surgimento do movimento Holiness (Movimento de Santidade) que apontava um novo estágio do cristianismo mediante o exercício da glossolalia, como evidência da conversão (SOUZA, 2004, p.19). O movimento holiness originou-se nos Estados Unidos em meados de 1830 (Século XIX) como forma de preservar e propagar os ensinamentos de John Wesley sobre a

dedicavam a ensinar os órfãos, visitar os presos, cuidar dos pobres e idosos. Ali, eles foram chamados, pela primeira vez, de “metodistas”(GONZÁLEZ, 2009, p. 207).

¹⁰ **Calvinismo** - A tradição teológica que surge de João Calvino (1509-64). Como protestante, Calvino concordava com todos os princípios fundamentais do protestantismo, como a justificação pela fé, a auto-ridade das Escrituras, o sacerdócio universal dos crentes, a santidade da vida comum (ou seja, não monástica) etc. Sempre se considerou fiel expoente dos ensinamentos de Lutero, que por sua vez se referiu favoravelmente à obra teológica do jovem Calvino. Havia, contudo, certas diferenças entre Calvino e Lutero, e essas posteriormente deram origem à tradição calvinista ou reformada (GONZÁLEZ, 2009, p. 61).

¹¹ **John Fletcher** - Jean Guillaume de la Fléchère, um Suíço de língua Francesa que nasceu em Nyon em 12 de Setembro de 1729, O seu nome foi anglicizado para ajudá-lo a ser aceito por aqueles a quem ele foi chamado a pastorear e pregar - serviu o Senhor em Madeley (Inglaterra) de 1729-1785 e foi presidente da Trevecca, a universidade do Sul de Gales fundada pela Condessa de Huntingdon, concebida para treinar líderes cristãos durante o reavivamento do Séc. XVIII. Amigo Wesley, Fletcher foi considerado sucessor de John Wesley, mas, morreu em 1785, precedeu Wesley na morte. John Fletcher (1729 – 1785). Disponível em: <http://www.eismaqui.com.br/sem-categoria/john-fletcher-1729-1785/>. Acessado em: 05 de Setembro de 2018).

¹² Teologia centrada em Jesus Cristo.

¹³ Teologia centrada na pessoa do Espírito Santo.

santificação e perfeição completa do cristão. O movimento, que incluía muitas igrejas metodistas e de outras denominações. Após a Guerra Civil (1861-1865), a linguagem e a simbologia do Pentecostes bíblico passaram a influenciar cada vez mais as igrejas “holiness” (MATOS, 2008, 229).

No movimento pentecostal a santidade cristã passou mais e mais a ser entendida em termos do batismo com o Espírito Santo. Ao mesmo tempo, deu-se ênfase crescente ao Pentecostes como o modelo dos avivamentos e a importância de resgatar a vitalidade e poder do cristianismo primitivo. Até o momento o batismo com Espírito Santo não está relacionado a experiência de falar outras línguas (MATOS, 2006, 29).

O movimento da rua Azusa 312 chamou a atenção até de jornais seculares, que enviaram seus repórteres para descrever os fatos que lá ocorriam, com o intuito de divertir seus leitores (OLIVEIRA, 2003, p.59). O reavivamento da Rua Azusa foi uma reunião de avivamento (pentecostalismo/pentecostal) que se deu em Los Angeles, Califórnia, EUA. Liderado por William Joseph Seymour, um pregador afro-americano. Teve início com uma reunião em 14 de Abril de 1906 em um prédio que fora da Igreja Metodista Episcopal Afro-americana e continuou até meados de 1915 (SYNAN, 2009, p.59).

O avivamento foi caracterizado por experiências de “*glossolalia*” falar em línguas estranhas, cultos de adoração, e mistura inter-racial. Os participantes foram criticados pela mídia secular e teólogos cristãos por considerarem o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo, especialmente para a época. Hoje, o avivamento é considerado pelos historiadores como principal catalisador para a propagação do pentecostalismo (MATOS, 2006, 30).

Foi assim que o mundo ouviu falar pela primeira vez do avivamento da Rua Azusa, de um modo intenso e avassalador. Poucos leitores sabiam que os tremores subsequentes do fenômeno ocorrido na pequena igreja negra *holiness* da Rua Azusa continuaria a sacudir o mundo com ainda mais intensidade no decorrer do século. Poucos dias antes, um pequeno grupo de lavadeiras e serviçais domésticos havia acompanhado William J. Seymour até um antigo prédio da Igreja Episcopal Metodista Africana, na Rua Azusa, para dar início aos cultos. Seymour havia chegado à cidade poucas semanas antes com uma desconcertante mensagem, relativa ao “batismo no Espírito Santo” com a “evidência bíblica” do falar em línguas conforme o Espírito se

manifestasse. O que aconteceu na Rua Azusa mudou o curso da história da Igreja para sempre (SYNAN, 2009, p.60).

Faltava um último elemento para marcar o início do pentecostalismo propriamente dito: a ligação entre o batismo do Espírito Santo e a experiência de falar em línguas (*glossolalia*). Isso foi feito por um pregador *holiness*¹⁴ do sul dos Estados Unidos, Charles Fox Parham (1873-1929).

O professor Alderi Matos relata a primeira experiência da *glossolalia* nas seguintes palavras:

Parham vinha pregando essa ideia há vários anos, mas o fenômeno só ocorreu pela primeira vez em um culto de vigília realizado no seu instituto bíblico em Topeka, no Estado de Kansas, no dia 31 de dezembro de 1900. Ao pedir que lhe impusessem as mãos para que recebesse o Espírito Santo a fim de ser missionária no exterior, uma aluna falou em línguas, e nos dias seguintes muitos colegas e o próprio pastor tiveram essa experiência (MATOS, 2008, 229).

Os primeiros nomes dados ao movimento foi “fé apostólica”, “movimento pentecostal” e “chuva tardia”. Uma das ideias centrais foi o restauracionismo, ou seja, o desejo de retornar aos dias dos apóstolos. Aos primeiros tempos da igreja primitiva, idealizados como uma época de maior plenitude cristã. Ligada a isso estava a ênfase no poder do Espírito Santo, manifesto entre os apóstolos por meio de dons, sinais e maravilhas. A terceira expressão, “chuva tardia”, teve especial importância porque permitiu aos pentecostais entender seu relacionamento tanto com a igreja apostólica quanto com o iminente final dos tempos (SYNAN, 2009, p.136).

O Pentecostes original tinha sido as “primeiras chuvas” que acompanharam a evangelização e a plantação de igrejas. O pentecostalismo moderno são as “últimas chuvas”, o derramamento especial do Espírito que restaura os dons

¹⁴ **holiness** - Através dos anos, os pentecostais têm sido identificados por vários nomes. Embora muitas das primeiras igrejas pentecostais dos Estados Unidos fossem conhecidas como "igrejas holiness", o primeiro grupo estritamente pentecostal utilizava variações do nome Fé Apostólica. Esse foi o nome escolhido por Charles Parham para seu pequeno grupo em Topeka, por ocasião da descida do Pentecoste, em 1901. Quando seu discípulo negro e amigo William J. Seymour inaugurou a famosa Missão da Rua Azusa, Fé Apostólica também foi o nome adotado. Nos anos que se seguiram, outros nomes foram usados, alguns bem comuns, como Evangelho Pleno, Evangelho Pentecostal e Chuva Serôdia. Às vezes, os pentecostais eram chamados holly rollers ("santos rolares"), em tom de escárnio, pelo povo em geral, denominação rejeitada universalmente pelos adeptos do movimento. Muitas das novas denominações incluíam a palavra "pentecostal" no nome que adotavam, enquanto outras preferiam nomes doutrinariamente neutros, como Assembleias de Deus, Igreja de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja de Deus em Cristo. Durante muitas décadas. GONZALEZ, Justo. **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 161.

nos últimos dias em preparação para a colheita, o último esforço pela evangelização do mundo antes da volta de Cristo. (MATOS, 2006, p.31).

Desde o dia histórico de Pentecostes, quando ocorreu a descida do Espírito Santo, passando pelo reaquecimento do falar em línguas estranhas, do início a meados do século 20, a ênfase do culto pentecostal repousou na experiência dos dons do Espírito: línguas estranhas (*Glossolalia*), profecias, visões, curas (SOUZA, 2004, p.19).

2.1.2. Demonologia Pentecostal

No primeiro pentecostalismo brasileiro, que foi inaugurado entre 1910 e 1911, trouxe consigo as características do batismo no Espírito Santo. O segundo se deu nos anos 50 e se caracterizou pela cura divina e não mais pelo batismo no Espírito Santo. Como foi observado a tradição pentecostal tem sua ênfase primária na experiência do falar em outras línguas e no dom cura. Mas, a possessão de espírito, exorcismo e sua influência na vida dos homens são temas intrigantes para a reflexão antropológica no pentecostalismo. A tradição cristã pentecostal não rejeita o poder dos espíritos, os pentecostais os atribuem a um influente passado maligno, que continuamente precisa ser examinado e exorcizado.

O ponto inicial de partida sobre a possessão de espírito e seus males é apresentar a Declaração de Fé do maior grupo Pentecostal em solo brasileiro a Igreja Assembleia de Deus. A declaração de fé é um documento feito pela liderança da Assembléia de Deus no Brasil que é, o conjunto harmônico e bíblico, caracteriza-se por sua similitude no rigor da observação doutrinária estabelecida pela vivacidade da palavra de Deus. A sua publicação é o instrumento maior para conscientizar toda a Igreja Assembleia de Deus no Brasil. O documento de fé versa sobre vários temas essências e dentre eles “Os anjos decaídos”:

São os que se rebelaram contra Deus. Eles foram criados por Deus e eram originalmente bons e, assim como o ser humano, dotados de livre-arbítrio; porém, sob a direção de Satanás, eles pecaram e rebelaram-se contra Deus, tornando-se maus. São identificados como “espíritos imundos”, “espíritos malignos”, “demônios”. Eles são espíritos maus desprovidos de corpos, capazes de possuir corpos humanos e de animais: Satanás, o maior deles, entrou em Judas Iscariotes; Maria Madalena estava possessa por sete demônios. São as chamadas possessões demoníacas. Os efeitos dessas possessões são evidenciados por loucura com manifestação de força maligna incomum para a autodestruição. Quem está sob influência de um demônio não é senhor de si mesmo, e o espírito imundo leva a pessoa aonde

quer e fala pelos seus lábios ou os emudece. Há outras evidências dessas possessões, como mudez e surdez, cegueira e surdez, além de convulsões (DECLARAÇÃO DE FÉ, 2016, p.50).

A mesma declaração de fé faz uma ressalva importante sobre os ataques e efeitos das possessões. Quando a Bíblia fala sobre “espírito de enfermidade”, não está fazendo referência a um tipo de demônio, e sim a uma ação demoníaca que pode provocar uma enfermidade e aprisionar as pessoas. As enfermidades nem sempre são possessão maligna; às vezes, trata-se de um problema de ordem clínica. Jesus disse: *“eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã”* (Lc 13.32). Há, aqui, distinção entre doença e possessão demoníaca. Apesar de seus poderes sobrenaturais, os demônios nada podem fazer diante do poder de Jesus de Nazaré e nem dos crentes fiéis em Jesus: *“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive pecando; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca”* (1 Jo 5.18). Além disso, nós recebemos autoridade para expulsá-los em nome de Jesus (DECLARAÇÃO DE FÉ, 2016, p.50).

2.1.3. Existe possessão demoníaca hoje?

O teólogo pentecostal Guy P. Duffield¹⁵ no livro “Fundamentos de Teologia Pentecostal”¹⁶ responde a pergunta: Existe possessão demoníaca hoje? Ele diz: “Parece não haver razão para que o diabo não seja tão ativo hoje através de seu exército de demônios como nos dias anteriores, particularmente os estudiosos bíblicos” (DUFFIELD, 2002, p.274).

Nevius um missionário presbiteriano na China (1854 – 1892) fez um estudo dos fenômenos demoníacos na província de Shantung e apresenta evidências de uma possessão demoníaca disseminada na China. Por exemplo, o sujeito no momento da possessão tem um estado anormal (Marcos 9:18). Durante a transição, ele é muitas vezes lançado a um ataque histérico violento, caindo sem sentido ou espumando pela boca (Marcos 9:18, Lucas 9:39,42). Durante o ataque ele evidencia outra personalidade, sua personalidade normal naquele momento estando completa ou parcialmente adormecida (Marcos 5:7). A nova personalidade tem traços de caráter totalmente estranhos aos demoníacos em sua condição normal, e essa

¹⁵ O Dr. Guy P. Duffield (1909-2000) passou mais de 50 anos no ministério como pastor e professor.

¹⁶ É um livro de teologia sobre doutrina Pentecostal.

mudança de caráter é praticamente sempre na direção da impureza moral (Lucas 8:27). Eles muitas vezes fingem conhecer o Senhor Jesus como uma pessoa divina e mostram medo dele (DUFFIELD, 2002, 303).

Duffield destaca que missionários de muitas países dão testemunhos semelhantes. Eles são capazes de se revelar não apenas como “leão que ruga” (I Pedro 5:8), mas também como “anjo de luz” (II Cor 11:14). É possível que alguns indivíduos altamente educados, que se opõem à palavra de Deus em um racionalismo sofisticado, sejam instrumentos de demônios de maneira mais eficiente do que aqueles que sofrem as manifestações mais cruas da atividade demoníaca, como se vê nos países pagãos. Muitas vezes, apenas o dom espiritual do “discernimento dos espíritos” (I Co 12:10) pode detectar sua presença (DUFFIELD, 2002, 303).

Frank Hammond¹⁷, autor do livro “Porcos na sala”¹⁸, afirma: os cristãos podem realmente entrar em estado de possessão demoníaca e lembra que, para que tal posicionamento seja compreendido seja feita antes a diferenciação entre os termos “alma” e “espírito”.

A palavra do Novo Testamento para 'espírito' é 'pneuma'. Em contraposição ao natural, o espírito é aquela parte do ser humano que tem a capacidade de alcançar e perceber as coisas divinas. [...] A palavra 'alma' é 'psiquê'. Ela significa as emoções, o intelecto e a vontade. [...] Disso vemos que o Espírito divino passa a habitar no espírito humano na hora da salvação. Os espíritos demoníacos estão relegados à alma e ao corpo do cristão. Os demônios afligem as emoções, a mente, a vontade e o corpo físico, mas não o espírito do cristão, explica (HAMMOND, 1973, p.77).

Duffield na sua obra corrobora afirmando a possibilidade real de crente ser possuído pelos demônios e diz que não se deve desprezar a presença e poder das forças demoníacas no mundo, nem ser ignorante dos instrumentos de Satanás. Diz o autor, “para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios”. Assim, segundo ele, não se deve subestimar a grande salvação e libertação que Deus Ele alcançou para o crente em Cristo Jesus. Deve sempre ser encorajado e fortalecido no fato de que Cristo “despojou os principados e potestades” e “exibiu-os publicamente, triunfando sobre eles na cruz” (DUFFIELD, 2002, p.304).

Duffield conclui que um filho de Deus não é totalmente imune ao poder de Satanás. Quando Jesus disse a Pedro: Satanás lhe pediu para sacudi-los como o trigo, Jesus não orou para que não lhe fosse permitido fazê-lo, mas orou para que a

¹⁷ Frank é pastor batista, formado pela Universidade de Baylor e pelo Seminário Teológico Batista do Sudoeste, em Ft. Worth.

¹⁸ O livro Porcos na sala é um manual prático sobre libertação espiritual.

fé de Pedro não faltasse. Desobediência e petulância persistente fornecem território a Satanás, o qual pode atacar e influenciar o cristão. Um filho de Deus deve estar atento a exortação bíblica, “não dê lugar ao diabo”. Ananias e Safira são exemplos solenes daqueles que permitiram que Satanás enchesse seus corações de tal maneira que eles mentissem ao Espírito Santo (DUFFIELD, 2002, 304).

2.2. No Neopentecostalismo iurdiano

Discorremos inicialmente sobre o crescimento neopentecostal e a evolução desse movimento no campo religioso brasileiro. Em seguida, a ênfase será analisar a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus e sua teologia do mal.

O autor Paulo Siepierski contesta a utilização do conceito de pós-pentecostalismo para designar o grupo de Igrejas que surgiram a partir da Igreja Universal. Segundo sua tese, a utilização do prefixo grego *neo*, estaria relacionada à noção de continuidade da tradição pentecostal. No entanto, para o autor, o correto seria utilizar o termo pós-pentecostalismo, pois tais denominações se afastam cada vez mais das crenças e práticas dos pentecostais.

Assim, o pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular, a utilização autoconsciente de estilos e convenções anteriores, a construção de estruturas comerciais, o abandono dos sinais externos de santidade e frequentemente a incorporação de imagens relacionadas com o consumismo e a comunicação de massa da sociedade pós-industrial do final do século 20. Seu objetivo declarado é estabelecer uma nova cristandade através da atividade política (SIEPIERSKI, 1997, p. 51).

Da mesma forma, Leonildo Campos em concordância com Siepierski, aponta que tais características doutrinárias de Igrejas como a Universal, poderiam defini-la, não como um ramo do Pentecostalismo, mas como parte de um movimento religioso distinto, com características que vão além do Pentecostalismo e do Protestantismo (CAMPOS, 1997, p.201).

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas “neopentecostais”, com sua forte ênfase na teologia da prosperidade, guerra contra o diabo e exorcismo. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de

Deus (1977), existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra.

O acontecimento mais marcante das últimas décadas no âmbito religioso do Brasil foi o surgimento do fenômeno neopentecostal, notadamente sua expressão mais espetacular, a Igreja Universal do Reino de Deus. Sendo o neopentecostalismo um fenômeno recente, essa manifestação religiosa ainda é objeto de uma identificação mais precisa, inclusive no aspecto terminológico. O fato é que essa manifestação representa, ao lado de alguma continuidade, profundas rupturas com o pentecostalismo clássico e muito mais ainda com o protestantismo histórico¹⁹ sobre os ataques demoníacos e males sobre os homens (MATOS, 2006, p.39).

É difícil determinar o número exato de seguidores neopentecostais brasileiros, pois a terceira onda é considerada um movimento e não é associada a uma denominação em particular. Estima-se que seus adeptos representem mais de 42% da população pentecostal geral. De fato, essa estimativa poderia ser maior, uma vez que os ensinamentos e as práticas da terceira onda fluíram para igrejas da primeira e segunda ondas, além das históricas²⁰, fazendo com que se parecessem menos com suas denominações afiliadas e, algumas vezes, afastando-as lentamente.

O neopentecostalismo se desenvolveu em uma fase da história socio-política brasileira diferente do pentecostalismo da segunda onda. O Brasil se rendeu à participação e dependência do capitalismo internacional. Durante os anos 1980, a rápida migração urbana e estagnação econômica acarretaram riscos sociais complexos. A televisão se tornou um eletrodoméstico comum, oferecendo entretenimento, informação e cultura a toda a população. O recente progresso na economia e infraestrutura trouxe o Brasil ao novo milênio com uma classe média em crescimento, melhores oportunidades de educação e mais acesso aos bens de consumo que não eram viáveis para muitos no século anterior (BLEDSOE, 2012, p.42).

¹⁹ Protestantismo histórico: o termo “protestante histórico”, comumente usado para designar os protestantes de igrejas que surgiram do período da Reforma e dos primeiros avivamentos europeus (presbiterianos, episcopais, anglicanos, metodistas), tornou-se também uma forma de diferenciar esse grupo dos pentecostais, que durante décadas foi negligenciado nos estudos acadêmicos sobre protestantismo. o termo “histórico” denota um peso de tradição que estaria ausente entre os pentecostais. porém, os pentecostais possuem sua própria história, que completou cem anos em 2006. por isso, evitaremos o uso desse termo em nosso texto. BELLOTTI, Karina. **Pluralismo Protestante na América Latina**. In: Religião e Sociedade na América Latina. São bernardo dos Campos, 2010.

²⁰ Igrejas históricas, também chamadas igrejas de missão, são as igrejas que surgem do advento da reforma protestante em 1517. São as igrejas presbiterianas, batistas, anglicanas, congregacionais e metodistas.

Definir o neopentecostalismo brasileiro é também uma tarefa desafiadora. Essas igrejas também seguem a tendência de diversificar o pentecostalismo iniciado pela segunda onda e pelas igrejas renovadas. O neopentecostalismo é uma nova forma de religiosidade pentecostal na qual a batalha espiritual, os exorcismos, as curas imediatas e a prosperidade pessoal neste mundo substituíram a tradicional ênfase pentecostal no falar em línguas; na moralidade pietista rígida; na segunda volta de Jesus e na salvação eterna (BLEDSOE, 2012, p.42).

Bledsoe no seu livro “Movimento Neopentecostal Brasileiro” apresenta a sinopse de Stålset inclui três características geralmente mencionadas pelos estudiosos em suas descrições neopentecostais.

Em primeiro lugar, as igrejas adotam a teologia da prosperidade; a premissa de que os crentes, através da fé, desfrutam dos direitos da cura divina, saúde e sucesso. Atrrelada à teologia da prosperidade, a segunda característica está no fortalecimento da consciência e prática da batalha espiritual que traz consigo uma compatibilidade popular. Geralmente, o exorcismo assume um papel de iniciação ao libertar a pessoa dessas aflições, e a pessoa, uma vez liberta, adota rituais específicos para manter esses males longe de sua vida, ou da vida de um ente querido (BLEDSOE, 2012, p.43).

2.2.1. Causas impulsionadoras do crescimento do neopentecostalismo

Ao longo de sua história, o pentecostalismo foi radical quanto aos usos e costumes, expressão usada para indicar o padrão de comportamento de seus adeptos. As proibições estendiam-se a quase todas as áreas, desde a vida pessoal do fiel: aparência, vestuário e lazer, até a algumas práticas litúrgicas: bater palmas, uso de determinados instrumentos e músicas, por exemplo. Uma empregada doméstica, por exemplo, que convidasse seus patrões para visitar a igreja ficava frustrada ao ver a dificuldade deles em se adaptar à nova fé devido a tantas proibições. Com o passar do tempo, mais e mais fiéis do pentecostalismo brasileiro começaram a ingressar nas universidades, e o questionamento ao radicalismo defendido até então aumentou (ROMEIRO, 2005, p.76).

A crescente pressão contribuiu não só para o surgimento do neopentecostalismo como para sua expansão. Despontava, assim, no cenário brasileiro, uma nova geração de crentes²¹ que rompeu com as práticas radicais do pentecostalismo e alterou os usos e costumes, a liturgia, a cosmovisão, a eclesiologia

²¹ Observa-se que o crescimento do movimento neopentecostal no Brasil não foi apenas uma migração dos cristãos pentecostais, mas também de muitos cristãos advindos do catolicismo popular brasileiro (nota de aula do Prof. Dr. Drance Elias, UNICAP).

e a espiritualidade. Os bens materiais já não são inimigos da fé a ser combatidos, mas grandes aliados na busca da felicidade e do sucesso (ROMEIRO, 2005, p.76).

Com uma liturgia mais descontraída, o neopentecostalismo, muda o culto nitidamente. O retroprojeto e os covinhos (cânticos breves, com letras simples e refrões envolventes) imperam no louvor musical, sufocando os hinos tradicionais. A comunicação horizontal durante as reuniões é dirigida a partir do púlpito mediante o uso de expressões como: “vire para seu irmão da direita” (ROMEIRO, 2005, p.76).

Com uma liturgia informal as bandas assumem um papel importante na liturgia neopentecostal. Mais que isso, o adepto do neopentecostalismo usa suas conquistas, como carro, roupas, viagens, dinheiro e conforto, para mostrar que desfruta de um bom relacionamento com Deus (ROMEIRO, 2005, p.77).

A mídia também assume um papel importante na expansão do neopentecostalismo como vê-se: A primeira onda do pentecostalismo usou o evangelismo pessoal, a literatura (distribuição de folhetos) e as reuniões ao ar livre como métodos de proselitismo. A segunda onda valeu-se desses métodos e agregou o evangelismo radiofônico.

Hugo Assmann apresenta vários conceitos para designar a investida das igrejas evangélicas nos meios de comunicação de massa, principalmente na televisão: “igreja eletrônica”, que tem sido a nomenclatura mais comum nos Estados Unidos; “igreja comercial”, devido aos apelos financeiros; “marketing da fé”, para mostrar que a maioria dos programas religiosos se pauta pelo modelo publicitário; “messianismo eletrônico”, devido às promessas espetaculares de milagres, curas e salvação, e “assembléia eletrônica”, um termo raro e fora de uso hoje (ROMEIRO, 2005, p.81).

A grande explosão neopentecostalismo, entretanto, se deve ao televangelismo. A disputa pelo espaço na mídia entre as igrejas que compõem o movimento neopentecostal está longe de terminar. Ao contrário, a tendência é crescer cada vez mais, alimentada pela tirania do mercado e pelas pressões financeiras dessas instituições, algo que exige um *marketing* cada vez mais arrojado na busca por novos adeptos (ROMEIRO, 2005, p.83).

2.2.2. Edir Macedo e o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus

Edir Macedo nasceu em 18 de fevereiro de 1945 na cidade fluminense de Rio das Flores, estado do Rio de Janeiro. Filho de pais alagoanos, Henrique Francisco Bezerra (comerciante) e Eugênia Macedo Bezerra (dona de casa), ambos católicos praticantes, Edir foi o quarto filho sobrevivente de muitas gestações que não deram certo, tal como ele relata na sua autobiografia “Nada a Perder” (MACEDO, 2013, p.42).

Edir nasceu com deficiência na mão esquerda, tem uma pequena atrofia nos dedos. Seus indicadores são finos. Os polegares, um pouco maiores. Todos se movem pouco. Apenas os outros três dedos têm movimentos normais. O problema é hereditário. Sua avó, mãe de Henrique, tinha menos dedos em cada mão. Na infância, o defeito gerou complexos de inferioridade (MACEDO, 2007, p.41).

O exército de pastores liderado pelo bispo Macedo começou a ser arregimentado em 1975, ano em que fundou A Cruzada do Caminho Eterno, entidade que também se chamaria Casa da Bênção antes de mudar de nome definitivamente para Igreja Universal do Reino de Deus. Foi um tempo financeiramente difícil quando Edir Macedo iniciou sua jornada ao lado do cunhado Romildo Ribeiro Soares, o hoje missionário R. R. Soares, que conhecera em 1968 na Igreja Nova Vida. Soares continua casado com Madalena, irmã caçula do bispo (MACEDO, 2013, p.85).

O início da primeira Igreja Universal do Reino de Deus foi onde funcionava uma antiga funerária, no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro. O primeiro culto foi realizado naquele local por Macedo, em 9 de julho de 1977, primeiro nome dado a nova igreja foi Igreja da Bênção. O culto foi de libertação, curas e pregação dos ensinamentos sobre a vida eterna. Que dois anos mais tarde mudaria definitivamente de nome para Igreja Universal do Reino de Deus. Apesar da diferença de placa, instituiu-se, internamente, esse dia como data oficial do nascimento da Universal (MACEDO, 2013, p.87).



Imagem 3 - Bispo Edir Macedo. Primeiro culto no antigo galpão de uma funerária

Nesta imagem Edir Macedo (líder e fundador da Universal, na época pastor), colocou o seu melhor terno e, de pronto, dirigiu-se até a antiga avenida Suburbana, no número 7.248. O antigo galpão de uma funerária foi o local escolhido para acolher cerca de 225 pessoas na reunião inaugural. Após a inauguração, a igreja recebia mais de 400 pessoas durante as reuniões diárias.

No livro “Nada a Perder”, Edir Macedo conta detalhes dos dias que antecederam o nascimento da primeira Universal (MACEDO, 2012, p. 30).

Dias antes, passamos as madrugadas cuidando do mínimo para o funcionamento do imóvel. Pintamos as paredes, descascamos o chão, consertamos os banheiros, produzimos uma limpeza geral. Os marceneiros contratados a custo de mão de obra encerravam os últimos ajustes do altar e do púlpito. Os bancos de madeira, comprados em prestações a perder de vista, estavam posicionados para receber o novo público (MACEDO, 2012, p. 215).

Mas esse sonho só se tornou possível porque dona Eugênia, conhecida como dona Geninha, mãe do bispo Macedo, o ajudou a alugar o espaço da antiga funerária, colocando como garantia o seu único apartamento, que ficava no bairro de Fátima.

O primeiro contato de Edir Macedo com o pentecostalismo foi através de sua irmã, Elcy, que então se encontrava afligida por uma bronquite asmática. De acordo com o primeiro volume da autobiografia do Bispo, devido à doença, sua irmã passava a madrugada em claro, ouvindo a programação do rádio, no qual havia a programação do pastor Robert McAlister, o líder da Igreja Nova Vida. Segundo Macedo, ao acompanhar as orações pela madrugada, sua irmã ficou curada, passando também a acompanhar os cultos da denominação, se convertendo à fé cristã.

Conforme firmava-se na nova crença, Elcy passou a falar com regularidade

da Bíblia em casa. As palavras dela me tocaram. Passei a tentar compreender alguns trechos do Texto Sagrado, mas enfrentava enormes dificuldades. Tudo parecia complicado. As simbologias, os nomes, as expressões e até as mensagens espirituais mais simples tornavam-se um quebra-cabeça indecifrável. Nada era familiar para mim. Então entendi que poderia conhecer mais dos mistérios da Bíblia se participasse dos cultos com minha irmã. Foi quando entrei pela primeira vez na Nova Vida. Desde esse dia, passei a ir sempre às noites de quarta-feira e às manhãs de domingo na sede da ABI, onde se reuniam cerca de 500 pessoas. Eu estava exatamente com 18 anos (MACEDO, 2013, p. 66).

O tempo que viveu como membro da igreja Nova Vida foi o ponto crítico para a conversão definitiva da fé e da visão de mundo de Edir, que iria influenciar a fundação da Universal. Na Nova Vida, Edir não conseguiu o espaço que deseja ser um líder e evangelista, era considerado sem “unção” nem para abrir e fechar portas na hora dos cultos. Edir ficou um longo tempo, para ele uma eternidade, aguardando uma chance. Onze anos depois, foi convencido de que não poderia mais esperar. Decepcionado por não ter sido considerado capaz, deixou a Nova Vida. E era hora de dar uma virada na vida.

Macedo se tornou o maior líder do Neopentecostalismo brasileiro, como dito anteriormente, havia nascido em berço católico. No entanto ele diz que por influência de sua irmã, frequentou ao longo de sua vida centros de Umbanda e espíritas na tentativa de se curar de sua doença, algo que marcaria a doutrina desenvolvida na IURD, devido às suas experiências negativa nestas religiões, tal como ele explicita na sua autobiografia.

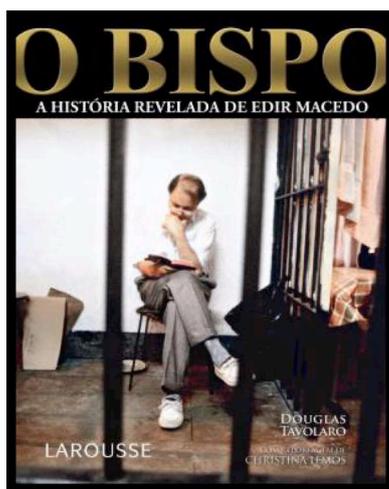


Imagem 4 – Uma biografia “autorizada”

O Bispo: a história revelada de Edir Macedo é biografia autorizada. Seu propósito é contar a vida do homem que criou a Igreja Universal do Reino de Deus, liderou um processo de crescimento da sua própria denominação e construiu um

império de comunicação. “A fotografia de Macedo lendo a sua bíblia (1992) foi explorada na capa de dezenas de exemplares do jornal *Folha Universal*, passando a imagem de que como Jesus Cristo, o bispo também foi perseguido, preso e humilhado” (CAMPOS, 2018, p.163).

Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a IURD tem mais de seis mil templos, 12 mil pastores e 1,8 milhão de fiéis ao redor do país. São cerca de 8 milhões de seguidores e 15 mil pastores em 105 países, sendo mais popular em nações de língua portuguesa. É uma das maiores organizações religiosas do Brasil e a 29ª maior igreja em números de seguidores do mundo (MENEZES, 2012, p. 27).

Uma das palavras que podem identificar a Igreja Universal e o seu discurso é a teologia contra o diabo. Concentra-se num confronto direto com o Mal, personificado essencialmente pelo Diabo, que segundo sua doutrina é o centro e causa de todos os males que possam afetar a vida do fiel. A partir dessa doutrina são destrinchados todos os rituais voltados para a “libertação” desse Mal. (COSTA, 2017, p.12).

O neopentecostalismo tem ganhado espaço no tecido social brasileiro há algumas décadas. Ele tem avançado como força de representação política, gerando novas formas de enxergar a realidade. Dos diversos temas que podem surgir da pesquisa no campo neopentecostal, é o dualismo, o mundo está dividido em duas forças sempre antagônicas: o bem (luz) e o mal (trevas) em permanente lutas (PEÑA-ALFARO, 2006, p.111). Essa doutrina recebe grande importância. Afinal, ele molda e dá capilaridade a práticas cúlitas do movimento.

Na IURD, o problema do mal, do sofrimento e do infortúnio humano está diretamente ligado à atuação demoníaca. No seu livro: *orixás, caboclos e guias* o bispo Macedo revela que seu desejo é a libertação de pessoas endemoninhadas e consequentemente sua cura. “A Igreja Universal do Reino de Deus, tornou-se o maior representante da teologia do demonismo do nossos dias. Ele se apresenta no cenário evangélico nacional como perito na luta contra os demônios” (MARIANO, 1999, p.121).

O bispo Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra o que ele denomina de toda obra do diabo (MACEDO, 2002, p.02). Macedo faz a seguinte pergunta aos seus leitores no seu livro “*Orixás, Cablocos e Guias*” Talvez o leitor já tenha perguntado: “São os demônios culpados por todas as desgraças do mundo?”

Para Macedo, o fato é que realmente tudo o que existe de ruim neste mundo tem sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o ser humano, direta ou indiretamente. (MACEDO, 2002, p.02).

Mariano destaca três aspectos fundamentais sobre as características que melhor definem o movimento neopentecostal:

1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos: 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade: 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, remetida por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente. E não é só isso. Elas verdadeiramente agem como empresas e, pelo menos algumas delas, possuem fins lucrativos. Resulta destas características a ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais (MARIANO, 2005, p. 36).

Esta ruptura com sectarismo e o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma mudança muito grande nos rumos do movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo (MARIANO, 2005, p. 36).

Se ela não tivesse nascido doente, a Igreja Universal não existiria

No ano de 1975, Edir e sua esposa Ester esperava a segunda filha, Viviane. Mas a imagem ao receber a recém-nascida marcaria sua vida. Magrinha, com olheiras e o rosto deformado. Ela havia nascido com uma doença chamada de lábio leporino e palato fendido. Macedo diz:

Ester tentava limpar o rosto encharcado de tantas lágrimas. Chorei também. Mas elevei meu pensamento para Deus. Meu corpo estava possuído por uma fortaleza inexplicável. Minha dor me transportou direto para o trono de Deus. Decidi orar. Mas não foi uma oração comum. Fechei as mãos e, com raiva, esmurrei a cama inúmeras vezes. Meu Deus, agora ninguém vai me parar. Não tem família, não tem esposa, não tem futuro, não tem sentimento, não tem nada. Ninguém vai me parar! Ninguém, ninguém! Chega, chega! (MACEDO, 2012, p. 160).

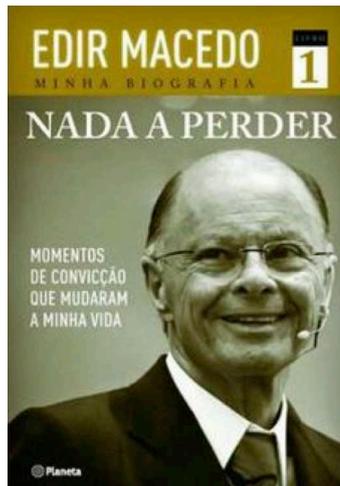


Imagem 5 – Uma autobiografia “Nada Peder”

“Macedo relata que conforme o crescimento de Viviane, novas complicações surgiram. Um procedimento doloroso para nós e o bebê. Foi uma fase muito difícil da nossa vida, mas que resultou na salvação de milhões de almas em todo o planeta” (MACEDO, 2012, p.168).

A Igreja Universal foi gerada naquele janeiro de 1975. Edir estava indignado por não ter a oportunidade de se tornar um pregador, mesmo insistindo sem cessar. O nascimento de Viviane gerou meu grito de independência. Se ela não tivesse nascido doente, a Igreja Universal não existiria. Macedo diz: “A Igreja Universal não prega o que aprendeu na escola ou em uma faculdade, mas pelas lições práticas do Espírito Santo na vida” (MACEDO, 2012, p.169).

Viviane mal conseguia pronunciar com perfeição, o que dificultava sua compreensão e a irritava com frequência. A única capaz de entendê-la com certa facilidade era Cristiane. A irmã mais velha. Os psiquiatras diziam que os complexos de Viviane jamais se apagariam, mesmo na fase adulta (MACEDO, 2012, p.169).

Toda esse experiência com a doença e o sofrimento da filha mais nova foi o combustível para Edir explodir de uma indignação que já carregava dentro dele desde os primeiros anos após seu encontro com Deus.

O nascimento de Viviane despertou de vez a sua fé. Assim Edir Macedo registra:

A fé me move, mexe comigo. Ela é pura, sem sentimentalismos, e nasce quando eu paro para pensar. Penso numa promessa de Deus e olho para a minha vida. Por que ela não se cumpriu? Por que era para eu ter uma vida feliz, seguindo as palavras de Jesus, e tenho uma vida completamente arruinada? Por que sou amargo e cheio de agonias? A fé ferve no meu sangue. Mexe com a minha mente, invade minha inteligência, me deixa inquieto e até nervoso. Deus não muda. Deus quer aparecer para mim e para cada um que crê. Isso aconteceu com os heróis da Bíblia. Davi desafiou o gigante. Elias enfrentou os profetas de Baal. Josué derrubou as muralhas.

Moisés enfrentou os exércitos de Faraó. Gideão teve a petulância de perguntar onde estava o Deus de seus pais, que simplesmente ouvia falar no passado mas não aparecia na sua vida. Não são descrições mitológicas ou inventadas pela criatividade humana. São reais. A fé me impulsionava. Era hora de dar um xeque-mate no meu destino (MACEDO, 2012, p.175-176).

Nas palavras do próprio Edir Macedo: “A Igreja Universal nasceu ali, no ato de fé e de coragem, de me dirigir para Deus com revolta e ousadia” (MACEDO, 2012, p.176). Edir Macedo relata no seu Livro “Nada a Perder 1” que naquele momento diante da doença e do sofrimento foi tomado de grande revolta não contra Deus, mas contra o inferno.

Minha revolta não se voltou contra Deus, mas contra o inferno que provoca em milhões de seres humanos o mesmo sofrimento que eu sentia naquele instante. De uma vez por todas, estava determinado a renunciar cem por cento do meu eu no altar. Eu me entregaria como nunca, mesmo se nenhuma Igreja ou pastor acreditasse na minha garra em servir a Deus. Eu pagaria o preço que fosse para me doar à causa dos menos favorecidos e rejeitados (MACEDO, 2012, p. 164).

2.2.4. Demonologia neopentecostal

O Movimento neopentecostal tem contribuído efetivamente com a propagação deste conceito, concebendo a Deus e o diabo pesos idênticos. Para os neopentecostais a vida é uma grande trincheira, onde satanás e Deus lutam de igual para igual pelas almas da humanidade. Esta afirmação aproxima-se em muito da antiga heresia conhecida como maniqueísmo que ensinava que o universo é dominado por dois princípios antagônicos e irreduzíveis: Deus ou o bem absoluto, o Diabo ou o mal absoluto. Pregadores neopentecostal consideraram o bem e mal, como forças idênticas em peso e poder (VARGENS, 2013).

Com a chegada do neopentecostalismo no final da década de 1970, muitas vertentes surgiram a partir desse movimento. Destaque é o movimento da “Batalha Espiritual”. Este movimento reconhece que existe um dualismo, uma força do mal que batalha contra a força do bem no universo. O neopentecostalismo tem disseminado por meio do seu discurso a necessidade de ungir objetos e pessoas para que o inimigo não os toque, sessões de exorcismos em pessoas endemoniadas, atos proféticos para se obter proteção divina campanhas para desmanchar obras de bruxaria, correntes de oração contra inveja e outras coisas.

Os neopentecostais tem uma visão dualística do cosmo, ou seja, há uma constante luta entre o Bem e o Mal, e tudo aquilo que não é de Deus, logo é do

Diabo. Para a cosmovisão neopentecostal, o mundo está dividido por essas duas forças equivalentes. Para eles a doença nunca vem de Deus, logo, todas as doenças são diabólicas. Bem como, a pobreza não pode vir de um Deus riquíssimo, logo, a pobreza é do Diabo.

“O exorcismo praticado nas igrejas iurdianas, é uma prática midiática e um verdadeiro espetáculo, onde pessoas são expostas ao ridículo, com muitas luzes e câmeras” (2018, p.2). Há muitos obreiros que, para promover o marketing pessoal, fazem uma verdadeira campanha publicitária para libertar os oprimidos do Diabo. Perguntam o nome do demônio e querem saber a sua procedência.

Os neopentecostais crêem que o que se passa no “mundo material” decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no “mundo espiritual”. Isto é, acreditam-se capazes de alterar realidades indesejáveis do “mundo material” por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas. Incumbidos por suas igrejas (que se dizem erguidas por Deus para combater o Diabo, atividade que vêem como precondição para evangelizar lugares e indivíduos submetidos a Satã) de se engajar no “bom combate”, os neopentecostais passaram a enfrentar agressivamente o inimigo de Deus e da humanidade. O que os cultos mediúnicos têm a ver com isso? Do ponto de vista desses crentes, o Diabo e seus asseclas agem no “mundo material” por meio dessas religiões, de seus adeptos idólatras e de outras agências satânicas, para levar os seres humanos à perdição. Daí a premente necessidade de combatê-los (MARIANO, 2005, p.113).

Mariano no seu livro “Neopentecostais” traz um apontamento de Azevedo Júnior sobre o dualismo cósmico difundido pela teologia neopentecostal.

Entre os neopentecostais encontramos não apenas o dualismo ‘Deus X Diabo’. Acreditam também que o universo está dividido em dois reinos: o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino material é este nosso mundo, habitado pelos homens e pelo restante da criação divina. É o campo de batalha da ‘guerra espiritual’. É pelo seu domínio que se trava a guerra. E mais: ‘o reino espiritual é mais real que o material’, dizem eles. O que ocorre neste mundo em que vivemos é reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual (MARIANO, 2005, p.113).

Mariano afirma que os neopentecostais crêem que o que se passa no “mundo material” decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no “mundo espiritual. Daí a exacerbação dos ritos de exorcismos tomarem uma parcela significativa de seus cultos.

Quem são os Demônios²²? Edir Macedo de forma destemida responde no seu livro “Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?”. Neste livro Macedo procura tratar das muitas maneiras como alguém pode ser envolvido nas tramas do Diabo através do envolvimento com o espiritismo e outras manifestações religiosas como as afro-brasileiras.

A ênfase demonológica apresentado por Macedo no seu livro têm Continuidade, “(...) a noção de demônio estabelece uma continuidade entre o pentecostalismo e todo o universo religioso dominante no Brasil. Antes de se aliar a uma igreja pentecostal, o fiel já acredita que existe o demônio e que este atua no mundo e na vida dos homens” (MARIZ, 1997, p.47). Mariz afirma que essa noção pentecostal seria diversa de uma visão mais racional atribuída ao catolicismo recente e ao protestantismo histórico onde a figura do diabo seria despersonalizada e desistoricizada (MARIZ, 1997, p.48).

Afirma-se que a figura do diabo e seus anjos estão presentes no Antigo Testamento e muito mais claro no Novo Testamento, bem como, sua representação esteve viva em toda as eras do cristianismo.

A Bíblia não somente revela a existência do diabo, como também o apresenta como um ser espiritual, pessoal, extremamente poderoso e totalmente maligno. Jesus se refere ao diabo como sendo inimigo de Deus (Mt 13.39), homicida, pai da mentira (Jo 8.44) e príncipe dos demônios (Mc 3.22-23). No período pós-apóstolico encontramos os pais da igreja²³ reafirmado existência do diabo, lemos em Agostinho: “O diabo não tem poder para dominar, mas tem astúcia para persuadir”.

No cristianismo ocidental a imagem do diabo esteve sempre presente. Registra-se que o reformador Martinho Lutero conviveu com muitas assombrações em relação aos demônios, sempre se referindo a essas questões em suas cartas. Não só diz ele ter ouvido ali o demônio, no tremendo barulho que o parecia perseguir dia e noite, mas assevera tê-lo visto, sob a “sensível aparência de um cão preto, dentro do seu quarto” (MARIA, 2015). O grande reformador do século 17 ainda nos

²² Nesta parte do trabalho temos como objetivo descrever a construção demonologia iurdiana e sua influência na vida dos fiéis e na humanidade conforme registrado nos livros do bispo Macedo, nas pregações dos pastores disponíveis na internet e nas outras mídias. A estrutura do discurso demonizante, o discurso de legitimação da IURD e as crítica serão feitas no terceiro capítulo.

²³ Pais da Igreja foram influentes teólogos e mestres cristãos, Seus trabalhos acadêmicos foram utilizados como precedentes doutrinários nos séculos subsequentes. Os pais da Igreja foram classificados entre os séculos II e VII. O estudo dos escritos dos Pais da Igreja é denominado Patrística.

diz: A melhor forma de expulsar o diabo, se ele não se render aos textos das Escrituras, é zombar dele e ridicularizá-lo, pois ele não suporta o desdém. (LEWIS, 2017, p.14).

Edir, no seu livro “Nada a perder 2”, afirma que os demônios são a fonte do mal e isso precisava ser anunciado de uma maneira escancarada, sem meias palavras. Macedo conclui que os demônios matam, roubam e destroem por meio da atuação no íntimo do ser humano. Ele afirma que viveu a experiência de ter sido refém do maligno. Diz: “Na adolescência, gemi com as experiências mal sucedidas em busca da cura para uma enfermidade de pele. Uma cruz foi desenhada em parte do meu corpo dentro de um centro místico conhecido como Santo Antonio de Pádua. A situação piorou”. Edir, completa, embora eu não manifestasse com os espíritos, havia demônios que atuavam em mim. (MACEDO, 2013, p.104). “Decidi que a Igreja Universal se levantaria contra o mal como nunca havia acontecido” (MACEDO, 2013, p.104).

Para Macedo, o povo brasileiro herdou, das práticas religiosas dos índios e dos escravos oriundos da África, algumas “religiões” que vieram mais tarde a ser reforçadas com doutrinas espiritualistas, esotéricas e tantas outras que tiveram mestres como Franz Anton Mesmer, Allan Kardec e outros médiuns famosos. Houve, com o decorrer dos séculos, um sincretismo religioso, ou seja, uma mistura curiosa e diabólica de mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo, que criou ou favoreceu o desenvolvimento de cultos fetichistas como a umbanda, a quimbanda e o candomblé (MACEDO, 2002, p.2).

No livro “Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?”. O ensino é que um demônio é uma personalidade; um espírito desejando se expressar, pois anda errante procurando corpos que possa possuir para, através deles, cumprir sua missão maligna. Os orixás, caboclos e guias, na realidade, nunca fazem bem em favor do seu “cavalo”. Exigem obediência irrestrita e ameaçam de punição aquele que não estiver andando “na linha”. Vivem castigando seus seguidores e não têm bênção alguma para dar. Pessoas bem-intencionadas e religiosas passam anos e anos acreditando de todo o coração nos poderes dos orixás e dos pretos-velhos (MACEDO, 2002, p.4).

Para a IURD os demônios são os causadores dos males e problemas de toda ordem que afetam as pessoas e a sociedade. Eles são tidos como os perturbadores da ordem ‘natural’ das coisas (“natural” no sentido daquilo que está conforme a

vontade divina), cujo objetivo é “distrair Deus”. Para Macedo, o fundador da Universal, em seu livro “Orixás, Cabodos e Guias: deuses ou demônios” diz: Tudo o que existe de ruim neste mundo tem sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o homem direta ou indiretamente. Ele é a encarnação do Mal; uma presença constante (e ameaçadora) na vida e no cotidiano das pessoas (SILVA, 2007, p.41).

Segundo Edir Macedo, “a faculdade de se expressar através dos seus sentimentos” faz com que o homem torne-se a meta do diabo e seus seguidores, que planejam “afastá-lo de Deus” para utilizarem o corpo humano como ferramenta de expressão “no mundo físico em que vivemos”. Usam os corpos como bem entendem. Fazem-se passar por guias de luz, espíritos de familiares que já morreram médicos, profetas, exus, caboclos, pretos-velhos (MACEDO, 2012).

Macedo afirma que os demônios, conseguem entrar não só na residência de pessoas importantes, como nos casebres mais humildes, levando a mentira, o engano, e a destruição a todas as pessoas que estão sem Jesus. Edir Macedo frisa que os problemas sociais são culpa dos demônios: “Atuam no âmbito da religião, da ciência, causando a miséria e a dor; têm prazer no sofrimento e na desventura; encaminha o homem a praticar tudo o que causa repúdio à santidade de Deus. Os vícios, os jogos de azar, a prostituição, o crime, o roubo e tudo mais que atenta contra o caráter de Deus são práticas comuns aos demônios, que fazem questão de mantê-las entre os homens, desgraçando a sociedade”(MACEDO, 2012).

Na teologia da IURD o candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue, para agradar quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial (MACEDO, 2002, p.40). Macedo no livro “Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?” afirma que:

Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os "espíritos desencarnados" ou "espíritos menores" (caboclos, pretos-velhos, crianças, etc.) para os representar, e a estes obedecem e fazem os seus sacrifícios e obrigações. Na quimbanda, os deuses são os exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou o marido de alguém, obter favores por meios ilícitos, etc. No kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina. Na maioria desses cultos, eles são invocados para prestar caridade, seja praticando o curandeirismo ou transmitindo mensagens que vão "iluminar" os adeptos. Existem grupos espíritas ou espiritualistas que lidam com os espíritos (demônios) por

intermédio da mente ou de práticas experimentais de meditação, transmigração e coisas assim. Alguns desses demônios chegam a afirmar que são moradores de outros planetas, com uma função espiritual na Terra (MACEDO, 2002, p. 41).

Para IURD os demônios são seres decaídos que procuram afligir a humanidade e colocar sobre os homens todo tipo de doença, desgraça, infelicidade. O homem é, portanto, o alvo principal dos demônios, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus e tem a faculdade de se expressar através de seus sentimentos. É ensinado nos cultos de libertação da IURD que os demônios anseiam apossar-se do homem e, com isso, alcançar dois objetivos principais: afastá-lo de Deus, desgraçando sua vida e utilizar-se do corpo humano para poder expressar-se no mundo físico em que vivemos (MACEDO, 2012).

2.2.5. Exorcismo e libertação na IURD

Um ponto essencial na teologia da IURD é o exorcismo, porta de entrada para uma “vida saudável”. Exorcizar é afugentar, em nome da divindade, espíritos maus que interferem na rotina da vida. A aceitação da teoria do exorcismo implica na concordância com a tese da possessão individual pelas forças demoníacas, assim com a idéia de que o mundo é um campo de batalha entre Deus e demônios (CAMPOS, 1999, p. 337).

A aceitação da teoria do exorcismo implica na concordância com a tese da possessão individual pelas forças demoníacas, assim com a ideia de que o mundo é um campo de batalha entre Deus e demônios. Por isso, optar pela fé na IURD envolve um rompimento com satanás, causador de todos os infortúnios que afetam os seres humanos, desde o desemprego, doença (pois os demônios se alojam no corpo das pessoas), má sorte, desavenças familiares e até a homossexualidade.



Imagem 6 - O bispo Rogério Formigoni fez uma “entrevista” com um suposto espírito maligno que teria possuído uma fiel da IURD.

Campos diz que para a IURD a possessão pode ser causada por práticas religiosas anteriores das pessoas, mas há também outras que vêm dos antepassados, que são os “demônios hereditários”, cujo exorcismo implica em uma “quebra de maldições” (CAMPOS, 1998, p.13). Campo firma que o exorcismo é um momento importante no culto da IURD e nele dramatiza-se diante do público a velho dualismo, a luta entre o bem e o mal. Os demônios geralmente são invocados pelos seus nomes (tirados do panteão das entidades dos cultos afro-brasileiros), quando algumas pessoas se apresentam nos cultos iurdiano como possuídos por eles (CAMPOS, 1998, p.13).

Durante um culto da Igreja Universal do Reino de Deus no último dia 24 de fevereiro, Edir Macedo afirmou categoricamente que muitos pastores evangélicos precisam ser libertos. No entanto, o líder da IURD não especificou nomes ou denominações (MACEDO, 2018).

Macedo: “Eu não tenho a mínima dúvida em dizer que a maioria dos pastores neste mundo inteiro são endemoninhados... Eu não tenho o mínimo medo. Eu tenho certeza do que estou falando. Pelo que eu conheço, pelo que eu já passei, pelo que eu já vi, a maioria deles não é liberto”.

No mesmo discurso Macedo pontuou que a libertação espiritual é uma necessidade para todos, e que as pessoas que chegam à IURD oriundas de outras religiões, como espíritas e católicos, adquirem hábitos ao longo da vida que os atrapalham em sua caminhada dentro da Universal. “A IURD promete mais do que o Estado e a medicina podem proporcionar. A cura milagrosa da AIDS, a cura do câncer sem sofrimento e a cura de outros males são respostas oferecidas à aflição do fiel diante da dor e da morte” (OLIVA, 2007, p.187). Para IURD o “Diabo e seus demônios como realidade objetivada. Ela não só constrói o Diabo e seus

demônios como também constrói a identidade e a história de vida de sujeitos endemoninhados e “desdemoninhados” (OLIVA, 2007, p.137).

Para a Igreja Universal não existe meio-termo: o mundo está dividido entre pessoas “libertas” e “não-libertas”, sendo que nestas há a constante atuação do diabo. É ele o causador de todos os males. Uma pessoa que sofre de alguma doença, por exemplo, está possivelmente sendo atingida por algo de outra ordem, um mal diferente daquele tratado pela medicina ou qualquer conhecimento humano – a saber, o diabo. (LOPES, 2009).

Almeida escreveu que a IURD enumerou os sinais mais frequentes que denunciam algum tipo de possessão demoníaca. São eles: “insônia, medo, nervosismo, constantes dores de cabeça, desmaios frequentes, visão de vultos, audição de vozes estranhas, vontade de suicídio, vícios, perturbações, dores não diagnosticadas pela medicina e depressão” (LOPES, 2009). Os cultos dedicados ao exorcismo são realizados às sextas-feiras, dia da “corrente de libertação” do diabo e de sua ação sobre a vida dos fiéis. É interessante notar que a reunião é realizada na sexta-feira, dia associado pelo senso comum aos rituais de Umbanda e do Candomblé”. (ALMEIDA, 2009, p.67).

O exorcismo é um dos suportes da IURD. Uma obsessão. Ela “apresenta acentuada ênfase, mesmo para uma igreja pentecostal, no sobrenatural e nos malefícios resultantes da vivência equivocada em outros tipos de religiosidade, em particular nas religiões afro-brasileiras” (LOPES, 2009).

Pode-se afirmar diante do exposto que a centralidade dos cultos da IURD é dedicado à libertação de espíritos maus e à sessões de exorcismo. A ideia do mal está, por sua vez, relacionada a entidades da Umbanda e Candomblé. Esse momento de exorcismo no culto é uma espécie de guerra, quando o pastor/bispo é incumbido de entrevistar os “demônios” e, posteriormente, expulsá-los dali (PINHEIRO, 2016, p.09).

2.2.6. Maldições hereditárias na IURD

Definição de Maldição Hereditária²⁴: A maldição é a autorização dada ao diabo por alguém que exerce autoridade sobre outrem, para causar dano à vida do amaldiçoado... A maldição é a prova mais contundente do poder que têm as palavras. Prognósticos negativos são responsáveis por desvios sensíveis no curso da vida de

²⁴ Maldições hereditárias, Benção e Maldição e Batalha Espiritual são palavra sinônimas para a mesma doutrina.

muitas pessoas, levando-as a viver completamente fora dos propósitos de Deus... As pragas se cumprem (LINHARES, 2017, p.16).

Segundo os que a defendem, afirma que surge em decorrência de um trabalho de feitiçaria ou de qualquer outra ação maligna lançada contra outra pessoa. Uma pessoa em sofrimento pode ter sido consagrada, antes ou depois do seu nascimento, às entidades demoníacas. Uma palavra má pode ter sido lançada sobre a vida de uma família, que nunca prosperará e será vítima de enfermidades e angústias.

O movimento de “batalha espiritual” ensina a necessidade de se quebrar maldições hereditárias e de se anular compromissos que ficaram pendentes com o diabo, mesmo após a pessoa ter sido convertida a Cristo. Ensina-se que herdamos as maldições que acompanharam nossos antepassados, por causa de seus pecados e pactos demoníacos, e que precisamos anular estas maldições hereditárias. Um dos textos usados para defender este ponto é Êxodo 20.5, onde Deus ameaça visitar a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração dos que o aborrecem (LOPES, 2015, p.29).

A maldição, segundo a doutrina em questão, opera cegamente atingindo qualquer um ao seu alcance; vai se transmitindo indefinidamente através do tempo, até que um especialista em quebra de maldições a quebre; usa como meio receptor e transmissor um local, um objeto, uma pessoa, uma família, uma cidade ou mesmo um país. É como uma energia maligna invisível, vai se espalhando. A maldição em certas circunstâncias parece operar por si mesma, como um mal invisível que tem personalidade própria e poder de se autodeterminar; já em outras circunstâncias parece ser uma energia maligna operacionalizada por demônios, que são chamados de “espíritos familiares”. Essa maldição tem que ser quebrada pela intervenção humana num ritual que difere de especialista para especialista.

Como parte de sua cosmovisão²⁵, a IURD ensina o que ficou conhecido como “maldições hereditárias”, ou seja, a idéia de que existem espíritos familiares que acompanham as gerações de uma família, causando-lhes sempre os mesmos males e infortúnios. Afirma Macedo: Existe um espírito que só atua na destruição do lar. É o chamado espírito familiar. Você pode verificar isso a partir das etapas que o casal enfrenta na vida. Esse espírito normalmente vem dos pais. Se eles são divorciados, o mesmo espírito que destruiu o lar dos pais vai tentar o lar dos filhos, dos netos, dos bisnetos. Isso é uma herança maldita... [o espírito familiar] passa de pai para filho por

²⁵ Cosmovisão é um conjunto de suposições e crenças que alguém usa para interpretar e formar opiniões acerca da sua humanidade, propósito de vida, deveres no mundo, responsabilidades para com a família, interpretação da verdade, questões sociais e religiosas.

todas as gerações, até que a pessoa tenha um encontro com Jesus. Aí, corta-se a maldição.

O Bispo Edir Macedo explica que suicídios, doenças e problemas sem explicação não são fruto de uma fatalidade, de uma herança genética ou de uma infeliz coincidência. Não se trata de religiosidade ou superstição, mas de algo bem real, que tem destruído a vida daqueles que não têm a proteção de Deus. Muitos têm sofrido por causa de uma maldição hereditária e não sabem disso. O mal age na vida das pessoas de várias maneiras e uma delas é através da hereditariedade (MACEDO, 2002, p.30) Ele diz:

O custo da bênção é a obediência à Palavra de Deus; O custo da maldição é a desobediência à Palavra de Deus. Não tem jeito, essa é a disciplina que rege a justiça de Deus. Seja cristão ou não, batizado com o Espírito Santo ou não, fiel na igreja ou não... Não há como fugir dessa regra. A bênção vem do Trono do Altíssimo. A maldição vem do inferno. Quem desobedece ao SENHOR Deus está sujeito à maldição do inferno. Quem, todavia, desobedece às inspirações do diabo se faz amigo de Deus e, portanto, merecedor de Suas bênçãos (MACEDO, 2002, p.31).

Bênção ou maldição, céu ou inferno, dependem da cabeça de cada um. Obediência ou desobediência, eis a questão. Obediência à Palavra de Deus é a fé exigida por Ele. “Enquanto não determinarmos a saída do mal, enquanto não resistirmos ao mal, ele vai prevalecer na nossa vida. Não se trata de religião, mas de restauração, de transformação de vida, de cancelamento de maldição”, afirma o Bispo Macedo (MACEDO, 2002, p. 40).

Diante do exposto, no próximo capítulo propõe-se a aprofundar na retórica iurdiana, no discurso de intolerância demonizador e de legitimação da IURD.

Capítulo 3 - O discurso iurdiano sobre o mal

O diabo... esse espírito orgulhoso ...
não suporta ser alvo de chacota.
Thomas More

Nesse capítulo apresenta-se o discurso demonológico iurdiano que resulta da realização de dois movimentos. De um lado, a recuperação e aceitação das representações e concepções acerca das forças maléficas que acompanham a própria história do cristianismo, e, de outro lado, a identificação das forças do mal sobretudo nas entidades espirituais que compõem o panteão das religiões afro-brasileiras. Durante o texto, utilizou-se a estrutura retórica de Aristóteles, nas palavras latinas: *inventio*, *dispositivo*, *elocutio*, *actio* e *memoria* e aplicou-se ao discurso proferido pela IURD para esclarecer a construção do sentido nesse tipo de discurso.

3.1. Retórica e Persuasão

Nos estudos do discurso encontra-se a dimensão retórica como elemento fundamental para compreender os aspectos persuasivos da linguagem. A origem do termo retórica remonta à Antiguidade grega (*rhetoriké*), seu interesse pela arte do discurso público persuasivo, entendido essencialmente como, discurso político, daí o interesse para os gregos do domínio dessa arte do uso adequado do discurso para conseguir a adesão do público receptor. Pode-se considerar a retórica como precursora do que hoje denomina-se estudos do discurso.

Definir a retórica não é tarefa fácil. Pois, como se crê, nunca existiu um sistema uniforme de retórica clássica, embora se multipliquem os esforços de apresentar como um sistema. A retórica foi sempre uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso, isto é, mais preocupada com a função retórica do que com a configuração do próprio texto (ARISTÓTELES, 2003, p.21).

A retórica é uma arte, uma *technê*? A tarefa da oratória, supunha-se universalmente, é persuadir; e bons oradores têm a capacidade de persuadir com seus discursos. O objeto da retórica era estudar e ensinar essa capacidade, e a retórica é uma arte apenas na medida em que pode atingir seu objeto com o uso de meios intelectualmente respeitáveis. A função da oratória continua a ser, é claro, a persuasão pública, de modo que a retórica é uma arte que visa, de um passo atrás, a persuasão. (BARNES, 2009, p. 229).

Aristóteles também define a retórica como a aptidão de ver o que pode ser capaz de gerar a persuasão:

E seja a retórica a virtude de observar, com respeito a cada coisa, o que é admissível persuasivo. Pois essa obra de arte é de nenhuma outra: pois cada uma das outras é instrutiva e persuasiva sobre o que é submetido a ela, como, a medicina, sobre a saúde e a doença, a geometria, sobre as variações que afetam as grandezas, a aritmética, sobre os números; e semelhante também com as demais artes e ciências. Mas a retórica sobre o que foi dado, como dizer, parece ser capaz de observar o persuasivo. Por isso também dizemos que ela, como arte, não é sobre um gênero próprio delimitado (ARISTÓTELES, I, 2.1).

Fica claro, na definição acima, que Aristóteles define a retórica como a faculdade de perceber o que pode gerar persuasão e o que é próprio para persuadir, isto é, a retórica não tem a função de persuadir, mas de discernir os meios de persuasão. A retórica é a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Aristóteles tinha a convicção de que a retórica não tem a função de ensinar e treinar acerca da verdade ou de valores particulares. Embora seja isso função própria da filosofia, por um lado, e das ciências e artes particulares, por outro. Como diz Reale, “Para ele, o objetivo da retórica, ao contrário, era o de descobrir quais são os modos e os meios para persuadir” (REALE, 2003, p. 231-232).

Para Aristóteles, a tarefa da retórica não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão, como sucede com todas as demais artes. Aristóteles, dentro de uma perspectiva ética, observa ainda, que a retórica não deveria ser usada para a persuasão imoral, (pois não é necessário persuadir as coisas más), todavia, o mau uso da retórica não anulava o seu valor. A retórica deveria ser útil ao cidadão. Esta é a função política, ou seja: social.

A Retórica, portanto, como diz Reale ao analisá-la segundo Aristóteles, “é uma espécie de “metodologia do persuadir” uma arte que analisa e define os procedimentos com que o homem procura convencer os outros homens e identifica suas estruturas fundamentais” (REALE, 2003, p. 232).

3.1.2. História das teorias e argumentação

Atribui-se a Aristóteles, na Antiguidade clássica, a sistematização dos estudos sobre os meios de persuasão em quatro dimensões argumentativas: a demonstração, a retórica, a sofística e a dialética. Sob o impulso da racionalidade científica, promoveu-se uma cisão entre a dialética, cujo raciocínio foi plenamente identificado com o cientificismo em voga, e a retórica, agora esvaziada da concepção de discurso com vistas a persuadir, para reduzir-se ao estudo dos meios de expressão ornados e agradáveis da Poética.

A partir daí, a retórica viveu um período de esquecimento quase completo, para ser novamente recuperada somente a partir do final dos anos de 1950, juntamente com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a consolidação dos Estados democráticos. Esses estudos, elaborados no âmbito da Escola de Bruxelas, representaram uma tentativa de recuperação dos postulados da retórica e da dialética para a análise argumentativa, ao mesmo tempo em que se constituíram como forma de oposição à concepção cartesiana de razão e de raciocínio (PAULINELLI, 2014, p. 392).

Foi Descartes que, fazendo da evidência a marca da razão, não quis considerar racionais senão as demonstrações que, a partir de idéias claras e distintas, estendiam mercê das provas apodícticas, a evidência dos axiomas a todos os teoremas. Embora a evidência por ele reconhecida não seja a da intuição racional, mas da intuição sensível, e o método preconizado por ele não seja o dedutivo, e sim o experimental, ainda assim “Descartes estava convencido de que as únicas provas válidas são as provas reconhecidas pelas ciências naturais. Essa tendência acentuou-se sob a influência dos lógico-matemáticos” (ALFARO, 2006, p. 33).

Um elemento central da Nova retórica é a concepção de que toda argumentação se desenvolve em função do auditório, ao qual ela se dirige e ao qual o orador deve se adaptar.

O auditório, é sempre uma construção do orador e essa construção se dá por meio de um jogo de imagens. Ainda assim, é preciso que essa construção idealizada seja o mais próxima possível da realidade, pois uma imagem inadequada do auditório, resultante de erro, de ignorância ou de um discurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis consequências para o projeto de persuasão (PAULINELLI, 2014, p. 399).

3.1.3. Sobre o discurso retórico

Sobre a teoria dos quatro discursos define-se em uma frase: o discurso humano é uma potência única, que se atualiza de quatro maneiras diversas: a poética, a retórica, a dialética e a analítica ou lógica.

As quatro ciências do discurso referem-se a quatro maneiras pelas quais o homem pode, através da palavra, influenciar a mente de outro homem ou até a sua própria. Enfim, as quatro modalidades de discurso caracterizam-se por seus respectivos níveis de credibilidade.

O discurso poético visa sobre o possível, dirigindo-se principalmente à imaginação. O discurso retórico tem por objeto a produção de uma firme crença, que supõe, para além da mera presunção imaginativa, a anuência da vontade; e o homem influencia a vontade de outro homem por meio da persuasão. O discurso retórico tem como meta produzir uma decisão, mostrando que ela é a mais adequada ou conveniente dentro de um certo quadro de crenças admitidas. O discurso dialético já não se limita a sugerir ou mesmo impor uma crença, mas submete as crenças à prova, mediante ensaios e tentativas de transpassá-las por objeções. O discurso dialético mede enfim, por ensaios e erros, a probabilidade maior ou menor da crença ou tese, não segundo a sua mera concordância com as crenças comuns, mas segundo as exigências superiores da racionalidade e da informação acurada. O discurso lógico ou analítico, partindo sempre de premissas admitidas como indiscutivelmente certas, chega através de um encadeamento silogístico, à demonstração certa, apodêixis (prova indestrutível) da veracidade das conclusões (LEITE, 2008, p.10).

Alfaro cita que para Olavo de Carvalho o propósito de todo discurso é suscitar uma modificação no ouvinte, neste caso, mudar de opinião, receber uma informação ou sentir uma emoção é ser modificado, e a esta modificação denomina de credibilidade final; disto resulta que a credibilidade inicial consiste na exigência de haver ao menos a aceitação provisória das premissas, até a aceitação da modificação proposta (ALFARO, 2006, p.36).

Alfaro comenta que Carvalho define discurso como "o trânsito do acreditado ao acreditável, por meio de um encadeamento de nexos", e afirma que o discurso eficaz é aquele que alcança a credibilidade final; malgrado é aquele que não chega à credibilidade final. Esses conceitos e princípios aplicam-se a todos os discursos de todos os gêneros possíveis. Sustenta ainda que esta escala de credibilidade, quer das premissas quer das conclusões, "é uma condição de possibilidade da existência do discurso e

que a credibilidade depende das premissas, porque delas depende a credibilidade das conclusões” (ALFARO, 2006, p.36).

A credibilidade do discurso depende das premissas, para isto, é necessário definir o critério do que é crível, em que grau é ou pode ser crível. “O autor defende que o grau máximo de credibilidade “é aquele que se atribui ao absolutamente certo”; faia aqui do ponto de vista formal e funcional, pouco importando que a premissa maximamente acreditada seja realmente verdadeira ou certa em seu conteúdo” (ALFARO, 2006, p.37).

O que interessa é que, no discurso, a premissa seja tomada como verdadeira. Assim, dizer que algo seja falso equivale a rejeitá-lo como premissa, e portanto a rejeitar suas conseqüências, isto é rejeitar o discurso (CARVALHO, 2016, p. 45).

3.1.4. A Retórica Aristotélica

A retórica de Aristóteles é composta por quatro partes, que representam as quatro fases pelas quais passa aquele que compõe um discurso ou pelas quais acredita-se passar. São elas: A primeira é a invenção (*heuresis*); a segunda é a disposição (*táxis*); a terceira é a elocução (*lexis*); e a quarta é a ação (*Actio*). Essas quatro partes são consideradas processos de composição de um discurso com vista ao diálogo entre o emissor e o interlocutor.

As fases que os discursos da retórica Aristotélica perfazem: Invenção (Achar o que dizer), disposição (Pôr em ordem), elocução (Ornamento), ação ou Memória (Gestos, dicção).

a) A Invenção (*heuresis*, em grego, e *inventio*, em latim), para Cícero, em *De Inventione*, “a invenção é o exame aprofundado de coisas verdadeiras (res) ou de coisas verossímeis para entregar uma causa plausível”. Antes de elaborar o discurso, deve-se ter em mente sobre o que o orador falará e que tipo de discurso será útil ao assunto pretendido (SANTOS, 2018, p.92). *inventio* trata-se da busca das ideias e argumentos para se formar o discurso, fazendo um “inventário” do material necessário para a formulação do discurso.

b) Disposição (*táxis*, em grego e *dispositio*, em latim), para Cícero, em *De Inventione*, “a disposição é a distribuição em ordem das coisas descobertas”. “A disposição é, segundo Fiorin “a operação em que se dispõem os argumentos numa sequência” Segundo Ferreira, a *dispositio* “é a parte da retórica que hoje chamamos

de macroestrutura textual”. Ele ainda ressalta o esforço do orador na organização do seu discurso” (SANTOS, 2018, p.94). Ela é o processo de organizar e coordenar os seus argumentos para o máximo impacto.

c) Elocução (*Léxis* em grego e *elocutio* em latim), Aristóteles, em sua *Retórica*, (III, 2, 1-4), “Das qualidades do estilo”, ao falar da beleza do estilo, faz a seguinte observação: “Portanto, tendo sido observado aquelas, também seja delimitado ser a virtude da elocução a clareza” (SANTOS, 2018, p.96). Para Aristóteles, se o discurso não comunicar algo com clareza, não cumprirá a sua função própria.

d) Ação (*Actio* em latim ou *Memória memoria*), A *memoria* é a quarta parte. Vejamos então o que é a *memoria*. Cícero define-a como “a percepção firme, pela alma, das coisas e das palavras da invenção (SANTOS, 2018, p.96).

Stefano, sobre o quarta fase (actio ou memoria) do discurso Aristotélico cita Reboul:

Para Reboul, a memória tratava da questão de como eram pronunciados os discursos: eram lidos, proferidos a partir de notas, de improviso? Ele responde: “parece que, para os antigos, começava-se aprendendo de cor.” Donde a importância da memória (*mnemé*), que para certos autores latinos constituía a quinta parte da retórica: a arte de memorizar o discurso” (SANTOS, 2018, p.100).

Para Stefano (2018), a memória “é uma aptidão natural, não técnica; portanto não pode ser parte da retórica.

3.2. Os vários discursos de manipulação e poder iurdiano

O tema da religião, pode ser compreendido por duas definições: uma no sentido real objetivo como conjunto de crenças, leis e ritos que visam um poder que o homem, atualmente, considera supremo, do qual se julga dependente, com o qual pode manter relação pessoal e obter favores. Outra concepção, no sentido real subjetivo, a religião é o reconhecimento pelo homem de sua dependência de um Ser Supremo, admitindo suas leis e crenças (WEILGES, 1987, p.20).

É certo que toda religião é constituída por elementos que dão suporte a comunidade religiosa como um todo. Entre os elementos constitutivos, temos a doutrina, representada pelas crenças e normas; suas cerimônias, que irão caracterizar as especificidades de cada religião; a ética (leis) que são aplicadas e, por fim, a comunidade, o grupo social que aceita e vive sob os preceitos impostos pela vertente religiosa. Todos esses aspectos constituem o discurso empreendido pela

religião, de modo que o discurso religioso surge permeado pelos dogmas, leis, ideologias que representam a instituição que o articula (LACERDA, 2010, p.48).

Há os aspectos sociais e históricos. O discurso religioso que circula em uma determinada sociedade e num grupo específico é resultado das determinações políticas e econômicas da comunidade na qual circula. Em meio aos dogmas e crenças impostos, sem razão aparente pela autoridade e em meio a crenças adquiridas, circulam os discursos que vão dar vida a um discurso maior, o discurso religioso.

O discurso religioso não é objeto de análise somente para teólogos ou religiosos, pode, ao ser pensado em outros domínios, receber contribuições importantes para a renovação do estudo da religião. É nessa perspectiva que propõe-se uma pesquisa sobre a enunciação no discurso religioso da doutrina iurdiana. Não se tem a intenção de levantar um posicionamento contra ou a favor de nenhuma vertente religiosa, mas sim de analisar um objeto de conhecimento que é o Discurso Religioso (ORLANDI, 1987, p.07).

A religião, pode ser interpretada como um instrumento de comunicação e conhecimento, que é, então, um veículo simbólico-estruturante a possibilitar um consenso acerca de certos signos e seus respectivos sentidos (PORTELLA, 2006, p. 568).

Para Lemos, a religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos. Nesse sentido, a religião é uma instância de poder pela sua onipresença e por proporcionar aos fiéis uma compreensão, a partir de preceitos definidos e mediados pelas diversas igrejas, das relações sociais (LEMOS, 2005, p. 52).

Lemos ressalta que essa influência afeta o comportamento moral, ético e político do fiel e, conseqüentemente, a sua própria identidade. “É exatamente por trabalhar com questões simbólicas que os discursos religiosos interferem na elaboração e difusão dos símbolos culturalmente disponíveis, dos conceitos normativos, das noções de fixidade e de identidade” (LEMOS, 2005, p.55).

O estudo da relação religião e poder é objeto de reflexão do sociólogo Bourdieu. Para ele, as práticas religiosas interferem nas relações de classe, uma vez que contribuem para reprodução e permanência da ordem estabelecida. Segundo ele:

Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou

classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social (no sentido de estrutura das relações estabelecidas entre os grupos e as classes) ao contribuir para consagrá-la, ou seja, sancioná-la e santificá-la. (BOURDIEU, 2007, p. 52)

Suárez (2006), comentando a sociologia de campo religioso de Bourdieu, diz que para o autor, campo religioso, como todo um campo, é construído em torno do interesse. Neste caso religioso ligado à necessidade de legitimar as propriedades associadas a um certo tipo de condições de existência e posição na sociedade. A estrutura social os leigos que participam do campo, esperam que os agentes especializados satisfaçam seu interesse realizando ações e práticas mágicas "para que você possa viver bem e viver muitos anos na terra" (SUÁREZ, 2006, p.21). O autor enfatiza a ligação entre o interesse religioso e, portanto, as exigências mágicas.

O discurso demonizante iurdiano

O diabo tornou-se presença marcante, em primeiro lugar, nos livros judaico-cristãos tomados como canônicos que hoje compõem a Bíblia. Embora não seja comum associar diabo, demônios e exorcismo, deve-se distinguir diabo (sempre no singular) e os demônios. Os exorcismos relatados no Novo Testamento referem-se a fenômenos que devem ser qualificados como "possessões" de indivíduos por obra de demônios ou espíritos "maus" ou "impuros", os quais, no modo como são descritos, muitas vezes deixam entrever sintomas de determinadas enfermidades.

Os escritores do Novo Testamento nunca falam de uma "expulsão do diabo" ou, pelo menos, não falam dela em sentido idêntico às "expulsões dos demônios". O fato de os demônios de Mc 3,22 serem associados a seu "príncipe" Beel-zebul e de o terceiro evangelista atribuir casos de doença ao influxo exercido pelo diabo já alerta para certas analogias entre o modo de afigurar o diabo e o de representar os demônios no Novo Testamento. Isto, todavia, não contrasta com a impressão dominante que obtem-se do conjunto dos textos neotestamentários: o diabo, ou o seu sinônimo, Satanás, não é objeto de exorcismos, mas é o "forte" adversário de Jesus e do próprio Deus, como observa-se especialmente nos evangelhos. Com ele Jesus se confronta na história das tentações. Diversos ditos de Jesus reportados nos evangelhos anunciam a derrota dele. Em outras passagens, alerta-se contra seus arfícios de sedução.

No novo testamento encontra-se o nome hebreu *Satanás*. O evangelista João o denomina pelo nome grego *diabolos*, do qual deriva “diabo”. Personagem por demais desdenhado em nossos dias, sobretudo pelos cristãos. Como pode uma figura de papel tão relevante na trama histórico-simbólica dos Evangelhos ter ficado tanto tempo à margem do interesse reflexivo da modernidade? Nem os teólogos – a exemplo de Rudolfo Bultmann – engajados em estudos de perspectivas “desmitologizantes” não se interessaram por lembrar aquele a quem a arte de seduzir foi tão bem esgrimida.

Ao olhar para qualquer história da doutrina cristã, descobre-se que o Diabo, com toda sua reputação de grande opositor de Deus, aparece pouquíssimas vezes. No que concerne à preocupação dos teólogos, sua fama é decididamente desmerecida, afinal o Todo-Poderoso Deus jamais tolerou qualquer rival; assim, teólogos e pensadores nunca fizeram do Diabo seu principal tópico. Trata-se então de uma figura popular, e não de uma abstração dogmática, que não teve maiores participações na infinidade de tomos e de debates intelectuais, embora sempre estivesse na mente dos fiéis como personagem aterrorizador, onipresente e grotesco que encarnava o próprio mal (STANFORD, 2003, p. 105).

É por estar ainda na mente dos fiéis como um forte e sedutor rival de Deus, sobretudo dos cristãos, e em especial daqueles que se encontram nas fileiras religiosas do neopentecostalismo, que há o interesse em saber acerca de tal personagem. O pentecostalismo popular o toma como a referência mais significativa a representar o mal. Tanto quanto Deus, *Satanás* é figura íntima²⁶ no discurso dessa expressão religiosa evangélica. Não há como separá-lo do pensamento cotidiano do crente, pois ele sabe que a fé em Deus, por mais forte que seja como defesa da vida tem em *Satanás* a entidade que pune a mando do Senhor. Mesmo que a vida nasça do ventre divino, contraditoriamente ou não, *Satanás* se origina da mesma gestação e, por isso, pode executar ordens do grande Altíssimo.

Satanás é algo íntimo da vida humana. Sabedor do bem e do mal oferece caminhos tortuosos para pôr à prova, exclusivamente, o bem de que a vida é feita. E como parte desse bem de que também é feito, pode ser expulso por ele mesmo.

²⁶ “Lutero afirmava que o diabo estava mais próximo do homem que a sua própria roupa, e mais próximo ainda que a sua própria pele. Considerava-o, também, ‘verdugo ao Serviço de nosso Senhor para castigar os pecadores’” (Cf. RIVERA, 2007, p. 50).

Segundo Girard “Satanás semeia os escândalos e colhe a tempestade das crises miméticas. Para ele, é a ocasião de mostrar aquilo de que é capaz. As grandes crises conduzem ao verdadeiro mistério de Satanás, ao seu mais desconcertante poder, que é o de expulsar-se a si próprio e de restabelecer a ordem nas comunidades humanas” (GIRAR, 2002, p. 55).

O evangelho de Marcos apresenta uma narrativa da cura de um endemoninhado.

E foram para casa. E tornou a juntar-se à multidão, tanto que eles nem podiam comer. Ouvindo isto, seus parentes saíram para o levar, pois se diziam: “Ele está fora de si”. Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: “Está possuído de beelzebul” e: “Por virtude do príncipe dos demônios, expulsa os demônios”. Chamou-os ele a si e lhes disse em parábolas: “Como pode Satanás expulsar Satanás”? Se um reino está dividido contra si mesmo, não poderá durar este reino. E, se uma casa está dividida contra si mesma, não poderá subsistir. Se, pois, Satanás se levanta contra si mesmo e se divide, não poderá sustentar-se, antes é chegado o seu fim (Mc. 3,20 – 30).

Quando o demônio se instala e põe em prática seu projeto de debilitar a vida financeira de alguém, isso é manifesto no momento em que se vê impedida de ofertar. Os pastores de uma dada denominação neopentecostal, normalmente, ressaltam que é preciso reconhecer e identificar o inimigo, para que o combate resulte no triunfo do redentor. E, uma vez identificado onde fisicamente o demônio se “localiza”, e afirmando Deus como elemento positivo, potência superior ao demônio e destinado a vencer, este entra em cena para restituir a vida financeira amarrada. “Mas, há uma condição fundamental para que a vida que se encontra no “fundo do poço” consiga ser resgatada com sucesso, vitória e conquista, consiste em ofertar e desafiar. Eis o antídoto contra o veneno do maligno” (SILVA, 2007, p. 36).

O reconhecimento de uma força maligna atuante requer ritual de desobstrução que objetive sua expulsão e, para tanto, é preciso identificar e consumir. O pressuposto desse consumo está no poder da oferta que desafia e atrai. A expulsão do maligno está na coragem do desafio, no poder da oferta e no desejo do consumo. O foco do desafio está precisamente nisso: atrair o inimigo por meio da oferta para, no consumo, destroná-lo do seu poder, desobstruindo o caminho para um novo reconhecimento: o de Deus e da Igreja. No final de um culto da Igreja Internacional da Graça de Deus, o pastor ora pela vitória de uma batalha em que o inimigo foi identificado no seu mal:

Oh, Pai querido e Pai Amado! Você diz em sua palavra que aquele que confessa e deixa o pecado alcança a misericórdia do Senhor. E que, se nós confessássemos o Senhor será justo para nos purificarmos de toda injustiça. Oh, Pai querido e Pai Amado, perdoa cada uma dessas pessoas agora, faça

um esforço e dê vida de teu sangue, tira toda mágoa, todo ressentimento, todo ódio... Essa pessoa que não consegue se libertar do passado, oh, poder de Deus, entra em ação agora, em favor de cada uma dessas pessoas! E faça Senhor, faça em cada uma dessas criaturas uma nova pessoa, cheia de amor. E a partir de hoje, meu Deus, que ela venha colher os frutos por essa atitude que ela tomou nesta tarde (SILVA, 2006, p. 161).

Diabo! Se for isto que você estava usando para amarrar a vida financeira desta pessoa, capeta do inferno, você perdeu mais uma batalha! Este povo pertence a Deus, está escrito na letra de Deus, você não pode tocar. Oh, Pai querido e Pai Amado! Nós te louvamos e te agradecemos. O Senhor é bom e sua misericórdia dura para sempre... O diabo perdeu mais uma batalha. Ah, minha irmã, meu irmão! Começa a agradecer a Deus pelo perdão d'Ele. (...) Ore agora por essa pessoa igreja, fala o nome dela agora, não deixa o diabo te enganar, limpa o seu coração diante de Deus, em nome do Senhor e Salvador (SILVA, 2006, p. 161).

O passado, por ser interpretado como diabólico, há de ser vencido, e a prescrição ritual para um novo comportamento, em face de uma árdua batalha contra o príncipe das trevas ou o “capeta do inferno”, é quem demarcará o novo ritmo que deve expressar a vida religiosa agora. O novo espaço de pertencimento e seus rituais não têm outro objetivo senão o de fortalecer os sentimentos de pertença coletiva ou de dependência de uma realidade moral superior que se deve acreditar salvar o indivíduo do caos, e da desordem em que está vivendo. O centro da regra ritual a se tomar como pressuposto, para liquidar toda agonia, é a oferta. Ofertar deve ter como intenção debelar o mal que tranca o caminho da prosperidade individual ou da própria família. Na resistência ao ato de ofertar, aí está em ação uma força demoníaca que não oferta, apenas engana. A ilusão que o diabo cria como quem dá algo de si para o bem, é preciso que seja vencida. A derrota do inimigo está em desafιά-lo e o conhecer em ação, saber de sua profundidade consumi-lo e expulsá-lo por ele mesmo. Essa é a estratégia divina para por fim ao domínio do maligno.

Transformar os deuses das religiões adversárias em demônios constitui antiquíssima prática na história do cristianismo, que principiou por demonizar os deuses da Grécia e de Roma. Dois milênios depois, crenças, rituais, deuses e guias dos cultos afro-brasileiro são classificados como demoníacos (MARIANO, 1999, p.111). A IURD desde o seu início tem como fundamento uma “guerra santa” contra o diabo e atribuição a este de todos os males da humanidade.

O discurso demonizante apresenta-se sobre três aspectos temáticos discursivos: o beligerante, o persecutório e o vitimizador.

O discurso beligerante está relacionado ao termo “guerra santa” e é usado pela IURD, no prefácio do livro de Macedo, Orixás Caboclos e Guias. Afirma que “Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do diabo” (MACEDO, 2000, p.14). Essa é uma estratégia antiquíssima na história do cristianismo, demonizar o inimigo.

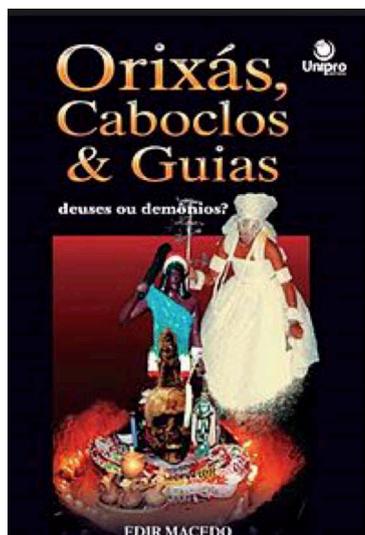


Imagem 7 – é o livro que expõe a demonologia iurdiana

O livro Orixás, Caboclos e Guias, são instrumentos que contribuem para compreensão dos mecanismos utilizados pela IURD para atrair fiéis e para legitimar e reforçar a sua identidade no campo religioso brasileiro. Esse livro também tem colaborado para criação de estigmas e para colocar em descréditos outras religiões consideradas concorrentes da IURD (SANTOS, 2010, p.11).

O discurso beligerante se baseia nos relatos dos exorcismos que Jesus realizou registrado nos evangelhos e seu comissionamento dado aos discípulos para expulsar demônios e curar enfermos (ALFARO, 2006, p.88).

A ausência do demônio na vida religiosa moderna corresponde a uma visão de mundo, da natureza e das relações humanas dessacralizada, racionalista, erudita, de acordo com a teologia liberal. No início do século XX nos EUA surge o pentecostalismo, que rompe de certa forma com as práticas religiosas convencionais, criando um campo religioso onde as práticas, mitos e crenças mágicas tinham espaço; estes novos grupos pentecostais reinstalam uma visão fundamentalista da Bíblia e sobretudo do Poder de Deus, que será radicalizada posteriormente pelos neopentecostais e muito especialmente com a Universal, que inaugura um novo discurso religioso, baseado justamente na guerra santa contra o demônio.

Apartir da década de 1980, com o surgimento da Universal, inicia-se o combate ao demônio e seus espíritos malignos, sendo este o ponto central da sua prática e retórica religiosa. Assim, em plena abertura democrática na década de 1980, o Brasil viu um novo grupo religioso desencadear uma nova guerra santa, renovada graças a uma retórica beligerante e agressiva. No livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* do bispo Macedo os demônios são responsáveis por todos os males que afligem a humanidade. Pode-se afirmar com bastante segurança que o tema da luta contra o demônio define a semântica global empregada no discurso iurdiano (ALFARO, 2006, p.90).

O discurso persecutório da Universal estabelece uma perspectiva persecutória contra o mal, sendo sua figura principal o diabo e seus espíritos malignos que devem ser enfrentados e vencidos. A IURD empodera-se neste fim por acreditar que foi escolhida por Deus para este combate.

O bispo Macedo em seu livro “O Poder Sobrenatural da Fé” compreende as religiões espíritas, afro-brasileiras e orientais como obra e reduto diabólicos, sendo seus membros regidos pela ignorância, estupidez e idolatria. Acredita que quem segue essas religiões é submisso aos demônios, sendo “fábrica de loucos e uma agência onde se tira passaporte para a morte e uma viagem para o inferno” (MACEDO, 2011, p.85). Desta forma, rege-se por um comportamento agressivo e intolerante para com estas religiões, tendo em vista ter recebido uma ordenança divina de perseguir o demônio onde este estiver.

Parte de uma ideologia religiosa em que se propoe a libertar os endemoniados onde quer que estejam, quer queiram ou não. Diversas situações já foram amplamente noticiadas envolvendo agressões e até mesmo invasões a terreiros e festas religiosas, até mesmo católicas (ALFARO, 2006, p.92).

O discurso vitimizador da IURD baseia-se na compreensão de que por defender tão veementemente a sua fé e seguir as ordenanças de Deus, sofre uma perseguição demoníaca das demais religiões e até mesmo do poder público. “E se tratando da prisão do bispo por sonegação fiscal e outras acusações, ele se vitimiza com tamanha audácia de se comparar ao próprio Cristo, dizendo-se orgulhoso por estar preso em nome de Deus, crendo na justiça divina, ao final” (ALFARO, 2006, p.94). Com este discurso de vítima, passou a usar o episódio a seu favor, para se capitalizar e para aumentar o seu carisma junto aos seus fiéis.

A denúncia contra o bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus não é a primeira da história da igreja. Em 1992, Edir Macedo foi preso e ficou 15 dias na cadeia.

Conforme reportagem do Jornal Estadão, 2009, Macedo cometeu sonegação fiscal em outubro de 2007, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica em fevereiro de 2008. A Polícia Federal indiciou Macedo por falsidade ideológica e uso de documentos falsos, suspeito de ter fraudado uma procuração de seu ex-sócio Marcelo Nascente Pires para assumir a emissora de TV Vale de Itajaí, repetidora da Record na região e estelionato em 1992, o Ministério Público denunciou Edir Macedo por "delitos de charlatanismo, estelionato e lesão à credence popular". Ele ficou preso por 15 dias.

Os vários discursos iurdianos

O discurso de desobstrução iurdiano demarca o início de um processo de fortalecimento da autoestima. Identificar, consumir e expulsar o demônio que se acredita “trancando a rua” ou “amarrando a vida” é a possibilidade de agora em diante poder reunir-se com o novo grupo de pertencimento e primar pela estima individual. O demônio é experiência de desamor e de desrespeito pela pessoa possuída. Quem com o demônio se encontra, consigo mesmo se desencontra. A vida para ser próspera deve sofrer desamarrações:

[O pastor] pediu a todos aqueles que tinham dinheiro a receber e estavam amarrados que, chegassem até à frente do altar. Muitos vão. Iria orar por essas pessoas e por todos aqueles que estão com o “capeta” amarrando o dinheiro, a justiça, impondo miséria. É o momento do “Sai”, dito com muita ênfase por ele, enquanto todos, de cabeça baixa e olhos fechados, oram, em voz alta, junto com o pastor. Ao final, um “Sai” bem forte. O ambiente foi tomado por emoção tão forte, que o grito de todos, em uníssono, dizendo “Sai” várias vezes, nos deu arrepios! Todos voltam, em seguida, aos seus lugares. (Corri meus olhos sobre a membrezia ali presente e senti todos mais aliviados. Afinal, o “capeta”, figura tão presente no recinto e, ao mesmo tempo, tão combatido, por ser o grande foco ao qual são imputadas todas as ações maléficas, parece ter sido afastado do centro) (SILVA, 2006, p. 153).

Entre os casos de possessão de mulheres está o de uma mulher evangélica há muitos anos.

Conheci uma senhora membro de uma igreja evangélica por dezoito anos consecutivos. Entendia a Bíblia e era assídua, tinha testemunho exemplar e exercia cargos na igreja. Um dia chegou em nossa igreja com a bíblia na mão e o braço direito muito inchado quando orei por aquela senhora ele se entortou bastante e começou a falar palavras desconexas e fazendo gestos estranhos (MACEDO, 2000, p. 116).

A preocupação neopentecostal de identificar, cotidianamente, a presença e ação do demônio na vida das pessoas como agente responsável pelos infortúnios, explica, em parte, o estratagema institucional de ser bem-sucedida nos seus negócios. Afinal, o insucesso na vida de um crente pode levá-lo facilmente a acreditar que uma ação maligna é sim o responsável pela desordem na sua vida. O rito de desobstrução se direciona para uma vida “bagunçada”, “desarrumada”, “possuída”.

O discurso do poder da cura iurdiano desenvolve sobre os temas curas, milagres, felicidades e prosperidade estratégias comunicativas que encontram grande receptividade entre a população sofrida e desejosa para obter tal graça. O discurso do fazer milagre é uma das principais estratégias de propaganda, assim, são transformados em objetos reificados pelo discurso religioso e investidos de valor.

A IURD faz da cura do sofrimento um diferencial em relação à maioria dos outros grupos religiosos. O trabalho religioso de cura, de modo geral, é oferecido especificamente como ingrediente nas mensagens de alguns grupos pentecostais e da quase maioria dos neopentecostais, que por definição buscam a cura divina, mas isso ocorre de forma particular na IURD, que afirma que pela fé em Jesus se curam todas as doenças e define a doença como tendo origem nas forças demoníacas.

A visão de mundo praticada na IURD divide-o entre o Bem e o Mal, sendo o homem disputado por forças antagônicas. O exorcismo ocupa um lugar de destaque na vida espiritual da IURD, sem ele não se poderá experimentar de uma vida plena, isto é, saudável e próspera (ALFARO, 2006, p.99).

A IURD elaborou uma lista de sintomas ou sinais de possessão demoníaca: “nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios, desejos suicidas, doenças sem causas conhecidas, visões de vulto ou audição de vozes, vícios, depressão” (MACEDO, 2000, p. 59-60).

Na IURD todo espetáculo é objetivado pelo lucro econômico, não é diferente no discurso da cura. A IURD se nutre do desespero, da fragilidade e da dor dos homens para obter seus ganhos financeiros, vender ilusão e a imagem que a IURD é a verdadeira representante do poder de Deus. “Por outro lado, na história da primitiva igreja cristã sempre existiu o dom de curar, haviam os santos chamados no oriente cristão de Anargyros (em grego: sem prata), que tinham como característica “curar sem receber dinheiro” (ALFARO, 2006, p.99).

O discurso de auto-ajuda iurdiano é umas das mais fortes características do discurso iurdiano. Denota a recomendação de autoconfiança; o fiel deve crer nele mesmo, em sua capacidade individual. A estratégia oferecida pela IURD, baseada na Teologia da Prosperidade, estimula o fiel a ser participativo nos cultos, deve doar ofertas e dízimos e reivindicar perante Deus aquilo que lhe pertence por direito. O homem tem de ir à luta e buscar a Deus com revolta, que neste caso, assume um sentido de inconformidade com a própria situação: doença, pouco dinheiro, ser empregado assalariado ou desempregado, não ser feliz no amor, desunião com a família e outras situações que não projetam o homem socialmente, psicologicamente e espiritualmente.

Uma outra característica marcante na IURD é que o discurso de auto-ajuda permeia a ideologia iurdiana. Os pastores enfatizam em seus dizeres que depende apenas de cada um de nós o que será feito de nossas vidas, pois quem decide nosso destino somos nós mesmos.

O fiel que participa dos propósitos de fé, ou seja, ofertas materiais e dízimos estabelece uma espécie de contrato com Deus, que a partir daquele momento, fica obrigado a cumprir as maravilhas na vida do fiel. Os pastores da IURD apresenta o funcionamento da relação fiel com Deus afirmando que Deus deseja ser nosso sócio e as bases da sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer. O discurso proferido pela IURD induz o fiel a refletir seu merecimentos e sobre que postura deve tomar diante da vida profissional, social, familiar e individual.

O ensino iurdiano da auto-ajuda é marcado pelo forte discurso mercadológico e pelo frágil fundamento bíblico/doutrinário. A IURD assume uma postura totalmente oposta às Escrituras Sagradas e à tradição dos valores religiosos católico e protestante e ressignifica muitos postulados bíblicos, apresentando uma nova visão e interpretação distorcida do evangelho.

O discurso iurdiano de legitimação tem como estratégia defender seu discurso que a sua missão tem origem divina, essa mais é a importante justificativa. Esse é o discurso de Macedo. Defende que teria sido recebida por inspiração de Deus.

Temos ministrado o evangelho de Jesus Cristo na sua pureza e integridade e por obra do Espírito Santo, nossa igreja foi levantada para um trabalho especial (MACEDO, 2001, p. 9).

Segundo Campos (1997, p.397) a Universal tornou-se “urna associação hierocrática compulsória”, graças à sua organização continua sob a autoridade de um homem só ou de um pequeno grupo, que mantém autoritariamente o monopólio dessa coerção. Por isso, a obediência, conseguida por coerção ou persuasão, é o alicerce sobre o qual repousa a IURD como instituição religiosa.

Macedo através dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido por todo Brasil e no exterior, tem desencadeado uma verdadeira guerra contra toda obra do diabo (MACEDO, 2000, p. 9).

Macedo se legitima pela sua vasta experiência. Se apresenta como um especialista em demonologia. A legitimidade de seu discurso está na posição que ele ocupa dentro da igreja, como bispo primaz dela (DIAS; CAMPOS, 2012, p.359). Como afirmamos acima, ele é um líder centralizador e carismático, esse seria o motivo do sucesso do seu ministério e dos seus escritos entre fiéis.

Quando obedece-se a uma pessoa por força da autoridade moral que é reconhecida nela, segue-se os seus conselhos não porque pareçam prudentes, mas porque uma energia física de determinado tipo é imanente a ideia que tem-se dessa pessoa, a qual doma as vontades e a inclina no sentido indicado.

O autor acusa praticamente todas as religiões, com o foco nas de matriz africana, kardecismo, catolicismo e protestante. Para ele todas elas são usadas pelo diabo para enganar o povo:

No candomblé oxum, iemanjá e ogum entre outros demônios, são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais o para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os espíritos desencarnados ou espíritos menores, chamados caboclos, pretos velhos, crianças. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém ou obter favores por meios ilícitos etc. No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina (MACEDO, 2000, p. 14,15).

Porém, o autor não diz manifestar ódio por pessoas dessas religiões, ao contrário considera-as enganadas e considera-se fazendo um favor, pois a sua igreja é aquela capaz de prover a libertação dessas pessoas, e a prova disso é o número de ex-pais-de-santo que fazem parte de sua igreja:

Na nossa igreja, temos centenas de ex-pais-de-santo e ex-mães-de-santo, que foram enganados pelos espíritos malignos durante anos. Depois de assistirem a uma de nossas reuniões motivadas pelos programas de radio ou

televisão, ou levados por alguma pessoa que já frequentam nossos cultos, se transformam em novas criaturas (MACEDO, 2000, p. 17).

O discurso religioso da IURD poder ser caracterizado como uma prática sociodiscursiva, pois transmite um sistema de crenças sobre as relações do homem com um espírito superior, a divindade, sempre mediadas pela organização religiosa já referida, através de seus pastores e obreiros. Durante toda história da humanidade, a crença religiosa sempre funcionou como um instrumento de coerção social, bem eficiente por sinal, criadora de códigos éticos e morais que direcionam o comportamento das pessoas na sociedade (DIAS; CAMPOS, 2012, p.360).

Oro definiu demonização como “um recurso simbólico posto em prática por religiões que competem entre si para arregimentar fiéis e para se impor legitimamente” (apud NERY, 1997, p.81). A demonização feita pela IURD é estratégia de “esvaziamento do significado do discurso do outro”. No mercado religioso, é fato haver consumidores ávidos por esse tipo de literatura.

O interesse pela figura do demônio é visto também pelo sucesso de filmes como *O Exorcista* e *o Exorcismo de Emily Rose*, não é um interesse exclusivo de evangélicos. No Brasil, solo do cristão-católico e protestante, desde a chegada dos africanos como escravos suas religiões foram identificadas como pertencendo ao diabo. Portanto, o discurso contra religiões afro de Edir Macedo tem sido uma constante na história brasileira. Característica de seu discurso é a centralidade pelo diabo. Algo interessante no discurso iurdiano é que não somente se combate outras religiões, mas se apropria de elementos delas para se autoconstituir, assim, a IURD termina ficando parecida com as religiões que tanto condena. Isto torna possível o trânsito religioso entre a IURD e as religiões afro-brasileiras (DIAS; CAMPOS, 2012, p.361).

Mariano (1999, p.110) tem defendido que a intolerância religiosa iurdiana para com religiões afro, “ocorrem por estas serem as maiores concorrentes da IURD no mercado de soluções simbólicas e de prestação de serviços religiosos”. Interessante notar que Macedo dedica seu livro “a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil, considera que todos eles mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de esclarecimento” (MACEDO, 2000, p. 10). Assim, mostra-se a face amorosa da intolerância, que se reconhece o seu oponente como merecedor, classifica-o também como ignorante, precisam de esclarecimento. Um dos modos de estigmatizar um grupo é atribuir-lhe o conceito de inferioridade, e é isso que o discurso iurdiano faz.

Macedo critica outras igrejas por se perderem em tradições e teologias e se esquecerem de viver no poder de Deus. Essa é a explicação que ele dá para o caso dessa senhora:

As igrejas chamadas clássicas ou tradicionais com os anos deram lugar à tradição dos homens, são ex-emplos de igrejas que podemos chamar de fracas. Creio que há um demônio chamado 'exu tradição' que penetra sorrateiramente, obrigando os membros da igreja a atenderem tão somente para usos, costumes e normas eclesiásticas, de modo que entra a fraqueza espiritual de comunidade e que estas se esquecem dos princípios elementares da fé (MACEDO, 2000, p. 122).

O discurso de manipulação iurdiano apresenta uma relativa unidade temática e ideológica, proveniente de uma rígida estrutura institucional conferida pela administração carismática e a autoridade incontestável de Edir Macedo. Isto implica também o controle dos pastores e bispos manifesto através de uma rígida hierarquia, ao mesmo tempo em que a rotatividade não permite que os pastores e bispos fiquem muito tempo em um lugar, o que resulta na dependência total destes à instituição (CAMPOS, 1997, p.393).

Um dos mecanismos de controle discursivo mais usados é a participação em correntes de fé; o fiel tem que participar na corrente durante várias semanas, não pode faltar um dia sequer, do contrário "quebra a corrente". A participação contínua reforça a repetição frenética de idéias, frases, sugestões em clima emotivo, realizada através de grandes concentrações de pessoas, o que provoca efeitos persuasivos e psicológicos muito fortes, descargas emocionais intensas que influenciam suas decisões e escolhas, o que acarreta a perda da função crítica.

A sugestibilidade é um dos pontos mais críticos a serem investigados para compreender os mecanismos retóricos de persuasão neste tipo de contexto de produção de sentidos. A adesão do fiel, embora pessoal e única, ocorre sempre no meio de multidões num clima propício e contagiante. Estas condições de produção discursiva não podem ser desconsideradas (ALFARO, 2006, p.247).

3.3. O discurso iurdiano nas etapas do discurso da retórica Aristotélica

A religião tem empregado a retórica, tanto quanto outras áreas da vida humana, com a finalidade de persuadir, construir cosmonogias e teodicéias e atrair pessoas para o seu círculo de influência.

Uma diferença fundamental entre o discurso religioso e os outros: nos outros discursos a que foram referidos, esses lugares são disputados e a retórica é uma retórica de apropriação. O sujeito se transforma naquele do qual ele ocupa o lugar. (...) No entanto, isso não se dá no caso do discurso religioso. O representante, ou seja, aquele que fala do lugar de Deus transmite Suas palavras. O representa legitimamente, mas não se confunde com ele, não é Deus. E daí deriva a “ilusão” como condição necessária desse tipo de discurso: o como se fosse sem nunca ser (CAMPOS, 2014, p.41).

O discurso religioso segue padrões de especificidade diferentes de outros discursos nos quais o emissor fala ao receptor por si mesmo. Neste discurso, o comunicador interpreta uma mensagem que não o pertence, ele apenas representa o real emissor, Deus. Ao elaborar o discurso transmitindo uma mensagem supostamente divina, o representante religioso construirá um texto impregnado de significações próprias e pareceres individuais.

No discurso religioso, o emissor possui o poder pela palavra. Diante desta afirmação, observa-se que a fé parece ser bastante e suficiente à comunidade religiosa, o discurso religioso não necessita dispor de comprovações empíricas para que seja validado. Sua sustentação advém de dois aspectos importantes e específicos desta tipologia discursiva: sua autoria indiscutível e a possível punição pela transgressão. Os mandamentos de Deus, mesmo que representados por emissores diversos, mantêm seu caráter irrevogável como o discurso do Ser Maior. E o receio da pena imposta pela transgressão das leis de Deus justifica a submissão dos fiéis.

Para Leonildo, retórica é o estudo das condições e características de um discurso elaborado com o objetivo de se conseguir persuasão dos destinatários. Como tal, o discurso nas organizações, é o espaço de legitimação, da construção de uma situação favorável ao emissor. É por meio da linguagem que se constrói esquemas de classificação, imensos edifícios de representação simbólica.

Nesse sentido a retórica se liga ao poder de impor a recepção.

Mas é importante notar, ainda segundo Bourdieu (1996:37), que “toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem o seu impacto, uma forma de cumplicidade.” Daí ser importante averiguarmos tanto a capacidade desse empreendimento de impor significado, como a maneira pela qual sua retórica é aceita, interiorizada e trabalhada, mental e emocionalmente pelos destinatários (CAMPOS, 1997, p. 11).

Para analisar a retórica da IURD emprega-se as etapas do discurso, tal como foram analisadas pela retórica clássica de Aristóteles: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio* ou *memoria*.

Inventio (invenção) nesta etapa busca-se provas do que está sendo falado. *Inventio*, de acordo com Aristóteles, envolve "descobrir os melhores meios disponíveis de persuasão". Pode parecer simples, mas a Invenção é possivelmente a fase mais difícil na elaboração de um discurso ou peça de escrita, pois estabelece as bases para todas as outras fases; deve-se começar do nada para construir a estrutura da sua peça. Durante a Fase de Invenção, o objetivo é debater ideias sobre o que você vai dizer e como você vai dizer, a fim de maximizar a persuasão. Este primeiro momento corresponde ao levantamento de provas, quando o locutor precisa "achar o que dizer".

A segunda fase é a de comover, para a qual mobiliza-se tudo o que for possível, com o objetivo de se atingir a subjetividade do receptor. A maneira do pastor iurdiano organizar o "que dizer", tanto no púlpito como na televisão e rádio, passa pela coleta de exemplos, tirados do cotidiano de sua audiência, possibilitando que os receptores saiam do particular concreto, para o nível geral, abstrato.

Essa estratégia é de fácil identificação, quando um "convertido" ou "curado" é colocado diante de todos, de preferência das câmaras de televisão, para narra as bênçãos recebidas de Deus em sua ou família. Os atos "milagrosos" são as famosas *pistheis atechnoi*, as provas extrínsecas sacadas de uma coleção e devidamente organizadas pelo orador. Todavia, na retórica iurdiana, a Bíblia é apenas uma dessas "províncias de significado", e assim mesmo, sujeita a uma leitura simbólica. Além dessas "tópicas", a IURD também retira daqueles lugares comuns encontrados no conhecimento religioso católico popular, afro-brasileiro e de um "depósito" internacional de mitos e símbolos disseminados pela mídia em nível mundial.

Dispositio (Disposição), Por em ordem. É simplesmente a organização de um discurso ou texto para garantir a máxima persuasão. Os retóricos clássicos dividiram um discurso em seis partes diferentes. Eles são: Introdução (*exórdia*), Declaração de Fatos (*narratio*), Divisão (*partitio*), Prova (*confirmatio*), Refutação (*refutatio*) e Conclusão (*peroratio*).

Na Igreja Universal, o culto inteiro é um ato retórico que, começa com uma oração, cantada ou falada, e se prolonga em outras múltiplas tentativas de sedução

do público. Através da retórica, o pastor conduz a experiência religiosa dos fiéis, dirige o espetáculo e as ações coletivas, obtendo uma participação praticamente unânime do público presente.

Leonildo diz que o discurso narrativo dos milagres e prodígios realizados por Jesus na IURD, também pode ser dividido em quatro partes:

exórdio, narratio, cor firmatio e epílogo, situadas tensionalmente entre o que o fiel era e o que ele agora é, graças à intermediação dos “serviços sagrados” da Igreja. O “pastor-entrevistador” provoca o arranque narrativo, dizendo ao fiel: “Conte para nós, fulano, o que Cristo fez por você na Igreja Universal do Reino de Deus”. A partir daí o “depoente” passa a contrastar o passado com o presente, insistindo sempre no ponto de alternância no qual ocorreu a mudança qualitativa de vida (CAMPOS, 1997, p.306).

Assim, segundo Leonildo, a IURD é apresentada como a responsável pelo desencadeamento daquela ação e por ter criado condições para a inibição das forças contrárias ao processo de transformação. O pastor é o “homem de Deus”, que afasta tudo que obstaculariza o progresso do fiel no novo caminho de fé (CAMPOS, 1997, p.307).

Elecutio (Elocução), ornamento ou arte de apresentar o discurso. Quando as pessoas escrevem memorandos ou proferem discursos persuasivos, o foco geralmente está no que eles vão escrever ou dizer. Embora seja importante que você tenha algo substantivo para dizer, também é importante apresentar suas ideias. O cânone de estilo ou elocução irá ajudá-lo a apresentar suas idéias e argumentos para que as pessoas queiram ouvi-lo.

Leonildo aplicando o discurso iurdiano na terceira fase da retórica apresentada por Aristóteles que é *elocutio*, defende que é nesse momento da retórica, quando o locutor escolhe e reúne as palavras que farão parte do discurso, segundo a lógica adotada (CAMPOS, 1997, p.307).

Leonildo sustenta ainda que nesse fase *elocutio*:

É importante, além da dicção e da teatralização do discurso, o emprego de palavras emocionalmente fortes, cujos significados extrapolam o nível lógico e racional (CAMPOS, 1997, p.307).

Na retórica iurdiana há “palavras fortes” usadas para designar a vida pregressa dos fiéis, que era uma vida “destruída”, “derrotada”, “difícil”, “dominada”, “arrasada”, “fechada” e “bloqueada por demônios” (CAMPOS, 1997, p.308).

O ponto mais baixo atingido pela pessoa em sua queda recebe o nome de “fundo do poço”, e a única saída para quem está nessa situação é a libertação. Desse modo, o fiel pode encontrar a sua vitória na IURD dando um passo de fé.

Actio ou memoria (Ação), os antigos oradores tiveram que memorizar seus discursos e poder dar-lhes notas ou folhas de berço. Observar como um modo de lembrar as coisas era muitas vezes desprezado em muitas culturas antigas. Em seu Fedro, Platão tem Sócrates anunciando que a confiança em escrever a memória enfraquecida.

Os atos retóricos da IURD buscam diminuir a distância entre o discurso e a ação na medida que se apresenta como uma “igreja de resultados”. Dessa forma, ela procura se destacar num mercado, onde há muitos charlatões e oradores com retóricas vazias de *actio*:

Mas a sua retórica fala de um Deus que age, cuja ação se dá de uma forma espetacular, num determinado lugar, no templo iurdiano. Sobre a eficiência dos pastores iurdianos. Porém, vale a pena recordar que a gestualidade é a forma pela qual o corpo fala. Os latinos diriam: *sermo corporis*, englobando nessa expressão tanto os gestos como as palavras, pois ambos desempenham funções de signos no ato retórico, pessoal ou televisivo (CAMPOS, 1997, p.310).

Leonildo conclui essa aplicação da último momento de Aristóteles, ação ou memória, afirmando que “no discurso iurdiano, a repetição de slogans facilmente retidos na memória, detona os sistemas compactos, que a pessoa traz consigo ao aderir à Igreja Universal e, ao mesmo tempo, propicia bases sobre as quais se dá a aproximação entre o orador e os receptores de seu discurso” (CAMPOS, 1997, p.310). Assim, o pregador iurdiano se posiciona no próprio centro desse processo de fabulação e de reconstrução da memória coletiva.

Considerações finais

Na comovisão iurdiana, a Satã ou Diabo foi atribuído um significado particular. O Diabo torna-se o grande adversário de todo o Bem. A IURD utiliza-se do discurso de enfrentamento ao Diabo como estratégia para se legitimar e com isso demoniza toda e qualquer pessoa ou religião que se interpõe a sua pregação. Toda ato de violência e mentira são características intrínsecas ao Diabo e, juntamente com sua figura, vem à tona o problema da livre opção de todos e de cada um dos homens entre o Bem e o Mal. Dessa polarização resulta que tudo que afasta os homens de Deus é uma manifestação do Diabo.

A IURD, ao contrário do que alguns pensam, possui uma teologia própria e tem mecanismos sociais para interiorizá-la nas novas gerações de fiéis e pastores. É claro que não se trata de uma teologia tão sistematizada como as dos grupos religiosos históricos. Entretanto, ela tem em comum com alguns outros pentecostais um caráter anti-intelectualista muito forte. A IURD não possui seminário teológico e os livros assinados por Macedo são apresentados como suficientes teologicamente para alimentar os seus pastores e bispos.

A demonologia iurdiana resulta da realização de dois movimentos. De um lado, a recuperação e aceitação das representações e concepções acerca das forças maléficas que acompanham a própria história do cristianismo, e, de outro lado, a identificação das forças do mal sobretudo nas entidades espirituais que compõem o panteão das religiões afro-brasileiras. A representação de uma figura invisível associada ao mal - denominada demônio, diabo e satanás.

Para a IURD, o diabo é o causador de todas as doenças, conflitos, desempregos, alcoolismo, é ele quem impulsiona alguém ao roubo ou a qualquer crime. Nesta visão, se nega a responsabilidade humana e conseqüentemente as origens históricas do mal e do bem.

No primeiro capítulo foi proposta uma investigação histórica na tradição cristã sobre o mal e o Diabo e suas implicações para a vida do homem. Para isso, foi traçada uma linha do tempo passando pela era antiga, tendo como personagem principal Agostinho, pela era medieval, Tomás de Aquino e finalizando com a era moderna, com os reformadores Lutero e Calvino.

O bispo de hipona sobre o problema do mal concluiu propondo duas soluções para problemática em estudo. A primeira pela doutrina dualística dos maniqueus (o

dualismo era marcado pela luta constante entre o bem e mal), a qual aponta que a origem do mal está centrada no homem. Não satisfeito com a solução proposta pelo maniqueísmo, o bispo de Hipona continuou sua peregrinação em busca por respostas que trouxessem paz a seu espírito angustiado. Daí, tem-se a segunda formulação proposta como solução oferecida por Agostinho, quando se defronta com a filosofia neo-platônica, a partir da categoria do “não-ser”. Assim, passa a desenvolver sua resposta sobre o mal afirmando que tudo que existe é bom e o mal não é substância.

Na idade média, o doutor da igreja, Tomás de Aquino, infere que Deus é o bem de todos os bens, o sumo bem. Aquino, ao se ocupar com a questão do mal, norteou-se pela precedência ontológica do bem ao conceber que somente esse possui substância, enquanto o mal se caracteriza pela ausência da mesma, uma espécie de não-ser, carência de um bem devido. Com efeito, a bondade de qualquer coisa é a sua perfeição. Aquino conclui que Deus, sendo simplesmente perfeito, compreende na sua perfeição todas as perfeições das coisas e sua bondade compreende todas as bondades. Logo, é o bem de todo bem.

No pensamento de Aquino chega-se a conclusão que o mal também tem sua relação com as ações do diabo sobre a humanidade. O homem pode, por si mesmo, cair em pecado; mas não pode obter mérito senão pelo auxílio divino, dado ao homem pelo ministério dos anjos. Por isso os anjos cooperam para todos os nossos bens, mas nem todos os nossos pecados procedem da sugestão dos demônios, embora não haja nenhum gênero de pecados que às vezes não provenham dessa sugestão.

Conclui-se nesse trabalho que o ponto essencial na teologia da IURD é o exorcismo que é a libertação, a porta de entrada para uma “vida saudável”. Exorcizar é afugentar, em nome da divindade, espíritos maus que interferem na rotina da vida. A aceitação da teoria do exorcismo implica na concordância com a tese da possessão individual pelas forças demoníacas, assim com a idéia de que o mundo é um campo de batalha entre Deus e demônios.

Observa-se que o exorcismo realizado pelos pastores nos cultos da universal não é apenas para abrir os caminhos das pessoas que estão “possessas”, mas para sua consolidação como instituição religiosa ante as outras religiões e obtenção de ganhos financeiros.

Por isso, optar pela fé na IURD envolve um rompimento com satanás,

causador de todos os infortúnios que afetam os seres humanos, desde o desemprego, doença (pois os demônios se alojam no corpo das pessoas), má sorte, desavenças familiares e até a homossexualidade. A possessão pode ser causada por práticas religiosas anteriores das pessoas, mas há também outras que vêm dos antepassados, que são os “demônios hereditários”, cujo exorcismo implica em uma “quebra de maldições”.

O exorcismo é um momento importante no culto da IURD, não pela finalidade de libertar e curar pessoas que estão sofrendo, antes, porque aprisiona os fracos e oprimidos. Esse é o momento que a IURD dramatiza diante do público a velha luta entre o bem e o mal. Um grande talk show. Então, com a participação de todos, após a “oração forte”, os demônios são expulsos. Os demônios geralmente são invocados pelos seus nomes (tirados do panteão das entidades dos cultos afro-brasileiros), quando algumas pessoas se apresentam nos cultos *iurdianos* como possuídos por eles.

Conclui-se ainda que Edir Macedo é o “poderoso chefão” da fé. Lucra financeiramente com a desilusão, fraqueza e dor alheia de homens e mulheres debilitados espiritualmente que buscam a IURD por estarem desesperados pelas diversas circunstâncias da vida. Edir é o verdadeiro “vendedor de ilusões” que só deseja lucrar economicamente tirando proveito do seu semelhante. É o mau pastor anunciado pelo profeta Ezequiel, “são maus pastores que em vez de alimentar as ovelhas, cuidam apenas de si mesmos, comem a carne e usam a lã para fazer belas roupas, deixando o rebanho passar fome”. Não cuidam das ovelhas fracas, não curam as doentes e machucadas, não trazem de volta as ovelhas que se afastaram do rebanho, nem foram procurar as ovelhas perdidas.

A redução da categoria religiosa “prosperidade” ao econômico-financeiro desenvolve na membração de várias expressões de tipo neopentecostal (Igreja Mundial do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus), um sentimento religioso em que a comunicação pessoal com o sagrado (leia-se espiritualidade) não só é mediada pelo dinheiro, mas também neste centrada (ELIAS, 2006, p.102).

Observa-se também que a IURD tem uma enorme dificuldade, mas ao mesmo tempo, uma intensa necessidade de conviver com os contrários. A idéia da “guerra santa” se faz presente mesmo quando o seu discurso enfatiza a aproximação e a “unidade do povo de Deus”. Porém, a IURD nada é sem os seus inimigos e adversários. “É deles que ela tira o combustível para o crescimento e criação de sua

identidade. Trata-se de uma expansão que depende da manutenção de um *status quo* culturalmente favorável a ela e que mantenha atuantes os seus adversários” (CAMPOS, 1998. p.20).

As principais obras consultadas foram os livros: Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?, Uma biografia autorizada – O bispo, e em dois livros da série autobiografia – Nada a Perder 1 e 2. Os vídeos produzidos pela IURD com a participação de Macedo e a página site oficial da IURD serviram como fontes secundárias para elaboração desse trabalho. Não foi alvo desta pesquisa a Folha Universal, que é o jornal semanal da Igreja Universal do Reino de Deus, no entanto seria de grande riqueza as informações semanais produzidas para a sua membresia, todavia esse material não está mais disponível no site da IURD.

A proposta de continuidade desta pesquisa, considerando o mesmo objeto de estudo, surge ao observar que em uma década houve mudanças importantes no discurso e na postura de Macedo procurando acomodar-se ao desenvolvimento econômico e intelectual dos futuros fiéis. O número de brasileiros que professam a fé evangélica cresceu mais de 6%. Mas os novos crentes não aderiram a Universal. Ao contrário. Entre 2000 e 2010, o número de seguidores da fé de Edir Macedo só encolheu e cerca de 200 mil pessoas deixaram os bancos das suas igrejas, segundo dados do último Censo (2010). A evolução social da classe média exige transformação no discurso e na estética da nova IURD. Macedo sabe que tem que haver mudanças. E constata-se que ele caminha para um discurso mais racional e menos dependente do milagre. Esse seria nosso ponto central numa próxima pesquisa.

Referências

A Demonologia Neopentecostal. Disponível em:
<<https://afeexplicada.wordpress.com/2011/05/08/a-demonologia-neopentecostal/>>
Acesso em: 01 nov. 2018.

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **A cidade de Deus (contra os pagãos).** Parte II. Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **A graça (I) O espírito e a letra – A natureza e a graça – A graça de Cristo e o pecado original.** São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã.** São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Confissões.** São Paulo: São Paulo: Paulus, 2016.

_____. **Contra os acadêmicos; a ordem; a grandeza da alma; o mestre.** São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Reflexões e estudos.** Org. Pedro Gilberto da Silva Leite Junior, Lucas Duarte da Silva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

_____. **Solilóquios e a vida feliz.** São Paulo: Paulus, 1998.

ALMEIDA, Ronaldo. **A igreja Universal e seus demônios.** Um estudo etnográfico. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios.** Porto Alegre: EDIPURCRS, 1990.

_____, Tomás de. **Sobre o mal.** Editora: Sétimo Selo, 2005.

_____, Tomás de. **Sermão sobre o Credo**. Rio de Janeiro: Edição eletrônica, 2004.

_____, Tomás de. **Suma Teológica. Volume I, parte I**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____, Tomás de. **Suma Teológica. Volume II, parte I**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____, Tomás de. **Compêndio de Teologia**. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Famrhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BARBIERI, Uberto. **John Fletcher**. Disponível em: <<https://arminianismo.wordpress.com/john-fletcher/>> Acessado em: 5 de Setembro de 2018.

BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. São Paulo, Letras & Ideias, 2009.

BELLOTTI, Karina. Pluralismo Protestante na América Latina. In: **Religião e Sociedade na América Latina**. São bernardo dos Campos, 2010.

BLEDSOE, David Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro**: IURD: um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANDELLERO, Neuza de Fatima. **De beata vita de Santo Agostinho: Uma Reflexão Sobre a Felicidade**. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/10/agostinho-e-o-maniqueismo.html>>. Acessado em: 10 de Março, 2018.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos**. Uma história da Igreja cristã. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: A igreja universal do reino de deus e as mutações no campo religioso protestante. São Paulo, USP, 1998.

_____, Leonildo Silveira. **Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira**: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. In: Revista de Estudos da Religião dezembro / 2008 / pp. 9-47.

_____, Leonildo Silveira. **Tensões entre a escrita hagiográfica e a historiográfica**: uma análise à luz da bibliografia e autobiografia de Edir Macedo – o primeiro triênio da História da Igreja Universal do Reino de Deus. In: História, narrativas e religiões: diálogos sob olhar da cultura. Recife: EDUPE: 2018.

CAMPOS, Nathally Regina Monteiro Nunes. **A persuasividade no discurso religioso**. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4089/2630>> Acesso em: 30 de dezembro. 2018.

CORREIA, Erisvaldo de Jezus Kyriakis. **A questão da origem do mal moral em Santo Agostinho**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/254973505/O-Mal-Moral-em-Santo-Agostinho>>. Acesso em: 02 Abril, 2018.

COSTA, Elcias Ferreira da. **Tratado dos demônios em Santo Tomás de Aquino**. Disponível em: <www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=3258> Acesso em: 10 Maio, 2018.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho**. EDIPUCRS/UNICAP, 2002.

_____, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

_____, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003.

COSTA, Rafael Vilaça Epifani. **O Novo Templo de Salomão**: O projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para o Brasil e o mundo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), UNICAP, Pernambuco, 2017.

DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS, São Paulo: CPAD, 2016.

DUFFIELD, Guy P. **Fundamentos de Teologia Pentecostal**. California, U.S.A: LIFE Pacific College, 2002.

ESTRADA, Juan Antônio. **A Impossível Teodicéia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

FAITANIN, Paulo. **Doutrina sobre o mal**. Disponível em: <<https://sumateologica.wordpress.com/2010/08/16/doutrina-sobre-o-mal/>> Acesso em: 25 Abril, 2018.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de Apologética**. Respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____, Etienne. **A filosofia na idade média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GODOI, Rodrigo Aparecido de. **O Mistério do mal no pensamento de Tomás de Aquino**. Revista Pandora Brasil Nº 59 - Outubro de 2013.

GONZÁLES, Justo. **Breve dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

GUERCIO, *Gelsomino Del*. **São Tomás de Aquino revela os truques do diabo contra homens**. <<https://pt.aleteia.org/2017/12/08/sao-tomas-de-aquino-revela-os-truques-do-diabo-contra-homens/>> Acesso em: 4 Maio, 2018.

HAMMOND, Frank Davis. **Porcos na Sala**. São Paulo: Bom Pastor, 1973.

KENNY, Anthony. **Nova história da filosofia ocidental**. Editora: Edições Loyola, 2009.

LACERDA, Noara Pedrosa. **A enunciação no discurso religioso em testemunhos de fiés da IURD**. Dissertação de Mestrado em linguística, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba-PB, Defesa em: 2010.

LEITE, Gisele. **A teoria dos Quatro Discursos**. Disponível em: <https://www.academia.edu/16131941/A_teor%C3%ADa_dos_Quatro_Discursos> Acesso em: 30 de dezembro. 2018.

LIBANIO, João Batista. **O problema do mal**. Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, Editorial, 2006.

LINHARES, Jorge. **Bênção e Maldição**. Belo Horizonte, MG: Getesêmani, 2017.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Batalha esperitual**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

LOPES, Daniel. **Os demônios da Igreja Universal**, Disponível em: <<https://www.revistaamalgama.com.br/07/2009/os-demonios-da-igreja-universal/>> Acessado em: 20 de Outubro de 2018.

LORENZINI, Walter Albrecht. **El problema del mal en San Agustín**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Peregrinante/el-problema-del-mal-en-san-agustn.pdf>>. Acesso em: 20 Abril, 2018.

Lutero e as Aparições do Diabo Disponível em: <<http://associacaosantoatanasio.blogspot.com.br/2015/03/lutero-e-as-aparicoes-do-diabo.html>> Acesso em: 30 nov. 2017.

MACEDO, Edir. **O BISPO: A História Revelada de Edir Macedo**. São Paulo: Larousse, 2007.

_____, Edir. **Nada a perder 1**. São Paulo: Planeta, 2012.

_____, Edir. **Nada a perder 2**. São Paulo: Planeta, 2013.

_____, Edir. **Orixás, Cablocos e Guias: Deuses ou Demônios?** São Paulo: Unipro, 2002.

_____, Edir. **O alvo principal dos demônios, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus.** Disponível em: < <https://noticias.gospelmais.com.br/bispo-edir-macedo-humano-alvo-principal-demonios-33408.html>> Acessado em: 01 de Novembro de 2018.

_____, Edir. **A Maioria Dos Pastores São Endemoninhados.** Disponível em: < <https://olharparaofim.blogspot.com/2013/03/bispo-edir-macedo-fala-sobre-libertacao.html> > Acessado em: 20 de Outubro de 2018.

_____, Edir. **O Poder Sobrenatural da Fé.** São Paulo, Unipro, 2011.

_____, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Editora Universal, 2000.

MARIA, Júlia. **Lutero As Aparições do Diabo** Disponível em: <<http://associacaosantoatanasio.blogspot.com.br/2015/03/lutero-e-as-aparicoes-do-diabo.html>> Acesso em: 30 nov. 2017.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARITAIN, Jacques. **Santo Tomás de Aquino y el problema del mal.** Disponível em: <http://www.jacquesmaritain.com/pdf/04_MET/10_M_MalSTA.pdf>. Acesso em: 30 Abril, 2018.

MARIZ, Cecília. **O demônio e os pentecostais no Brasil.** In: BIRMAN, P.; NOVAES, R. CRESPO, S. **O mal à brasileira.** Rio de Janeiro, 1997.

MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da teologia histórica.** São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

_____, Aderi Sousa de. **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. Fides Reformata, São Paulo, v. xi, nº2, Mackenzie, 2006.

MORAES, Gerson Leite de. **Os demônios de Santo Agostinho**. Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade, Campinas, nº 30, jan-dez 2016.

MORAES, Israel de Araújo de. **História do movimento Pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

OLIVA, Alfredo dos Santos. **A História do Diabo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

OLIVEIRA, José de. **História do movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã**. São Paulo Editora Vida, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Fontes, 1987.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. **Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PEÑA-ALFARO, Alex. **Ou Dá o Dízimo ou Desce ao Inferno: análise das estratégias de persuasão da Teologia da Prosperidade da Igreja Universal**. Olinda: Livro Rápido, 2006.

PERELMAN, C. **Tratado da argumentação**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. **Da Irrealidade dos atos mágicos ao pacto satânico: magia, bruxaria e demonologia no pensamento eclesiástico**. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2012/01/RitaPereira.pdf>>. Acesso em: 15 Abril, 2018.

PHILOTHEUS e Gilson, Etienne. **História da filosofia cristã**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

PINHEIRO, Amanda Sotero. **A intolerância religiosa e as religiões afro-brasileiras**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/AMANDA-SOTERO-PINHEIRO.pdf>> Acessado em: 27 de Outubro de 2018.

PORTELLA, Rodrigo. **Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de bourdieu, foucault e heller**. In: Fragmentos de cultura, Goiânia, v. 16, n. 7/8, p. 567-576, jul./ago. 2006.

REALE, G. Dario, Antiseri. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga, v. 1**. São Paulo, Paulus. 2003.

ROMEIRO, **Decepcionados com a graça**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SÁNCHEZ, Carlos Cardona. **Agustinismo en 20 lecciones**. Bogotá: Kimpres, 2003.

SANDRINI, Marcos. **As origens gregas da filosofia**. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, Stefano Alves. **Aspectos da retórica de aristóteles na epístola de paulo a filemom**. Tese de Doutorado em Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba-PB, Defesa em: 04 jun. 2018.

SANTOS, Valdelice Conceição dos. **O DISCURSO DE EDIR MACEDO NO LIVRO ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS. DEUSES OU DEMÔNIOS?: Impactos e impasses no cenário religioso brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, SP, 2010.

SIEPIERSKI, Paulo. **Pós-pentecostalismo e política no Brasil**. Estudos Teológicos, São Leopoldo-RS, v. 37, 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Edusp. 2007.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Viçosa, MG: ULTIMATO, 2004.

STANFORD, Peter. **O diabo: Uma biografia.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

SUÁREZ, José Suárez. **Pierre bourdieu y la religión: una introducción necesaria.** In: RELACIONES 108, OTOÑO 2006, VOL. XXVII.

SYNAN, Vinson. **O século do espírito Santo.** São Paulo: Vida. 2009.

VAN DIJK, T. **La Ideología.** Gedisa, 2000.

VARGENS, Renato. **Os 10 Principais Erros De Uma Pregação Neopentecostal.**

Disponível em: <<http://renatovargens.blogspot.com/2013/10/os-10-principais-erros-de-uma-pregacao.html>> Acessado em: 05 de Novembro de 2018.

WEILGES, Irineu. Cultura religiosa. **Temas religiosos atuais.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.